

COLECCION
HISTORIAS
SELECCION

JULIO VERNE

LAS INDIAS NEGRAS



EDICION ILUSTRADA

AS ÍNDIAS NEGRAS

JÚLIO VERNE

LIVRARIA BERTRAND

Digitalização e Arranjo

Agostinho Costa

As Índias Negras - Na cidade das trevas, onde os homens vivem como toupeiras, a riqueza e a morte têm o mesmo nome: carvão.

Uma Nova Colecção Ilustrada

Mais de meio século após a sua morte, Júlio Verne conquista a plena actualidade! Com efeito, o que no tempo do grande romancista francês era mirabolante ou fantástico, é presentemente uma realidade de que todos somos testemunhas. A Nova Colecção que apresentamos - inteiramente revista e incluindo ilustrações da edição original francesa assinala o espectacular ressurgimento de um escritor que só hoje encontra, verdadeiramente, o seu público.

OBRAS DE JÚLIO VERNE

Nesta Colecção

MIGUEL STROGOFF - 2 vols.
DOIS ANOS DE FÉRIAS - 2 vols.
A VOLTA AO MUNDO EM OITENTA DIAS
CINCO SEMANAS EM BALÃO
MATIAS SANDORF - 2 vols.
DOUTOR OX
VIAGEM AO CENTRO DA TERRA
A ESCOLA DOS ROBINSONS
VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS - 2 vols.
DA TERRA À LUA
À RODA DA LUA
TRIBULAÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA
AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E DE TRÊS INGLESES
OS QUINHENTOS MILHÕES DA BEGUME
CLOVIS DARDENTOR
A ALDEIA AÉREA

FAMÍLIA SEM NOME - 2 vols.
OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT - 3 vols.
A CASA A VAPOR - 2 vols.
A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN - 2 vols.
A ILHA MISTERIOSA - 2 vols. A
ESFINGE DOS GELOS - 2 vols.
UM HERÓI DE QUINZE ANOS - 2 vols.
AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS - 2 vols.
O PAÍS DAS PELES - 2 vols
AS ÍNDIAS NEGRAS

Próximo Volume

A Jangada - 2 vols.

As Índias Negras

Tradução DE PEDRO VIDUEIRA

LIVRARIA BERTRAND

LISBOA

ÍNDICE

CAPÍTULO I - DUAS CARTAS qUE SE CONTRADIZEM ...	7/0
CAPÍTULO II - A PARTIDA	17/0
CAPÍTULO III - O SUBSOLO DO REINO UNIDO	24/0
CAPÍTULO IV - AS HULHEIRAS DE ABERFOYLE	35/1
CAPÍTULO V - A FAMÍLIA FORD	48/1
CAPÍTULO VI - CASOS EXTRAORDINÁRIOS	60/1
CAPÍTULO VII - OS EFEITOS DO GRISU	67/2
CAPÍTULO VIII - A EXPLOSÃO	79/2
CAPÍTULO IX - A NOVA ABERFOYLE	85/2
CAPÍTULO X - O REGRESSO DA EXPLORAÇÃO	89/2
CAPÍTULO XI - AS DAMAS DE FOGO	100/3
CAPÍTULO XII - UM AMIGO CERTO NUMA OCASIÃO INCERTA	109/3
CAPÍTULO XIII - COAL-CITY	124/3
CAPÍTULO XIV - SUSPENSO POR UM FIO!	133/4
CAPÍTULO XV - O GÉNIO BOM DA MINA	145/4
CAPÍTULO XVI - PROJECTOS E CONFIDÊNCIAS	157/4
CAPÍTULO XVII - O CÉU E A TERRA	166/5
CAPÍTULO XVIII - UM PASSEIO PELOS LAGOS	179/5

CAPÍTULO XIX - UMA DERRADEIRA AMEAÇA	195/6
CAPÍTULO XX - O PENITENTE	206/6
CAPÍTULO XXI - O DIA DO NOIVADO	217/6
CAPÍTULO XXII - A LENDA DO VELHO SILFAX	224/6

DUAS CARTAS QUE SE CONTRADIZEM

"Para o senhor J. Starr, engenheiro,
Rua de Canomgate,

30

Edimburgo.

Pede-se ao senhor Jaime Starr o obséquo de se dirigir amanhã às hulheiras de Aberfoyle, travessa Dochart (1), poço Yarow, onde Lhe será feita uma comunicação da mais alta importância.

Harry Ford, filho do antigo overman (2) Simão Ford, encontrar-se-á na gare de Callander, à chegada dos comboios, esperando pelo senhor Jaime Starr, a quem se recomenda sobre este assunto o mais completo segredo."

Tal foi a carta que recebeu Jaime Starr pela primeira distribuição do dia 3 de Dezembro de 18... - carta carimbada com a marca do correio de Aberfoyle, condado de Stirling, Escócia.

Depois desta leitura, o engenheiro ficou visivelmente sobressaltado. Nem por um momento lhe passou pela ideia que semelhante carta pudesse conter uma mistificação. Servia-lhe para isso de garantia o nome de Simão Ford, que ele conhecia de longa data, e que fora um dos melhores contramestres

*1. Travessa é a galeria mais estreita que nas minas corta as galerias principais. (N: do T.)

2. Contramestre. (N. do T.)

8

das minas de Aberfoyle, onde o próprio Jaime Starr desempenhara durante vinte anos as funções de director - emprego que nas hulheiras inglesas é designado pelo nome de viewer.

Jaime Starr mostrava ser ainda um homem vigoroso a quem os seus cinquenta e cinco anos não tiravam a robustez dos quarenta. Pertencia a uma antiga família de Edimburgo, de que era um dos mais ilustres ornamentos. Trabalhador infatigável, as suas obras honravam a respeitável corporação desses engenheiros perseverantes, que vão a pouco e pouco devorando o subsolo carbonífero do Reino Unido, tanto em Cardiff e Newcastle, como nos condados inferiores da velha Caledónia. Entretanto, fora particularmente no fundo das misteriosas hulheiras de Aberfoyle que o nome de Jaime Starr conquistara maiores títulos à consideração dos homens de ciência. A sua vida tinha-se passado quase toda nessas hulheiras, cuja área abrangia uma parte do condado de Stirling. Além de engenheiro, Jaime Starr fazia parte da sociedade dos antiquários escoceses, de que era presidente. Figurava também entre os sócios mais activos e diligentes da Royal Institution, e na Revista de Edimburgo apareciam frequentes vezes

notáveis artigos devidos à sua pena. Era, como se vê, um desses sábios que juntam a prática à teoria, e a quem a Inglaterra deve a sua maior prosperidade. Jaime Starr ocupava, pois, um lugar proeminente nessa velha capital da Escócia, que, já sob o ponto de vista físico, já sob o ponto de vista moral, mereceu com justo fundamento a designação de "Atenas do Norte". Sabe-se que os ingleses deram ao conjunto das vastas hulheiras que possuem um nome extremamente significativo. Chamavam-lhes com razão as "Índias Negras", e estas Índias têm decerto contribuído mais que as próprias Índias Orientais para o fabuloso desenvolvimento da sua imensa riqueza.

10

É nelas, com efeito, que anda noite e dia enxameando um povo de mineiros, ocupado em extrair do subsolo do Reino Unido esse precioso combustível - o carvão de pedra-, elemento hoje indispensável às exigências da vida industrial.

Pelo tempo em que principia esta narração, ainda vinha longe o limite calculado para a definitiva extinção das minas carboníferas. Ninguém receava ver um dia escassear o carvão mineral. Pois não havia ainda que explorar em larga escala os jazigos carboníferos dos dois mundos? As oficinas, apropriadas a tão diversos ramos de trabalho, as locomotivas, as locomóveis, os barcos a vapor e as fábricas de gás podiam continuar, portanto, na sua labutação, que não lhes faltaria tão depressa o alimento indispensável às mil bocas das suas fornalhas.

O consumo tinha, porém, tomado proporções tais nos últimos anos, que algumas das minas já estavam esgotadas até os últimos filões. Desertas agora, essas minas sulcavam inutilmente o solo com os seus poços em ruínas e as suas galerias tão silenciosas.

Tal era precisamente o caso que se dava com as hulheiras de Aberfoyle.

Havia já dez anos que se extraíra deste jazigo o último alcofão de hulha. O material empregado nos trabalhos de mina: máquinas destinadas à tracção mecânica sobre os carris das galerias, caixas para a safra nos poços de extracção, carros formando os comboios de serviço, trâmueis subterrâneos, tubos a cuja compressão do ar se moviam os engenhos perfuradores - numa palavra, tudo quanto constituía a variada ferramenta de uma exploração fora retirado das galerias e deixado à superfície do solo. A hulheira, completamente esgotada, parecia o cadáver de um mastodonte de grandeza colossal, a quem tivessem roubado os órgãos da vida, deixando-lhe apenas á vista o formidável esqueleto. Deste imenso material só restavam algumas compridas escadas de madeira,

*1. Trabalhos de mina são os que se fazem no interior das galerias e trabalhos de contramina os que se realizam ao ar livre. (N. do T.)

11

lançadas sobre o poço Yarow, o único - depois de paralisados os trabalhos - que dava ainda comunicação à travessa Dochart. Da parte de fora do solo, as oficinas que haviam servido aos trabalhos de contramina indicavam

o sítio onde se tinham aberto os poços das diferentes galerias que formavam o conjunto das hulheiras de Aberfoyle.

Foi um dia de luto aquele em que os mineiros tiveram de deixar para sempre o local onde haviam passado tantos anos da sua vida.

No telheiro da galeria principal achavam-se agora reunidos os barreneiros, os estivadores, os cantoneiros, os peões, os pesadores, os ferreiros, os carpinteiros, todos aqueles enfim - homens, crianças, velhos e mulheres - que compunham a corajosa e activa população da hulheira. O engenheiro Jaime Starr mandara-os chamar para lhes fazer as suas despedidas.

Esta pobre gente, que durante tantos anos se tinha visto suceder de pai em filho nos trabalhos da velha Aberfoyle, esta pobre gente que, pelas necessidades de uma nova existência, ia em breve dispersar-se, aguardava silenciosa e triste os últimos adeuses do seu engenheiro. A título de gratificação, os directores da companhia fizeram distribuir pelos operários os ganhos do ano corrente. Insignificantes ganhos na verdade, porque o rendimento da mina pouco excedera as despesas de exploração. Todavia, este auxílio pecuniário devia permitir a todas aquelas famílias que pudessem esperar por uma nova colocação, quer nas hulheiras vizinhas, quer nas granjas ou oficinas do condado.

Jaime Starr conservava-se de pé junto do sítio onde tinham funcionado dias sem conto as poderosas máquinas a vapor do poço de extracção.

Simão Ford, overman dos mais considerados destas hulheiras, homem então de cinquenta e cinco anos, e vários outros condutores de trabalho, faziam roda ao engenheiro.

12

Jaime Starr tirou o seu chapéu. Os mineiros, já todos de chapéu na mão, aguardavam num respeitoso silêncio.

Esta cena de despedida oferecia um carácter comovedor, a que não faltava certo ar de grandeza.

- Meus amigos - disse o engenheiro -, chegou o momento de nos separarmos. As hulheiras de Aberfoyle, que durante tantos anos nos trouxeram unidos na comunidade do trabalho, encontram-se completamente esgotadas. As nossas pesquisas em busca de novos filões têm sido inúteis, e da travessa Dochart acabou de se extrair há pouco a última parcela de carvão de pedra!

E, em apoio da sua palavra, Jaime Starr mostrava aos mineiros um pedaço de hulha metido no fundo de um alcofão. - Este fragmento de combustível, meus amigos - Prosseguiu Jaime Starr -, é como o último glóbulo de sangue que circulava pelas veias da hulheira! Havemos de conservá-lo, como ainda conservamos o primeiro que há cento e cinquenta anos se extraiu dos jazigos de Aberfoyle. Entre estes dois bocados de carvão quantas gerações de mineiros se têm sucedido no interior das nossas galerias! Acabou-se tudo agora! As palavras que lhes estou a dirigir, são palavras de despedida. Foi ao impulso dos vossos braços que esta mina se exauriu. O trabalho era pesado, mas não deixava de ser profícuo. Hoje, a nossa grande família vai disseminar-se, e não é provável que o futuro torne aqui a reunir os seus membros dispersos. Lembrem-se porém que viveram muito tempo juntos, e que um dos seus deveres mais sagrados é auxiliarem-se mutuamente. Os seus antigos chefes não hão-de esquecer-lo também. Quando se tem assim passado uma parte da vida em

comum, há a obrigação de se não ser indiferente. Pela nossa parte prometemos-lhes todo o auxílio de que pudermos dispor, e, onde quer que a sorte os conduza, não-de sempre segui-los as nossas recomendações, uma vez que se comportem com honra e dignidade. Adeus pois, meus amigos. Que a Providência os proteja!

13

Dito isto, Jaime Starr abraçou comovido o mais velho dos mineiros, que estava com os olhos cheios de lágrimas. Depois todos os overmen das diferentes galerias vieram apertar a mão do engenheiro, enquanto os outros operários agitavam os seus chapéus, bradando:

- Viva Jaime Starr! Viva o nosso chefe e amigo! Semelhante despedida não podia deixar de produzir um profundíssimo abalo no coração desta boa gente. Entretanto - assim era preciso - foram-se todos afastando pouco a pouco. Jaime Starr assistia com saudade àquele afastamento. O solo enegrecido dos caminhos que davam saída à mina ressoou pela última vez sob os pés dos mineiros, e, à ruidosa animação que até ali enchera as hulheiras de Aberfoyle, sucedeu um silêncio sepulcral. Um homem apenas ficara ao lado de Jaime Starr. Era o overman Simão Ford. Junto dele via-se um rapaz de quinze anos - seu filho Harry -, que havia já muito tempo se encontrava empregado nos trabalhos da mina. Jaime Starr e Simão Ford conheciam-se bem a fundo, e estimavam-se reciprocamente. - Adeus, Simão! - disse o engenheiro.
- Adeus, senhor Jaime - respondeu o overman. - Ou para melhor dizer: Até sempre!
- Tens razão - acrescentou Jaime Starr -, até sempre. Somos bastante amigos um do outro para que deixemos de nos tornar a ver. Tu bem sabes que as tuas visitas nunca deixarão de me ser agradáveis.
- Bem sei, senhor Jaime.
- A minha casa em Edimburgo está constantemente às tuas ordens.
- Fica muito longe Edimburgo! - respondeu o overman, sacudindo a cabeça. - Muito longe da hulheira! - Muito longe, Simão! Pois onde tencionas tu residir?

14

- Aqui mesmo, senhor Jaime. Porque secou o leite à nossa querida ama, será isso razão para nos separarmos dela? Eu, minha mulher e meu filho havemos de lhe ser fiéis! - Adeus, adeus, Simão - respondeu o engenheiro, cuja voz, a seu pesar, denunciava uma grande comoção.
- Adeus, não, senhor Jaime, até sempre, como já lhe disse - retorquiu o overman. - Juro-lhe por quem sou que nos havemos de tornar a ver aqui mesmo!

O engenheiro não quis desvanecer esta última ilusão do overman. Dirigiu-se a Harry, que o estava a fitar com os olhos humedecidos, abraçou-o, e depois de apertar pela última vez a mão de Simão Ford saiu definitivamente da hulheira. Eis o que se tinha passado havia dez anos, mas, apesar do desejo que mostrava o overman de tornar a ver o engenheiro, este nunca mais ouvira falar dele.

E era depois de decorridos dez anos que Jaime Starr recebia esta carta de Simão Ford, convidando-o a ir novamente visitar as hulheiras de Aberfoyle.

Tratava-se de uma comunicação da mais alta importância. Que seria? A travessa Dochart, o poço Yarow! Que interessantes lembranças do passado estes nomes traziam à memória de Jaime Starr! Era aquele o bom tempo! O tempo do trabalho e da luta - o melhor tempo da sua vida de engenheiro! Jaime Starr lia e relia a carta muitas vezes, mirando-a por todos os lados. Lastimava na verdade que Simão Ford não lhe tivesse juntado mais uma linha. Estava até zangado com ele por ter sido tão lacônico.

-Dar-se-á o caso de que o overman tenha descoberto algum novo filão para explorar? Não é possível! Jaime Starr passava mentalmente em revista os cuidados minuciosos de que tinham sido alvo as hulheiras de Aberfoyle antes de cessarem definitivamente os trabalhos. Ele próprio dirigira as últimas sondagens sem encontrar nenhum novo jazigo naquele subsolo devastado por uma exploração exagerada.

15

Chegara-se a imaginar que nas camadas mais inferiores de grés vermelho devoniano se encontrasse de novo a hulha. Esta esperança porém desvanecera-se! Jaime Starr largara pois a mina firmemente convencido de que não ficava nela por extrair um único pedaço de combustível.

- Não é possível - dizia ele a si próprio. - Não é possível! Como havia Simão Ford de encontrar o que tão obstinadamente escapou às minhas indagações? Entretanto, o velho overman era incapaz de me dirigir esta carta se não tivesse razões fortíssimas para o fazer. E o segredo que se me pede sobre a minha ida à travessa Dochart leva-me a supor...

Jaime Starr sentia-se vivamente preocupado.

O engenheiro tinha Simão Ford na conta de um hábil mineiro, profundamente conhecedor de todas as especialidades do seu ofício. Desde que as minas de Aberfoyle estavam desertas, nunca mais Jaime Starr ouvira falar do velho overman. Ignorava até o destino que tomara, nem sabia onde ele, sua mulher e seu filho estariam agora residindo. O que só via de positivo em tudo isto, era o convite para voltar às hulheiras de Aberfoyle, pelo poço Yarow, e a certeza de que Harry - o filho de Simão Ford - estaria todo o dia seguinte à sua espera na gare de Callander. Não lhe restava pois a menor dúvida de que se tratava de um negócio importante.

- Irei! Irei - disse Jaime Starr, cuja curiosidade crescia à proporção que as horas voavam.

É que o bom do engenheiro pertencia a essa categoria de homens impressionáveis que têm sempre o cérebro em ebulição, como qualquer chaleira de água colocada sobre um fogo bem ateado. Ora assim como há chaleiras humanas onde as ideias fervem em cachão, outras há onde as ideias só a custo levantam fervura. Jaime Starr encontrava-se agora no caso das primeiras.

Um incidente imprevisto veio, porém, modificar esta situação.

16

Foi como que uma gota de água fria condensando momentaneamente os vapores daquele cérebro.

Seriam seis horas da tarde quando o criado de Jaime Starr lhe trouxe uma segunda carta recebida pela terceira distribuição.

Esta carta vinha fechada num grosseiro sobrescrito, cuja letra denunciava mão de pessoa pouco afeita a escrever. Jaime Starr, abrindo-a, encontrou dentro um pedaço de papel, já amarelecido pelo tempo, e que parecia arrancado a algum velho caderno, há muito fora de serviço. Nesse papel continham-se apenas as seguintes e concisas palavras: "É inútil que o engenheiro Jaime Starr se dirija às minas de Aberfoyle. Considere-se de nenhum efeito a carta de Simão Ford.

E por baixo destas linhas nem sombra de assinatura.

CAPÍTULO II

A PARTIDA

O curso das ideias de Jaime Starr ficou por assim dizer paralisado, em seguida à leitura desta nova carta, que tanto diferia da primeira.

- Que significará tudo isto? - perguntou ele asi próprio. Jaime Starr levantou do chão o sobrescrito meio rasgado. Via-se nele, como no outro, a marca do correio de Aberfoyle.

Não restava dúvida de que ambas as cartas tinham tido a mesma procedência. Percebia-se que não fora o velho mineiro quem escrevera a segunda, mas era também incontestável que o autor desta se achava bem ao facto do segredo de Simão Ford, uma vez que tão formalmente revogava o convite dirigido ao engenheiro. Seria, pois, razoável que se considerasse de nenhum efeito a primeira comunicação Ou haveria, com referência à segunda, o empenho de afastar de Aberfoyle o engenheiro Jaime Starr? Não encobririam as extraordinárias palavras do anónimo uma premeditação tendente a prejudicar os projectos do overman? Depois de madura reflexão, Jaime Starr inclinou-se a esta última hipótese. A contradição que se notava entre as duas cartas mais vivamente lhe excitou o desejo de ir a Aberfoyle. De resto, o melhor meio de saber se em tudo isto haveria alguma mistificação, era aceitar o convite.

18

Por fim, Jaime Starr entendeu que devia dar mais crédito ás palavras de um homem de bem, como era Simão Ford, do que às insinuações misteriosas do seu anónimo contraditor. - Não há que duvidar - disse ele consigo mesmo. - Se pretendem influir na minha resolução, é porque deve ser de grande importância o que Simão Ford tem a comunicar-me. Está decidido, parto amanhã, e hei-de encontrar-me à hora indicada no lugar que se me aponta!

Nessa noite, Jaime Starr fez os seus preparativos de jornada. Como podia dar-se o caso de que a sua ausência se prolongasse por alguns dias, escreveu a Sir W. Elphiston, presidente da Royal Institution, prevenindo-o de que não assistiria à próxima sessão da sociedade. Procurou também desembaraçar-se de dois ou três negócios que deviam tomar-lhe parte da semana. Depois deu ordem ao seu criado para lhe preparar uma mala de mão e foi deitar-se, mais impressionado talvez do que o caso exigia.

Na manhã seguinte, Jaime Starr saltava da cama abaixo às cinco horas, vestia-se com bastante roupa, em consequência de estar a cair uma chuva frigidíssima, e saía da sua casa da Rua Canongate(1) para ir esperar no cais de Granton aquele barco a vapor que em três horas costuma percorrer o Forth até Stirling.

Era talvez esta a primeira vez que, ao atravessar a Canongate, Jaime Starr não se voltava para trás a fim de ver Holyrood - esse antigo palácio dos reis da Escócia. Não deu pelas sentinelas de guarda aos seus postigos, e trajando o antigo uniforme escocês: saio de lã verde, plaid(2) de quadrados verdes, azuis e encarnados, e bolsa de pele de cabra caindo sobre a coxa. Se bem que fosse admirador fanático de Walter Scott, como deve sê-lo todo o bom filho da velha Caledónia, o engenheiro nem sequer concedeu,

*1. Rua célebre e principal da parte velha de Edimburgo. (N. do T.)

2. Manto que usam os Escoceses em guisa de faixa, preso ao ombro e soltando-se em curvas graciosas. (N. do T.)

segundo era seu costume, um simples volver de olhos à estalagem onde Waverley esteve hospedado, e onde ele recebeu das mãos do alfaiate aquele famoso traje de guerra, que a viúva Flockhart adorava com tamanha ingenuidade. Jaime Starr chegou até a não se importar com a pequena praça, na qual os montanheses, depois da vitória do Pretendente, descarregaram as suas espingardas, em risco de matarem Flora Mac Ivor. O relógio da prisão parecia estender sobre a rua o seu imenso mostrador, pois o engenheiro olhou só para ele com o fim de verificar se não faltaria à hora de embarque. Diga-se ainda que, ao passar por Nelher-Bow não fez caso da habitação do grande reformador John Knox - o único homem que não conseguiram seduzir os graciosos sorrisos da rainha Maria Stuart. Depois, tomando pela High-Street - a rua popular tão minuciosamente descrita no romance do Abade-, Jaime Starr encaminhou-se para a formidável ponte de Bridge-Street, que liga naquele sítio as três colinas de Edimburgo.

Alguns minutos depois chegava o engenheiro à gare do General Railway, e, passada meia hora, apeava-se ele do comboio na estação de Newhaven, bonita aldeia de pescadores, situada a uma milha de Leith, que serve de porto a Edimburgo. A praia denegrida e pedregosa achava-se então encoberta pela maré cheia. As ondas do golfo banhavam uma espécie de molhe, sustentado por cadeias. À esquerda via-se preso ao cais de Granton um desses barcos que navegam pelo Forth, entre Edimburgo e Stirling.

O "Príncipe de Gales" estava prestes a largar. Sentia-se-lhe já o arfar da caldeira, e da sua chaminé começavam a sair rolos de fumo negro. Ao toque da sineta afluíram os últimos passageiros. A bordo viam-se agora, confundidos no mesmo grupo, rendeiros, lavradores e ministros do culto protestante - estes últimos fáceis de reconhecer pelos seus calções curtos, compridas sobrecasacas e pela fina orla branca em roda do pescoço.

Jaime Starr nem foi dos últimos a embarcar, nem daqueles que mais tardaram a ser vistos sobre a tolda. Se bem que a chuva continuasse a cair com violência, nenhum dos passageiros pensou em ir abrigar-se na câmara do "Príncipe de Gales". Todos se conservavam impassíveis, envolvidos nas suas mantas de viagem. Alguns o mais que faziam era aquecerem-se por dentro com o gin ou o uísque que traziam nos seus frascos. Ouviu-se ainda um toque de sineta, depois largaram-se as amarras, e o barco a vapor começou a mover-se para sair do pequeno porto, que o resguardava contra os vagalhões do mar do Norte.

"Firth of Forth", tal é o nome que se dá no Reino Unido ao golfo aberto entre o condado de Fife, ao Norte, e os condados de Linlithgow, Edimburgo e Haddington, ao Sul. Forma este golfo o esteiro do rio Forth - espécie de Tamisa ou de Mersey, pouco importante, mas muito fundo-, que nasce nas vertentes ocidentais do Ben Lomond e se lança no mar em Quincardine. Deveria ser curta a viagem desde Granton até o extremo do golfo, se a necessidade de tocar nos portos intermédios não obrigasse o vapor a fazer muitas paragens. Pelas margens do Forth abundam as casas de campo, as vilas e as aldeias, espalhadas entre arvoredos e prados fertilíssimos. Jaime Starr, embrulhado no seu casaco impermeável, não se distraía a olhar para esta paisagem, meio esfumada agora pela chuva que não cessava de cair.

O seu trabalho limitava-se a observar se o estaria examinando algum daqueles passageiros. Efectivamente, podia muito bem ser que o autor anónimo da segunda carta se encontrasse a bordo do barco. Contudo o engenheiro não conseguiu surpreender nenhum olhar que lhe causasse desconfiança..

O "Príncipe de Gales", ao largar do cais de Granton, entrou pela estreita passagem que se abre entre as duas pontas de South Queensferry e North-Queensferry, para lá da qual o Forth constitui uma espécie de lago, acessível a navios de cem toneladas. Ao fundo do horizonte, quando as brumas se dissipavam um pouco, apercebiam-se à distância os cumes nevados dos montes Grampian.

Minutos depois, o "Príncipe de Gales" perdia de vista a povoação de Aberdour, a ilha de Colm, coroada pelas ruínas de um mosteiro do século XII, os restos do castelo de Barnbugle, mais adiante Donibristle, onde o genro do regente Murray foi assassinado, e por fim a ilha fortificada de Garvie. O vapor passou o estreito de Queensferry, deixou à esquerda o castelo de Rosyth, onde residiu antigamente o ramo dos Stuarts ao qual pertencia por aliança a mãe do Cromwell, ultrapassou Blackness-Castle, sempre fortificado em harmonia com um dos artigos do tratado da União, e seguiu por diante do pequeno porto de Charleston, de onde se exporta a cal pertencente às pedreiras de Lord Elgin. Finalmente, a sineta de bordo anunciou a chegada a Crombie-Point.

O tempo cada vez estava pior. A chuva, sacudida por uma brisa forte, espalhava-se no ar. As lufadas, violentas e estrepitosas, passavam como se fossem trombas marinhas. Jaime Starr não deixava de sentir uma certa inquietação:

Estaria no lugar aprazado o filho de Simão Ford? O engenheiro bem sabia por experiência que os mineiros, habituados ao profundo sossego das hulheiras, não afrontam, como os trabalhadores do campo ou das cidades, estes grandes desequilíbrios atmosféricos. De Callander às minas de Aberfoyle pelo poço Yarow devia contar-se com uma distância de quatro milhas. Este facto poderia até certo ponto justificar a ausência de Harry Ford. Contudo, o que mais preocupava Jaime Starr era o sentido vago da segunda carta, que dava como de nenhum efeito o convite contido na primeira. A dizer a verdade, a sua principal inquietação procedia deste desaCordo.

22

Em todo o caso, se o filho do velho overman se não visse em Callander à chegada do comboio, Jaime Starr estava bem decidido a ir só à travessa Dochart, e até à própria aldeia de Aberfoyle, se assim fosse preciso. Ali pelo menos ser-lhe-ia fácil colher notícias de Simão Ford, e saber onde ele residia actualmente.

Entretanto o "Príncipe de Gales" ia continuando a levantar grossas vagas com o impulso das suas rodas. As duas margens do rio estavam inteiramente escondidas pelas brumas. Nem se via a aldeia de Crombie, nem Torryburn, Torry-House, Newmills, Carriden-House, Kirk-Grange e Salt-Pans. O pequeno porto de Bowness e o porto de Grange-Mouth, cavado à entrada do canal do Clyde, sumiam-se por entre o véu do espesso nevoeiro. O velho burgo de Culross e as ruínas da sua abadia de Cister, Quincardine e os seus estaleiros de construção, por onde o barco fazia escala, Ayrth-Castle e a sua torre quadrada do século XIII, Clackmannan e o seu castelo do tempo de Roberto Bruce - todos estes lugares enfim passavam despercebidos, em consequência da chuva e da neblina.

O "Príncipe de Gales" parou no porto de Aloa para largar alguns passageiros. Jaime Starr sentiu comprimir-se-lhe o coração ao passar, depois de uma ausência de dez anos, por esta pequena cidade - centro de exploração de hulheiras importantes, que ainda hoje empregavam um número respeitável de operários. A sua imaginação fê-lo descer ao subsolo destas hulheiras, que a picareta dos mineiros rasgava com tanto proveito para a indústria. As minas de Aloa, quase contíguas às de Aberfoyle, continuavam a enriquecer o condado, enquanto os próximos jazigos, esgotados há tantos anos, já não contavam um único trabalhador sequer!

O navio, ao sair do cais de Aloa, lançou-se nos numerosos rodeios que faz o Forth durante um percurso de dezanove milhas. O barco circulava rapidamente por entre as grandes árvores das duas margens do rio.

23

Numa aberta que houve, puderam-se ver de bordo as ruínas da abadia de Cambuskenneth, levantada no século XII, e mais adiante o castelo de Stirling e o burgo real do mesmo nome, onde o Forth, atravessado por duas pontes, deixa de ser navegável para embarcações de grande mastreação. Apenas o Príncipe de Gales" atracou a este último ponto, saltou logo para o cais o engenheiro. Cinco minutos depois chegava ele à gare de Stirling,

e, passada uma hora, apeava-se do comboio em Callander, vasta aldeia, situada sobre a margem esquerda do Teith.

Em frente da gare estava um rapaz, que principiou a caminhar em direcção a Jaime Starr.

Era Harry Ford, o filho do velho Overman.

CAPÍTULO III

O SUBSOLO DO REINO UNIDO

PARA melhor compreensão desta narrativa, convém dizer em poucas palavras qual foi a origem da hulha ou carvão de pedra. Durante as épocas geológicas, o esferóide terrestre, ainda em via de formação, achava-se completamente envolvido numa atmosfera saturada de vapores de água e em grande parte impregnada de ácido carbónico.

Esses vapores condensaram-se pouco a pouco em chuvas diluvianas, que se precipitavam com violência, como se fossem arremessadas pelo gargalo de milhões e milhões de garrafas de água de Selt(2). Abundava em ácido carbónico o líquido que então caía torrencialmente sobre um solo empastado, inconsistente, sujeito a uma variedade de transformações, quer rápidas, quer prolongadas, e que se mantinham num estado semifluido, tanto em consequência dos raios do Sol como dos fogos da sua massa interior.

É que naquele tempo ainda o calor interno se não achava suficientemente armazenado no centro do globo. A crusta terrestre, pouco espessa e mal endurecida, deixava-o expandir-se por todos os seus poros. Provinha desta circunstância uma vegetação fenomenal semelhante à que se deve produzir talvez na superfície de outros planetas inferiores - tais como Vénus e Mercúrio, mais próximos do que a terra do astro refulgente.

O solo dos continentes, mal firmado ainda, cobria-se de imensas florestas, graças ao ácido carbónico. Os vegetais cresciam de um modo prodigioso, sob a forma arborescente. Não existiam plantas herbáceas. Por toda a parte enormes e compactas aglomerações de grandes árvores, monótonas de aspecto, desprovidas de fruto, e inúteis completamente ao desenvolvimento de qualquer ser vivo. A Terra ainda não estava preparada para a elaboração do reino animal.

Predominava nessas árvores antediluvianas a classe das criptogâmicas. Os lepidodendros, género de licopódios imensos, de vinte e cinco a trinta metros de altura sobre um de largo na base, as calamites, variedade de equisetos arborescentes, os asterófilos, os fetos, as agigantadas sigilárias de que se têm encontrado exemplares nas minas de Saint-Etienne(1) - tudo plantas de assombrosas proporções hoje apenas representadas por espécimes rudimentares-, tais eram os vegetais, pouco variados na sua espécie, mas enormes no seu desenvolvimento, que compunham exclusivamente as florestas primitivas. Esses vegetais, cujas raízes se estendiam por um imenso e profundo pântano, formado de águas lacustres e marinhas, assimilavam com avidéz o carbono que pouco a pouco absorviam da atmosfera, e iam-se assim acumulando, sob forma de hulha, lá no íntimo das entranhas do globo.

Era esta com efeito a época dos tremores de terra, desses abalos do solo, devidos ao trabalho plutónico e às revoluções subterrâneas que

modificavam de repente os lineamentos ainda incertos da superfície terrestre. Aqui surgiam intumescências que deviam converter-se em montanhas, acolá voragens que deviam tornar-se oceanos.

*1. Cidade da França no departamento do Loire, onde existem as hullieiras mais importantes daquele país. (N. do T.)

26

E então sucedia que florestas inteiras se afundavam pela crusta da terra, através das camadas movediças, até encontrarem um ponto de apoio - como o solo primitivo das rochas granitóides - ou até chegarem pela acumulação a formar um todo resistente.

É efectivamente, seguindo esta ordem, que nas entranhas do globo se apresenta o edifício geológico: primeiro o solo primitivo, servindo de base às diferentes camadas que compõem os terrenos primários, em seguida os terrenos secundários, em cuja maior profundidade se encontram os jazigos de hulha, depois os terrenos terciários, e por cima deles o terreno das aluviões antigas e modernas.

A este tempo as águas, que nenhum leito refreava ainda, e que nasciam da própria condensação em todos os pontos do globo, despenhavam-se precipitadamente, roubando às rochas, recentemente formadas, as matérias de que deviam compor-se os xistos, os grés e os calcários.

Essas águas, que chegavam a cobrir as florestas turfosas, iam depositando os elementos de onde haviam de sair os terrenos superiores ao terreno hulheiro. Com o andar dos séculos - período que se pode contar por milhões de anos - esses terrenos foram adquirindo consistência, formando socalcos e escondendo toda a massa de florestas primitivas sob uma espessa camada de pudins, xistos, grés compactos ou friáveis, saibro e calhau.

Que se passou então neste cadinho imenso, onde se acumulava a matéria vegetal soterrada a diferentes profundidades? Uma verdadeira operação química, uma espécie de destilação. Todo o carbono que estes vegetais continham se foi aglomerando, dando lugar a que a hulha se formasse gradualmente sob a dupla influência de uma pressão enorme e da elevada temperatura que lhe fornecia o calor interno.

Assim, pois, nesta lenta mas irresistível reacção, um reino substituíra outro. Transformava-se em mineral o vegetal.

27

Petrificavam-se as plantas que, sob a poderosa seiva dos primeiros dias, haviam tido uma existência vegetativa. Algumas dessas substâncias, encerradas em tão vasto herbário e ainda não de todo transformadas, deixavam a sua forma esculpida noutros produtos, que, por se mineralizarem mais depressa, as apertavam e comprimiam, como poderia fazê-lo uma prensa hidráulica de força incalculável. Ao mesmo tempo, várias conchas e zoófitos, tais como estrelas-do-mar, pólipos, esperíferas e até mesmo peixes e lagartos, arrebatados pelas águas, estampavam sobre a hulha ainda branda a sua impressão com a máxima nitidez.

A pressão parece ter desempenhado um papel considerável na formação dos jazigos carboníferos. Efectivamente, é à força da pressão que se devem as

diversas espécies de hulha de que se serve a indústria. É por isso que nas mais baixas camadas do terreno hulheiro se encontra a antracite, que, privada quase completamente de matéria volátil, encerra uma extraordinária quantidade de carbono. Nas camadas superiores, pelo contrário, aparecem a lenhite e a madeira fóssil, substâncias nas quais é infinitamente menor a quantidade de carbono. Entre estas duas camadas, segundo o grau de pressão por que elas foram passando, é que se observam os filões de grafites e as hulhas gordas ou magras.

Pode-se até afirmar que por falta de suficiente pressão é que não chegou completamente a modificar-se em hulha a camada dos pântanos turfosos.

A origem das hulheiras, seja qual for o ponto onde se tenham descoberto, é portanto a seguinte:

*1 Deve observar-se que todas estas plantas, de que se tem achado as impressões, pertencem às espécies que actualmente existem nas zonas equatoriais. Pode-se daqui concluir que nesta época era igual o calor em todos os pontos do globo, quer ele fosse produzido pelas correntes de água quente, quer os fogos interiores da terra se fizessem sentir através da sua crosta porosa. É assim que se explica a formação de jazigos carboníferos sob todas as latitudes terrestres.

28

absorção pela crosta terrestre das grandes florestas da época geológica, depois, mineralização dos vegetais, obtida com o tempo sob a influência do calor e da pressão e sob a acção directa do ácido carbónico.

Entretanto a Natureza, tão pródiga de ordinário, não soterrou as precisas florestas para um consumo que deveria compreender alguns milhares de anos. Um dia a hulha há-de faltar - é caso averiguado. Se algum novo combustível não vier substituir o carvão, as máquinas do mundo inteiro hão-de fatalmente ver-se expostas a uma forçada paralisação. Dentro de um período mais ou menos remoto, desaparecerão os jazigos carboníferos, restando apenas aqueles que na Gronelândia e nas proximidades do mar de Bafim existem debaixo de uma eterna camada de gelo, cuja exploração é quase que absolutamente impraticável. Eis a sorte que se não pode evitar. Os terrenos hulheiros da América, ainda extraordinariamente ricos, e os do lago Salgado, do Oregão e da Califórnia, verão também findar um dia a sua actual abundância. O mesmo sucederá às hulheiras do cabo Breton e do rio São Lourenço, aos jazigos dos Aleganis, da Pensilvânia, da Virgínia, do Ilinóis, da Indiana e do Missouri. Se bem que a riqueza carbonífera da América do Norte seja dez vezes superior à do resto do mundo inteiro, em menos de cem séculos esse monstro armado de milhões de bocas - a indústria - há-de ter seguramente devorado o último pedaço de hulha, oculto nas entranhas do globo.

Será no velho mundo que primeiro se sinta a escassez de combustível. É certo que existem muitas camadas de carvão mineral na Abissínia, no Natal, na Zambézia, em Moçambique e em Madagáscar, a sua regular exploração, porém, oferece mil dificuldades. As bacias hulheiras da Birmânia, da China, da Cochinchina, do Japão e da Ásia Central extinguir-se-ão depressa. A hulha abundante que encerra o solo da Austrália estará exaurida ainda antes do dia em que ela chegue a faltar no Reino Unido.

Para esse tempo já não terão que dar os jazigos carboníferos da Europa, tenazmente explorados até aos seus mais ocultos filões.

Julgue-se pelos seguintes algarismos quais as quantidades de hulha, consumidas depois que se descobriram os primeiros jazigos. As bacias hulheiras da Rússia, da Saxónia e da Baviera abrangem seiscentos mil hectares, as da Espanha cento e cinquenta mil, as da Boémia e da Áustria cento e cinquenta mil. As da Bélgica - apresentando quarenta léguas de extensão sobre três de largura - também contam cento e cinquenta mil hectares, espalhados por baixo dos territórios de Liège, Namur, Mons e Charleroi. Em França, os terrenos, situados tanto ao Norte como entre o Ródano e o Loire, compreendem uma área de trezentos e cinquenta mil hectares.

O país mais abundante em hulha é inquestionavelmente o Reino Unido, que, à excepção da Irlanda, onde escasseia o combustível mineral, possui enormes riquezas carboníferas, susceptíveis contudo de se esgotarem, como sucede a todas as riquezas. A mais importante das suas bacias hulheiras, a de Newcastle, que ocupa o subsolo do condado de Northumberland, produz por ano cerca de trinta milhões de toneladas, isto é, quase um terço do consumo inglês e mais do dobro da produção francesa. A bacia hulheira do principado de Gales, que em Cardiff, em Stvansea e em Newport concentra uma verdadeira população de mineiros, dá anualmente dez milhões de toneladas dessa excelente hulha, conhecida no mercado pelo nome da sua procedência. No centro exploram-se as hulheiras dos condados de Iorque, de Lencastre, de Derby e de Stafford, menos produtivas, porém, de uma extracção ainda considerável. Enfim, nessa parte da Escócia, situada entre Edimburgo e Glásgua, entre esses dois mares que tão profundamente a recortam, dilata-se um dos mais vastos jazigos hulheiros que possui o Reino Unido.

O conjunto dessas diferentes bacias não compreende menos de um milhão e seiscentos mil hectares, produzindo anualmente cem milhões de toneladas do negro combustível.

Mas que importa! As exigências da indústria e do comércio tanto hão-de aumentar o consumo que estas riquezas terão de desaparecer forçosamente. O terceiro milénario da era cristã não acabará sem que a mão do mineiro tenha esgotado na Europa esses vastos armazéns, onde, segundo uma sensata apreciação, se concentrou o calor solar dos tempos primitivos(1). Na época justamente em que principia esta história, já se encontrava esgotado de todo, por efeito de exploração levada ao exagero, um dos mais importantes depósitos carboníferos do território escocês. Era precisamente na parte da Escócia, situada entre Edimburgo e Glásgua, sobre uma largura média de dez a doze milhas, que ficavam as hulheiras do Aberfoyle, onde o engenheiro Jaime Starr exercera por tanto tempo a direcção dos trabalhos.

Ora havia já dez anos que essas minas estavam absolutamente abandonadas. Apesar dos esforços empregados, não fora possível descobrir novos jazigos, se bem que as sondagens se tivessem levado até uma profundidade de mil e

quinhentos e mesmo de dois mil pés. Quando Jaime Starr se decidiu, pois, a retirar-se, foi porque se convenceu de que não restava a explorar o mais insignificante filão de combustível.

*1 Atendendo à progressão de consumo que a hulha tem na Europa, está calculado, segundo as últimas observações, que ela deverá achar-se completamente esgotada na França dentro de 1140 anos, na Inglaterra dentro de 800 anos, na Bélgica dentro de 750 anos, na Alemanha dentro de 300 anos.

Na América. supondo que extraíam anualmente quinhentos milhões de toneladas, os jazigos deverão conter combustível para um período de seis mil anos.

32

Era, portanto, manifesto que, dadas estas circunstâncias, o descobrimento de uma nova bacia hulheira nas profundidades do subsolo inglês devia considerar-se como um acontecimento importantíssimo. Referir-se-ia a um facto desta ordem a comunicação feita por Simão Ford? Eis o que Jaime Starr a si mesmo perguntava muitas vezes.

Tratar-se-ia, numa palavra, de conquistar algum novo jazigo dessas Índias Negras, para cujo empreendimento se precisasse de recorrer ao auxílio de um engenheiro? Jaime Starr assim se atrevia a suspeitá-lo.

A segunda carta havia-lhe por um instante modificado essas ideias, agora, porém, já não pensava nela. Demais, não estava ali o filho do velho overman, esperando por ele no lugar indicado? A carta anónima deixava, pois, de ter a mínima significação.

No momento em que o engenheiro se apeava do comboio, viu aproximar-se dele um rapaz que devia ter mais de vinte anos. - Chamas-te Harry Ford? - perguntou sem mais preâmbulos Jaime Starr.

- Chamo, sim, senhor.

- Não te conhecia, se não estivesse prevenido, meu rapaz! É que em dez anos fizeste-te um homem às direitas. - Pois eu conheci-o logo - respondeu o filho do velho overman, que se conservava de chapéu na mão.

- O senhor Jaime Starr está na mesma. É ainda aquele engenheiro, nosso amigo, que me abraçou no dia em que acabaram os trabalhos da exploração! São coisas que nunca esquecem!

- Põe o teu chapéu, Harry - disse o engenheiro. - Chove a cântaros, e a delicadeza não manda que a gente se constipe. - Quer que nos abriguemos da chuva, senhor Starr? - perguntou Harry Ford.

33

- Para quê? O tempo hoje não muda. Temos água para todo o dia, e estou com pressa. A caminho, Harry.

- Às suas ordens - respondeu o rapaz.

- Diz-me lá, Harry, teu pai tem passado bem?

- Muito bem, senhor Starr.

- E tua mãe?

- Da mesma maneira.

- Foi teu pai que me escreveu, pedindo-me Para vir aqui?
- Não foi ele, fui eu.
- Mas então - perguntou com interesse o engenheiro -, foi Simão Ford que me dirigiu a segunda carta, inutilizando as primeiras indicações?
- Não, meu pai não escreveu carta alguma, senhor Starr.
- Bem... bem... - respondeu Jaime Starr, sem querer aludir mais à carta anónima. Depois acrescentou:
- E podes por acaso dizer-me o que pretende o velho Simão?
- Isso é negócio que ele próprio lhe deseja expor, senhor Starr.
- Mas tu sabes da que se trata?
- Sei.
- Está bem, Harry, não te pergunto mais nada. A caminho, e depressa, que estou morrendo por falar com Simão Ford. A propósito, onde mora ele?
- Dentro da mina.
- O quê?! Dentro da mina?
- Decerto - respondeu Harry Ford.
- Como assim! Teus pais ficaram a residir ali, depois que cessaram os trabalhos?
- E nunca mais vieram cá fora. O senhor Starr conhece bem meu pai. Foi ali que se fez homem, é ali que deseja morrer. - Percebo, Harry, percebo. Não quis afastar-se da sua hulheira natal! E vivem lá satisfeitos?

34

- Vivemos, senhor Starr, porque não somos ambiciosos. - Está bem, Harry - disse o engenheiro. - Agora a caminho. E Jaime Starr, levando na frente o seu companheiro, atravessou com rapidez as ruas de Callander. Dez minutos depois achavam-se ambos fora da povoação.

CAPÍTULO IV

AS HULHEIRAS DE ABERFOYLE

HARRY Ford era um rapaz de vinte e cinco anos, forte, espadaúdo e bem parecido. A sua fisionomia um tanto séria e o seu porte sempre grave tinha-o feito distinguir desde pequeno entre os seus numerosos camaradas. De feições regulares, olhos suaves e rasgados, cabelo farto e mais castanho de que louro, tudo nele concorria para completar o verdadeiro Lowlanler, isto é, tudo nele denunciava um soberbo espécime do escocês da planície. Habitado desde os primeiros anos às fadigas do ofício, era não só trabalhador vigoroso, como também um companheiro agradável e de bom fundo. Aconselhado por seu pai, e impellido pelos seus próprios instintos, começara cedo a instruir-se e a ser homem, conseguindo fazer-se um dos melhores mineiros numa idade em que apenas se é aprendiz e numa nação onde se contam poucos ignorantes, porque se empregam nela todos os meios para acabar com a ignorância. Se de pequeno viu as mãos calejarem-se-lhe no trabalho, de pequeno principiou também a dar ao estudo as horas necessárias para vir depois a ser um dos primeiros na sua profissão. E

decerto haveria sucedido no emprego de seu pai, se a falta de combustível não tivesse obrigado a companhia hulheira a suspender a lavra das suas minas. Jaime Starr ainda era um bom caminhador.

36

contudo, ficado para trás, se o seu guia se não decidisse a moderar o passo de propósito.

A chuva já não caía tão torrencialmente. Os grossos pingos de água pulverizavam-se antes de tocarem no solo. Pareciam lufadas húmidas, agitando-se no ar impelidas por uma brisa fresca.

Jaime Starr e Harry Ford - este levando na mão a pequena bagagem do engenheiro - seguiram, durante cerca de uma milha, a margem esquerda do Theit. Depois de terem percorrido as sinuosidades da praia, tomaram por um caminho que se abria diante deles entre árvores completamente alagadas pela chuva. De um e outro lado do caminho estendiam-se vastíssimas pastagens em redor de algumas granjas isoladas. Diferentes rebanhos andavam pascendo em sossego a erva sempre fresca e abundante destes prados da baixa Escócia.. Compunham-se esses rebanhos: uns de vacas sem armação, outros de pequenas ovelhas de lã sedosa, que faziam lembrar os carneirinhos com que brincam as crianças. Não se viam os pastores, recolhidos que estavam nas locas do arvoredos; mas o colley, cão particular a esta parte da Escócia e muito apreciado pela sua vigilância, lá andava de guarda aos rebanhos.

O poço Yarow ficava situado a quatro milhas de Callander. Jaime Starr, sem deixar de seguir o seu guia, não deixava contudo de mostrar-se impressionado. Era a primeira vez que, depois de uma tão longa ausência, tornava a passar por estes sítios. A tranquilidade da vida agrícola viera substituir a ruidosa animação da vida industrial. O contraste era tanto mais frisante, quanto é certo que no Inverno sofrem os trabalhos do campo uma certa paralisação. No bom tempo, fosse qual fosse a estação, os mineiros animavam sempre estes lugares, quer labutando no fundo das galerias, quer empregando-se nos trabalhos de contramina. Os grandes transportes de carvão cruzavam-se de noite e dia. Os carris, enterrados agora sob as travessas apodrecidas, rangiam então com o peso dos vagões.

37

O caminho, de terra e de brogal, substituíra pouco a pouco os trâmueis de exploração! Jaime Starr supunha que atravessava um deserto.

O engenheiro lançava em redor de si um olhar de tristeza. De vez em quando parava alguns instantes para descansar. Tudo estava silencioso. Já não se ouvia ao longe o silvo agudo das locomotivas, nem a bulha compassada das máquinas de trabalho. No horizonte não se divisavam esses rolos negros, que o industrial tanto gosta de ver confundidos com a grande massa das nuvens. Nenhuma dessas enormes chaminés cilíndricas ou prismáticas, enchendo a atmosfera de fumo, depois de se ter alimentado com o carvão da própria hulheira, nenhum tubo de descarga resfolegando o seu vapor esbranquiçado! O solo, enegrecido anteriormente pelo pó da hulha, tinha agora um aspecto de limpeza, contra a qual mentalmente se insurgia

Jaime Starr.

Se o engenheiro parava, parava também o seu guia. Harry Ford ficava esperando em silêncio. O moço operário, adivinhando o que se passava no espírito de Jaime Starr, sentia-se também dominado por um grande sentimento de saudade. Não tinha ele, filho da hulheira, vivido toda a sua vida nas entranhas deste solo?

- Como está mudado tudo isto! - disse Jaime Starr. - Verdade é que à força de explorar o terreno hulheiro, os tesouros que ele continha deviam um dia esgotar-se. Lastimas esse tempo de animação, Harry?
- Se lastimo, senhor Starr! - disse Harry. - O trabalho era violento, mas atraía-nos, como sucede sempre quando se luta. - Tens razão, meu rapaz. E lutava-se ali a todos os instantes: era o perigo dos desabamentos, das inundações, dos incêndios e das explosões de grisu que fulminam como o raio! E era pouco todo o cuidado contra inimigos tão terríveis! Mas, como tu dizes, lutava-se, e a luta é o movimento.

38

- Os mineiros de Aloa foram mais felizes que os de Aberfoyle, senhor Starr!
- É verdade - respondeu o engenheiro.
- É para lastimar - exclamou o filho do overman - que o globo terrestre não seja todo composto de carvão de pedra! Se assim fosse, teríamos combustível para alguns milhares de séculos.
- Decerto, Harry, mas é justo confessar que a Natureza se mostrou previdente quando formou a Terra principalmente de grés, de calcário e de granito, que o fogo não pode destruir. - Quer o senhor Starr dizer que, se assim não fosse, acabariam os homens por queimar o globo que habitamos! - Sim, queimavam-no todo, meu rapaz - tornou Jaime Starr. - A Terra teria ido alimentar, até ao seu último pedaço, as fornalhas das locomotivas, das locomóveis, dos barcos a vapor, das fábricas de gás, e seria assim que um belo dia havia de desaparecer o nosso mundo!
- Estamos longe desse perigo - disse Harry -, mas também à hulha há-de chegar a vez de se extinguir. E quem sabe se mais cedo do que imaginamos!
- Assim terá de acontecer, meu rapaz, é por isso que a Inglaterra faz muito mal em ceder o seu combustível pelo ouro que as outras nações lhe dão em troca.
- Decerto - respondeu Harry.
- Eu bem sei - acrescentou o engenheiro - que a hidráulica e a electricidade ainda não disseram a última palavra, e que lá virá tempo em que se utilizem melhor estas duas grandes forças. A hulha, contudo, é de uma aplicação muito prática, e presta-se admiravelmente às necessidades da indústria. Por infelicidade não está na mão dos homens produzi-la a seu bel-prazer. Se as florestas exteriores rebentam e frondeiam sob a dupla influência da água e do calor, as florestas interiores, essas é que não se reproduzem, nem o globo poderá jamais encontrar-se em condições de renová-las.

39

Jaime Starr e Harry, sem deixarem de conversar, tinham continuado com rapidez o seu caminho. Uma hora depois da sua saída de Callander, chegavam ambos às imediações da mina. Que triste aspecto ela apresentava! Parecia uma triste e desanimadora imagem do que fora antes um corpo cheio de vida! Numa grande extensão, orlada de raquitico arvoredos, via-se ainda o solo enegrecido pelo pó do carvão de pedra. Sobre esse deserto solo não se encontrava a mais insignificante parcela da imensa hulha que ali se acumulara. Tudo tinha desaparecido há muito.

Sobre uma colina pouco elevada desLocava-se o contorno das diferentes oficinas que o sol e a chuva - esses dois grandes agentes do tempo - se iam encarregando lentamente de destruir. Na extremidade de uma dessas oficinas via-se ainda um grande malacate, e por baixo dele os enormes tambores sobre os quais se enrolavam as maromas que traziam as caixas para fora dos poços.

Na parte inferior da mesma oficina divisava-se a casa onde tinham existido as máquinas, cujas peças de metal andavam tão limpas e luzidias durante a época dos trabalhos. Por entre vigas e barrotes, que a humidade para ali apodrecia, notavam-se também alguns pedaços de parede já caídos. Fragmentos de balanceiros, aos quais se prendia a haste das bombas de esgoto, engrenagens com os dentes partidos, balanças decimais caídas pelo chão, chumaceiros meio torcidos ou cheios de ferrugem, barricadas escangalhadas, alguns degraus ainda presos por um dos lados aos cavaletes, dando-lhes a aparência de grandes costelas de ictiossauros, carris desprendendo-se dos coxins que já mal se seguravam sobre as travessas carcomidas, trâmueis que não podiam resistir ao peso de uma vagoneta vazia, tal era o aspecto desolador que a mina apresentava da parte de fora.

As bordas dos poços, com as pedras desconjuntadas, desapareciam sob o espesso mato de musgo.

Encontravam-se aqui as rodas quebradas de uma carroça. além os destroços de um telheiro onde se armazenava o carvão para ser apartado segundo o seu tamanho e qualidade. Pesos de ferro com as argolas mal seguras, pequenas pontes com as estacas abaladas, chapas fundidas que tinham feito parte de alguma caldeira arreventada, pranchas de madeira a desfazerem-se, êmbolos torcidos, paredes rachadas, semelhando os canhões modernos que têm a culatra cintada de anéis cilíndricos: todos estes objectos infundiam um sentimento de abandono, de miséria, de tristeza, que nunca provocam as ruínas do velho solar, nem os restos de uma fortaleza desmantelada. - Faz pena ver isto assim! - observou Jaime Starr, olhando para Harry, que se deixou ficar calado.

Em seguida penetraram ambos no alpendre que cobria o poço Yarow, por cujas escadas se podia descer para a travessa Dochart.

O engenheiro inclinou-se sobre o orifício do poço. Era por ali que saía dantes a forte coluna do ar aspirado pelos ventiladores. Hoje este ponto representava apenas um abismo silencioso. Parecia a boca impassível de algum vulcão extinto.

Jaime Starr e Harry Ford puseram os pés no primeiro patamar.

Na época da exploração havia nas hulheiras de Aberfoyle magníficos aparelhos aplicados aos seus poços, que nada tinham que invejar aos melhores das outras minas: eram as escadas oscilantes, chamadas *engine-men*, e as gaiolas, guarneçadas de pára-quedas automáticos e grampadas sobre corrediças de madeira, que permitiam aos mineiros descer sem perigo e subir sem fadiga.

Estes aparelhos, porém, tinham sido retirados depois de finda a exploração. Do poço Yarow ficara apenas uma longa série de escadas separadas de cinquenta em cinquenta pés por pequenos patamares. Eram trinta as escadas assim dispostas, umas de encontro às outras, que facilitavam a descida até uma profundidade de mil e quinhentos pés,

41

e era este o único meio de comunicação que então existia entre o solo e a travessa DO arejamento, esse fazia-se pelo poço Yarow, que, em correspondência com outro, cujo orifício, aberto a um nível superior, dava livre passagem ao ar quente que vinha de dentro.

- Vai tu adiante, meu rapaz - disse a Harry o engenheiro.

- Com todo o gosto, senhor Starr.

- Tens o teu candil?

- Tenho, mas permitisse Deus que, em vez dele, nos fôssemos agora alumando com a lanterna de segurança.

- Isso era bom - respondeu Jaime Starr. - Provaria que não andava longe de nós o *grisu*, e que por consequência ainda a mina encerrava combustível.

Harry trazia apenas o candil ordinário de azeite, cuja torcida acendeu. Numa hulheira completamente esgotada não podiam dar-se fugas de *grisu*. Por consequência não havia receio de explosões, nem precisão de interpor entre a luz e o ar ambiente essa rede de metal que impede o gás de se inflamar exteriormente. A lâmpada de Davy, tão aperfeiçoada já a este tempo, não tinha aqui razão de ser utilizada.

Harry desceu os degraus da primeira escada. Jaime Starr fez outro tanto. Dali a segundos achavam-se ambos no meio de uma profunda escuridão, cortada apenas pela frouxa claridade do candil.

Desceram assim umas dez escadas com o Passo compassado, habitual ao mineiro.

As escadas estavam ainda em bom estado de conservação.

À luz escassa do candil, Jaime Starr ia examinando as escuras paredes do poço, ainda revestidas de um madeiramento já meio apodrecido.

Chegados ao décimo quinto patamar - a metade justamente da descida -, Harry e Jaime Starr pararam um momento.

42

- Decididamente já não tenho as tuas pernas, meu rapaz! - disse o engenheiro, custando-lhe a respirar. - Entretanto, isto há-de ir até ao fim.

- O senhor Starr ainda está vigoroso - respondeu Harry. - Deve isso com certeza a ter passado na mina tantos anos.

- Quando eu tinha a tua idade, Harry, era capaz de descer o poço de uma assentada. Vamos lá para diante.

No momento em que Harry e Jaime Starr se propunham a descer outra escada, ouviu-se uma voz que vinha do fundo do poço. Essa voz, que se tornava cada vez mais nítida, ia subindo, subindo como se fosse uma onda sonora.

- Que voz será aquela? - perguntou o engenheiro.

- Não sei - respondeu Harry.

- Não é teu pai?

- Não, decerto, senhor Starr.

- Talvez algum vizinho?

- Não tenho vizinhos lá em baixo - tornou Harry.

- Então deixemos passar o desconhecido - observou Jaime Starr. - Os que descem é que devem dar lugar aos que sobem.

Ambos se puseram à espera.

A voz percebia-se já perfeitamente. Parecia ser transmitida por um pavilhão acústico. Harry chegou enfim a ouvir pronunciar nitidamente alguns versos de uma trova escocesa. - A canção dos lagos! - exclamou ele. - Já sei quem sobe, senhor Starr. Aquela voz é a do meu amigo Jack Ryan. - E quem é esse Jack Ryan que tão bons pulmões mostra possuir? - perguntou o engenheiro.

- Um antigo companheiro da mina - replicou Harry.

Depois, dirigindo-se para baixo:

- És tu, Jack? - perguntou com força.

- És tu, Harry? - responderam-lhe das escadas inferiores.

43

- Espera um momento, que não tardo a estar contigo. E a mesma voz tornou a entoar com força a mesma canção.

Alguns minutos depois, aparecia no fundo do cone luminoso, projectado pelo seu candil, um rapaz de vinte e cinco anos, alto, cara alegre, olhar simpático, boca risonha e cabelo de um louro deitando para ruivo.

Ao pôr os pés no patamar da décima quinta escada, a primeira coisa que fez o recém-chegado foi apertar vigorosamente a mão que Harry lhe estendia.

- Ainda bem que te encontro! - exclamou ele. - Deus me perdoe! Se eu soubesse que tinhas saído hoje da mina, teria poupado às minhas pernas o trabalho de subir e descer estas escadas.

- Apresento-te o senhor Jaime Starr - disse então Harry, aproximando o seu candil do engenheiro, que se conservava afastado.

- O nosso antigo engenheiro? - perguntou Jack Ryan. - Ah! senhor Starr, acredite que o não tinha reconhecido. Desde que deixei de trabalhar na hulheira, os meus olhos perderam completamente o hábito de ver às escuras.

- Agora, agora me lembro de um rapazito que passava os dias sempre a cantar. Eras tu, pois não eras?

- Em pessoa, senhor Starr, e se mudei de ofício, pode acreditar que não mudei de génio. Rir e cantar sempre é melhor que ser resmungão, ou passar por choramingas.

- Decerto, Jack Ryan. E que fazes agora?

- Trabalho na herdade de Melrose, que fica perto de Irvine, a quarenta milhas daqui, no condado de Renfrew. Mas tenho pena das nossas queridas hulheiras, palavra! Gostava mais de manejar a barrena do que a enxada. Além disso, dentro da mina havia sempre muitos ecos para me transmitirem as cantigas, ao passo que lá por cima!... Mas pelo que vejo, o senhor Starr vai visitar o velho Simão?

44

- Vou - respondeu o engenheiro.
- Nesse caso não quero demorá-lo.
- Olha lá, Jack - atalhou Harry. - O que foi que te trouxe cá?
- Em primeiro lugar, ver-te - respondeu Jack Ryan -, depois convidar-te para as festas do clã(1) de Irvine. Bem sabes que sou o ier(2) daqueles arredores. Há-de cantar-se e dançar-se até não se poder mais.
- Obrigado, Jack, mas não contes comigo.
- Porquê?
- A visita do senhor Starr pode prolongar-se, e tenho de ir acompanhá-lo a Callander.
- Mas as festas de que te falo são para daqui a oito dias. A visita do nosso antigo engenheiro não vai decerto durar todo esse tempo.
- Aceita o convite do teu amigo - aconselhou Jaime Starr.
- Pois bem, aceito, Jack - disse Harry. - Dentro de oito dias encontrarmos-nos nas festas de Irvine.
- Está combinado - respondeu Jack Ryan. - Adeus, Harry. Um seu criado, senhor Starr. Gostei deveras de o tornar a ver! Vou dar notícias suas a alguns dos nossos antigos companheiros. Por cá ainda todos se lembram do senhor.
- Também eu me lembro de vocês, rapazes - respondeu Jaime Starr.
- Obrigado, em nome da classe - acrescentou Jack Ryan. - Adeus, Jack - disse Harry, apertando pela última vez a mão do seu amigo.
E Jack Ryan, recomeçando a toda a voz a sua canção, desapareceu rapidamente pelas escadas superiores, que o seu candil a custo alumiaava.

*1 Tribo escocesa formada por um certo número de famílias.
(N: do T.)

2. Tocador de gaita-de-foles na Escócia. (N. do T.)

45

Um quarto de hora depois, Harry e Jaime Starr tocavam com os pés o fundo do poço Yarow.

Da meia-laranja que o cercava partiam diversas galerias que tinham sido abertas para a exploração do último filão carbonífero. Estas galerias dilatavam-se pela massa de xistos e de grés, umas escoradas por trapézios de grossas vigas mal aparelhadas, outras sustidas por um duplo e valente reforço de alvenaria. Os aterros substituíam por toda a parte os filões completamente exauridos pela exploração.

Os pilares artificiais que sustentavam o solo, isto é, os pilares que suportavam os terrenos terciários e quaternários, depois de abertas as galerias, eram feitos de pedras arrancadas às pedreiras mais próximas. Era completa a escuridão que enchia agora estes subterrâneos, iluminados nos últimos tempos da exploração com o brilho da luz eléctrica. Sobre os carris dos sombrios túneis já não se ouvia o rumor produzido pelas rodas das vagonetes. Nas solitárias galerias um silêncio profundo, um silêncio de meter medo, substituía as vozes dos operários, o relinchar dos cavalos e das mulas, os golpes da picareta e o estampido das explosões que faziam estalar as rochas.

- Quer descansar um pouco? - perguntou Harry ao engenheiro.
- Não quero - respondeu Jaime Starr. - Estou com pressa de ver teu pai.
- Siga-me então, senhor Starr. Vou guiá-lo por estas encruzilhadas, se bem que não lhe fosse difícil atinar por si próprio com o caminho.
- Decerto. Conservo ainda de memória todo o plano da hulheira.

Harry, seguido de Jaime Starr, e levando erguido o candil para assim se ver melhor, tomou então por uma elevada galeria: que fazia lembrar a nave de uma catedral.

46

Os pés de Harry e do engenheiro iam tropeçando nas travessas que durante a época dos trabalhos suportavam as calhas dos trâmueis.

Não tinham, porém, andado cinquenta passos, quando uma grande pedra veio cair junto de Jaime Starr.

- Tome cuidado, senhor Starr! - bradou Harry, agarrando o engenheiro pelo braço.
- Pelo que vejo, Harry, a abóbada destas galerias já não tem a mesma solidez de outros tempos.
- Senhor Starr - atalhou Harry -, Parece-me que aquela pedra não se desprende, foi arremessada por mão de homem! - Arremessada?! - exclamou Jaime Starr. - Que dizes tu, meu rapaz?
- Nada... não digo nada - respondeu Harry, cujo olhar agora sério parecia querer varar aquelas sombrias solidões. - Continuemos o nosso caminho. Aqui tem o meu braço. Encoste-se bem a ele, que não cai.
- Aceito, Harry.

E ambos continuaram a avançar, estendendo Harry para trás de vez em quando o seu candil, como desejando encontrar uma explicação para aquele caso misterioso.

- Ainda nos falta muito? - perguntou o engenheiro.
- Dez minutos apenas de caminho.
- Bom.
- Contudo - murmurou Harry -, acho extraordinário o que ainda há pouco sucedeu. Como foi que a pedra veio cair justamente no momento em que passávamos?
- Não quebres a cabeça em conjecturas, meu rapaz. Atribui tudo ao acaso, que é o melhor.
- Ao acaso? - observou Harry em ar de dúvida. - Não me convenço de que o acaso...

Harry parou de súbito e aplicou o ouvido.

- Que há? - perguntou o engenheiro.

- Parece-me sentir passos atrás de nós - retorquiu Harry, que redobrava de atenção e vigilância. - Foi engano - acrescentou pouco depois. - Já lhe disse, senhor Starr:

47

pode encostar-se bem ao meu braço, Faça de conta que sou o seu bordão.
- E que bordão! - respondeu Jaime Starr. - O melhor bordão que há... o dos teus vinte e cinco anos, meu valente rapaz! Harry, visivelmente preocupado, voltava-se a medo, procurando surpreender, quer um indeciso clarão, quer um ruído afastado. Contudo, em redor dele o silêncio era absoluto e a treva impenetrável.

CAPÍTULO V

A FAMÍLIA FORD

DEz minutos depois, Jaime Starr e Harry Ford conseguiam sair da galeria principal.

O engenheiro e o seu guia tinham penetrado, enfim, na travessa Dochart, em cuja extremidade existia uma escura e vasta escavação, que não podia considerar-se absolutamente privada de luz. Esta escavação, rasgada na massa de xisto, recebia alguns raios luminosos pelo orifício de um poço aberto nos andares superiores. Era por meio deste conduto que a corrente de arejamento se estabelecia na hulheira. O ar quente do interior, esse, devido à sua menor densidade, saía pelo poço Yarow.

Nesta vasta escavação, onde tinham funcionado as poderosas máquinas destinadas a operar a tracção mecânica das galerias, é que Simão Ford estabelecera, havia dez anos, a sua permanente residência.

Graças a uma certa mediania, adquirida em longos anos de trabalho, Simão Ford poderia, se quisesse, ter vivido, à luz do Sol e no meio de árvores, em qualquer povoação do Reino Unido. Mas tanto ele como os seus, participando em comum das mesmas ideias e sentimentos, achavam preferível ficar a residir na hulheira, onde todos viviam felizes. Esta modestíssima habitação, enterrada mil e quinhentos pés abaixo do solo, que para outros seria aborrecida, era para eles extremamente agradável.

49

Entre outras vantagens, a família Ford não tinha a temer que os stentmeters, encarregados de lançar o imposto da capitação, fossem ali importuná-la.

A este tempo o velho overman Simão Ford contava, ainda cheio de vigor, os seus sessenta e cinco anos. Alto, robusto e bem proporcionado, Simão Ford podia considerar-se como um dos notáveis Sawneys(1) do distrito que tão bons soldados costumavam dar aos regimentos de Highlanders(2).

Simão Ford pertencia a uma antiga família de mineiros, cuja genealogia remontava aos primeiros tempos em que foram explorados os depósitos carboníferos da Escócia.

Sem investigar arqueologicamente se os Gregos e os Romanos fizeram uso da hulha, se os Chineses se utilizaram das minas de carvão de pedra muito antes da era cristã, sem discutir se o combustível mineral deve realmente o nome que tem ao ferrador Houillos, que vivia na Bélgica pelo século XII, pode-se, contudo, afirmar que as bacias hulheiras da Grã-Bretanha foram as primeiras cuja exploração se encetou regularmente. No século XI já Guilherme o Conquistador dividia entre os seus companheiros de armas o produto dos jazigos de Newcastle. No século XIII apareceu também Henrique III concedendo licença para ser explorado o "carvão marinho". Finalmente, nos últimos anos desse mesmo século já começa a fazer-se menção dos depósitos da Escócia e do principado de Gales.

*1. Dá-se ao escocês a designação de Sawney, como ao inglês a de John Bill e ao irlandês a de Paddy. (N. do T.) 2. Highlanders são os habitantes da parte setentrional e montanhosa da Escócia, que se chama Highlands (Terras Altas), da mesma forma que Lowlanders são os habitantes da parte meridional do dito país. Chamada Lowlands (Terras baixas), Os Highlanders passam por ser dos melhores soldados do exército Britânico. (N, do T.)

3. Outros autores há que derivam a palavra hulha do velho termo saxónio hulla, com que os Aiemies designavam este géFord. Era ela quvel. (N. do T.)

50 - 51

Foi por esse tempo que os antepassados de Simão Ford penetraram nas profundezas do solo caledoniano, para, de pai em filho, nunca mais dali saírem. De princípio esses homens eram apenas grosseiros operários, que trabalhavam como forçados na extracção do precioso combustível. Julga-se até que os mineiros de carvão de pedra, bem como os salineiros dessa época, não passavam de simples escravos. Efectivamente, no século XVIII estava em Inglaterra tão arreigada esta opinião que, durante a guerra do Pretendente, chegou mesmo a reccear-se que vinte mil mineiros de Newcastle se sublevassem para reconquistarem uma liberdade que não supunham possuir. Seja como for, Simão Ford sentia-se orgulhoso de pertencer a esta grande família de mineiros escoceses.

À maneira de seus ascendentes, havia também manejado de pequeno a picareta e o alvião. Aos trinta anos já era um dos overman das hulheiras de Aberfoyle, verdadeiramente dedicado ao seu ofício, exerceu sempre com zelo as funções que lhe cabiam. Só um desgosto lhe tinha pesado nos últimos tempos da exploração: era ver que o jazigo se empobrecia sensivelmente, e que não tardaria o momento de ele deixar de produzir.

Foi por isso que Simão Ford se lançou tenazmente à procura de novos filões. Auxiliado pelo seu instinto de mineiro, chegou a descobrir ainda alguns veios carboníferos. A sua longa prática nunca o iludia, e o engenheiro Jaime Starr apreciava-lhe muito essa boa qualidade.

Dir-se-ia que o velho overman adivinhava a existência dos jazigos, como um hidróscopo adivinha o sítio onde, debaixo da terra, se ocultam as nascentes de água.

Chegou, porém, um momento, como já se sabe, em que a matéria combustível faltou de todo na hulheira. As sondagens não acusaram nenhum novo jazigo. A exploração teve de cessar.

Viram-se os mineiros obrigados a sair.

À maior parte deles custou imenso uma tal separação. Todos que sabem quanto o homem se habitua ao trabalho, não hão-de estranhar decerto este sentimento de mágoa. Simão Ford foi um dos que mais se afligiram. Tipo de mineiro por excelência, julgava a sua vida presa à sorte da hulheira. Habitado a ela desde a infância, não teve coragem de abandoná-la, mesmo depois de terminada a exploração. E deixou-se ficar. Encarregou seu filho Harry do cuidado de abastecer a casa, e, num período de dez anos, talvez não viesse dez vezes contemplar o céu e as estrelas à superfície do solo. Costumava dizer: "Ir lá acima!... Para quê?" e prometia a si mesmo não tornar mais a sair da sua querida habitação. Vivendo sempre neste meio perfeitamente sadio e sujeito a uma temperatura regular, o velho overman nem conhecia os calores do Estio nem os frios do Inverno. A sua pequena família também gozava de saúde. Que mais podia ele desejar Interiormente, porém, ralava-o um desgosto. Tinha saudades do tempo passado, daquele tempo em que a vida e o movimento alegravam os trabalhos da hulheira.

Entretanto, havia uma ideia fixa que o não largava. - É impossívell... Ia jurar que a hulheira não está esgotada! - dizia ele muitas vezes.

E mal daquele que diante de Simão Ford se atrevesse a sustentar o contrário. A sua ideia fixa era deparar com algum novo jazigo, que fizesse restituir à mina o seu antigo esplendor. Como ele folgaria, sendo preciso, de tornar a manejar a picareta! Como os seus velhos braços se sentiam ainda fortes e vigorosos para atacar de frente as rochas subterrâneas! Possuído deste pensamento, não passava um único dia sem ir revistar as desertas galerias, ora só, ora na companhia do filho, para depois voltar a casa, fatigado sim, porém não esmorecido.

Chamava-se Madge, a digna companheira de Simão Ford.

Era alta e forte a goodwife, a boa mulher, conforme indica a expressão escocesa. À semelhança de seu marido, Madge também não quis abandonar a hulheira. Neste ponto compartilhava todas as esperanças de Simão Ford. Era ela quem diariamente o influía para não desistir do seu plano, quem o incitava a prosseguir com tenacidade na empresa, e de tal arte lhe dizia estas coisas que o velho overman redobrava de energia ao escutar as graves reflexões da boa Madge.

- Aberfoyle não morreu, meu Simão - ponderava ela. - Tu é que não te enganas. O que os outrus julgam que é a morte, é apenas um sono prolongado.

Madge não aspirava também às distrações da vida exterior, concentrando a felicidade da sua existência de mãe e de esposa no fundo desta sombria morada.

Foi a essa morada que chegou finalmente o engenheiro.

Jaime Starr era previamente esperado. Apenas o candil de

Harry lhe fez ver de longe o seu antigo viewer, Simão Ford, que estava de pé à entrada da porta, correu logo para ele de braços abertos.

- Seja bem-vindo, senhor Jaime! - bradou Simão Ford com uma voz que se repercutiu através das abóbadas de xisto. - Seja bem-vindo à casa do seu antigo overman! Lá porque a família Ford reside a mil e quinhentos pés de profundidade, não é isso razão para que ela receba menos cortês e hospitaleiramente os seus velhos e bons amigos.

- Como passas, meu bom Simão? - perguntou Jaime Starr, lançando-se nos braços que o seu hóspede lhe estendia. - Perfeitamente, senhor Starr. E como se poderia aqui passar mal ao abrigo de todas as intempéries do ar? As senhoras de Edimburgo, que vão banhar-se durante o Verão a Newhaven e

Porto-Belo, faziam muito melhor se viessem antes aqui passar alguns meses! Ao menos estariam a coberto das constipações que podem apanhar, tanto nas praias, como nas ruas húmidas da velha capital.

54

- Não serei eu que te contradiga, Simão - respondeu Jaime Starr, satisfeito de encontrar o overman tal como ele era antigamente. - Eu mesmo na verdade não sei por que me não decido a trocar a minha casa de Canongate por uma habitação próxima da tua.

- Quem dera isso, senhor Starr! Conheço até um dos seus antigos mineiros, que se julgaria extremamente feliz se o tivesse por vizinho de ao pé da porta.

- E Madge? Onde está ela? - perguntou o engenheiro.

- A minha velha ainda passa melhor do que eu, se é possível

- replicou Simão Ford. - Se visse como ela está alegre de o ter hoje à nossa mesa!... Eu sei lá!...

Creio que para o receber como quem é, vai para aí apresentar-nos algum banquete de pessoa real. - Veremos isso, meu amigo, veremos isso! - disse o engenheiro, a quem a perspectiva de um bom almoço não podia ser indiferente depois de tão grande caminhada.

- Está com apetite, senhor Starr?

- Se estou, meu velho Simão! A madrugada abriu-me a vontade de comer. Demais a mais viemos por aí fora com um tempo horroroso.

- Ah! chove lá por cima! - respondeu Simão Ford com ar de ligeira zombaria.

- Se chove! As águas do Forth estão hoje mais agitadas que as do mar do Norte em dia de temporal.

- Pois aqui, senhor Jaime, nunca chove! Mas que necessidade tenho de estar a descrever-lhe vantagens que o senhor deve conhecer tão bem como eu? O principal foi termos o prazer da sua visita, por isso lhe repito ainda uma vez: seja bem-vindo. Simão Ford, acompanhado de Harry, convidou Jaime Starr a entrar na sua habitação.

55

O engenheiro achou-se a meio de uma vasta casa de jantar, alumiada por diferentes lanternas - uma das quais suspensa das traves do tecto, que eram pintadas.

A mesa, respirando asseio e coberta por uma alvíssima toalha com barras de cores muito vivas e alegres, apenas esperava pelos convivas, a quem estavam reservadas quatro cadeiras de couro.

- Muito bons dias, Madge - disse o engenheiro. - Muito bons dias, senhor Jaime - respondeu a boa da escocesa, levantando-se para cumprimentar o seu hóspede. - Creia que tenho imenso prazer de tornar a vê-la, Madge.
- São favores, senhor Jaime. Eu é que folgo de me encontrar novamente com uma pessoa que me tratou sempre tão bem. - O almoço arrefece, Madge - disse então Simão Ford -, e não é justo que façamos esperar o senhor Jaime, que está com uma fome de mineiro. Havemos de mostrar-lhe hoje como é que, devido aos cuidados do nosso rapaz, temos sempre a despesa bem fornecida. A propósito, Harry - acrescentou o velho overman, voltando-se para o filho -, tenho a dar-te uma novidade. Jack Ryan veio cá para te ver. - Já sei, meu pai. Encontrámo-lo no poço Yarow. - É um excelente companheiro, sempre alegre e folgazão - disse Simão Ford. - Parece que se dá muito bem lá por cima! Aquilo não tinha nas veias legítimo sangue de mineiro. Para a mesa, senhor Jaime, e é comer a fartar, porque talvez não nos tornemos a reunir aqui hoje senão lá para a noite. No momento em que iam sentar-se, Jaime Starr disse, dirigindo-se a Simão:
- Espera, Simão: queres que eu coma com apetite?
- Será isso o nosso maior prazer, senhor Starr - respondeu o velho mineiro.

56

- Nesse caso, é preciso que não haja da nossa parte, da minha em especial, a menor preocupação. Ora eu tenho duas perguntas a fazer-te. - Diga, senhor Jaime.
- A tua carta falou-me de uma comunicação da mais alta importância.
- Assim é, com efeito.
- E essa comunicação interessa-te directamente? - Interessa-me tanto a mim como ao senhor. Mas não desejo fazer-lha senão depois de termos almoçado e no próprio lugar que se relaciona com ela. Preciso destas restrições, quando não o senhor Jaime não ousará acreditar-me.
- Simão - replicou o engenheiro - olha bem para mim e não desvies os olhos dos meus. Diz-me: essa comunicação é assim muito importante? Simão Ford, sem baixar os olhos, fez um sinal afirmativo.
- Está bem, não quero saber mais nada - acrescentou Jaime Starr, como se tivesse lido a resposta que desejava no olhar firme do velho overman.
- E qual era a segunda pergunta? - disse este. - Saber-me-ás explicar, Simão, quem foi que me es creveu isto?
- E o engenheiro apresentou a carta anónima que recebera em Edimburgo.
- Simão Ford pegou na carta e leu-a com atenção.
- Depois, mostrando-a ao filho, ajuntou:
- Conheces esta letra?
- Não conheço - respondeu Harry.

- E esta carta levava a marca do correio de Aberfoyle? - perguntou Simão Ford ao engenheiro.
- Levava, sim. Exactamente como a tua - respondeu Jaime Starr.
- Que pensas disto, Harry? - disse Simão Ford, cujo parecer denunciou uma certa inquietação.

57

- Penso, meu pai - respondeu Harry -, que alguém teve empenho em impedir que o senhor Jaime Starr aceitasse o nosso convite. - Mas quem? - exclamou o velho mineiro. - Quem se atreveria assim a devassar o íntimo dos nossos pensamentos? E Simão Ford deixou-se cair numa espécie de cogitação, a quem a voz de Madge veio pôr termo.
- Sentemo-nos, senhor Starr - disse ela. - É tempo de começarmos a almoçar. Não se pense mais por agora nessa carta. Em seguida, cada um tomou o seu lugar à mesa: Jaime Starr em frente de Madge, o filho em frente do pai.

O almoço reunia todas as características de uma agradável refeição escocesa.

Começava por um hotchpotch, sopa em que a carne anda a nadar no meio de um excelente caldo. Segundo a opinião do velho overman, sua mulher não tinha rival na maneira de fazer o hotchpotch.

Podia-se dizer o mesmo do cockylecky, espécie de guisado de capão, adubado com alhos, que também estava delicioso. Estes dois pratos magníficos foram acompanhados de uma ale magnífica, procedente das melhores cervejarias de Edimburgo.

O prato principal consistia, porém, num haggis, pudim nacional feito de carnes e de farinha de cevada. Este notável manjar, que inspirou ao poeta Burns uma das suas melhores odes, teve a sorte reservada às coisas mais formosas deste mundo: passou depressa, como um sonho.

A boa Madge foi sinceramente cumprimentada pelo seu hóspede.

O almoço terminou por uma sobremesa composta de queijo e de cakes, bolos de aveia muito bem preparados, seguindo-se por último uns copinhos de usquebauglz, excelente aguardente de cereais, que tinha vinte e cinco anos - exactamente a idade de Harry.

58

O almoço havia-se prolongado por mais de uma hora. Jaime Starr e Simão Ford não tinham só comido bem: tinham também conversado muito, principalmente acerca do passado das velhas hulheiras de Aberfoyle.

Harry, pela sua parte, poucas palavras dissera. Por duas vezes se levantara da mesa, chegando até a sair da casa de jantar. Percebia-se que o filho do overman ficara impressionado com o incidente da pedra, pelo que desejava observar os arredores da habitação. A carta anónima também concorria para lhe inquietar o espírito.

Foi durante uma dessas saídas que o engenheiro disse a Simão Ford e a sua mulher:

- É um rapaz como há poucos este Harry.

- Se é, senhor Jaime! Não há melhor coração que o dele! - respondeu com certo orgulho o overman.
 - E vive aqui satisfeito?
 - Não nos deixa por coisa nenhuma.
 - Entretanto precisam pensar em casá-lo.
 - Casar o nosso Harry! - exclamou Simão Ford. - E com quem?
- Com alguma rapariga lá de cima, que só pensasse em festas e bailes, preferindo o seu clã à nossa hulheira! Harry não queria uma noiva por tal preço.
- Contudo, Simão - respondeu Madge -, tu não deves exigir que o nosso Harry fique solteiro toda a vida. - Eu não exij o nada - tornou o velho mineiro -, mas o negócio não é urgente. Quem sabe porventura se nós não lhe acharemos...
- Harry entrou neste momento e Simão Ford calou-se. Quando Madge se levantou da mesa, todos a imitaram, e vieram sentar-se um instante para a porta da entrada.
- Agora pode falar, Simão - disse o engenheiro. - Todo eu sou ouvidos.
 - Não é dos seus ouvidos que eu preciso, senhor Jaime, é das suas pernas - ponderou Simão Ford. - Vamos a saber: isso agora já está melhor de forças?

59

- Já. E depois do almoço que me deu tua mulher, até me sinto capaz de te acompanhar aonde queiras levar-me.
 - Harry - disse o velho overman voltando-se para o filho -, acende as nossas lanternas de segurança. - Lanternas de segurança! - exclamou Jaime Starr surpreendido, visto não haver que recear as explosões de grisú numa hulheira absolutamente exausta de carvão.
 - É por prudência, senhor Jaime!
 - Se te parece, exige também que eu vista um fato de mineiro.
 - Por ora não, senhor Jaime, por ora não! - acudiu o velho overman, cujos olhos brilhavam com intensidade por debaixo das suas órbitas profundas. Harry, que se tinha ausentado por um instante, voltou logo depois, trazendo três lanternas de segurança.
- Harry deu uma das lanternas ao engenheiro, entregou outra a seu pai e guardou a terceira para si, suspendendo-a na mão esquerda, enquanto com a direita se armava de um pau comprido. - A caminho! - bradou Simão Ford, que pegou numa boa picareta, encostada à entrada da porta.
- A caminho! - repetiu o engenheiro. - Até logo, Madge!
 - Que Deus vos acompanhe e guarde - disse a escocesa. - Madge! - exclamou Simão Ford -, prepara-nos um bom jantar para a volta, ouviste! Lembra-te que havemos de vir com fome!

CAPÍTULO VI

CASOS EXTRAORDINÁRIOS

Sabe-se como estão arreigadas as crenças supersticiosas nas Terras Altas e Baixas da Escócia. Em certos clãs, os rendeiros do laird(1), quando se reúnem ao serão, costumam entreter-se a contar histórias extraídas na maior parte do vasto reportório da mitologia hiperbórea. A instrução, se bem que larga e liberalmente espalhada neste país, ainda não conseguiu reduzir ao estado de ficções a infinidade de lendas peculiares ao solo da velha Caledónia. Aquela ainda é a terra dos espíritos e das almas do outro mundo, das fadas e dos duendes. Além do génio maligno, que nunca se afasta das habitações sem se Lhe fazerem oferendas de dinheiro, costumam ali aparecer: o Seer, que tem o dom da previsão para anunciar os que hão-de morrer breve; o May Moullach, que toma as formas de uma rapariga com braços felpudos e previne as famílias das desgraças que lhes estão iminentes; a fada Branshie, que prediz os acontecimentos funestos; os Brawnies, a quem se confia a guarda dos móveis de uma casa; e o Urisk, que aparece mais frequentemente nos desfiladeiros do lago Katrine;

*1. Senhor, na Escócia, de um feudo ou domínio territorial que se arrenda. (N. do T.)

61

afora muitos outros espíritos, de diversas categorias. É escusado dizer que as hulheiras escocesas deviam contribuir com um grande contingente de lendas e de fábulas para este reportório mitológico. Se as montanhas das Terras Altas se mostram povoadas de seres quiméricos, uns bons e outros maus, com maior razão deviam essas legiões de espíritos frequentar as profundas galerias das minas carboníferas. Quem faz estremecer o jazigo durante as noites de trovoadas, quem indica o rasto do filão ainda por explorar, quem inflama o grisu e preside às terríveis explosões senão algum génio particular às hulheiras?

É esta, pelo menos, a opinião mais geralmente espalhada entre os supersticiosos mineiros da Escócia. A maior parte deles pende de bom grado para o fantástico, embora se trate de causas puramente físicas, e se alguém pretendesse desiludi-los, perderia o seu tempo com certeza, Onde acharia a credulidade melhores disposições para medrar do que no fundo destes abismos subterrâneos?

Ora as hulheiras de Aberfoyle, pelo facto de existirem no país das lendas, não podiam deixar de se prestar à influência do maravilhoso.

As lendas davam-se ali perfeitamente. Diga-se, porém, que certos fenómenos, até então inexplicáveis, concorreram para aumentar a credulidade dos mineiros.

Na primeira fila dos supersticiosos contava-se Jack Ryan, o jovem companheiro de Harry Ford. Em toda a Escócia não havia outro partidário mais acérrimo de casos maravilhosos. História de fantasmas ou almas penadas que Lhe chegassem aos ouvidos, era logo por ele transformada em trova para sua maior glória nos compridos serões do Inverno.

Jack Ryan tinha porém muitos sócios na credulidade. Todos os outros mineiros afirmavam que as hulheiras de Aberfoyle eram habitadas por certos entes impalpáveis que ali apareciam a miúdo.

62

E o mais é que, depois de se ouvirem as descrições que estes homens faziam, quase se era obrigado a tomá-las como plausíveis. Efectivamente, não há lugar mais adequado que o fundo de uma hulheira para essas danças e folguedos dos génios, dos trasgos, das fadas, dos duendes e de tantas outras personagens que figuram nos dramas de imaginação. Se a cena estava armada por si mesma, porque não haviam de aproveitá-la para as suas representações essas companhias de artistas invisíveis? Era assim que Jack Ryan e os seus companheiros raciocinavam sobre o caso.

As hulheiras de Aberfoyle estavam todas em comunicação por meio das galerias que se tinham rasgado entre os filões. Por debaixo do condado de Stirling existia, pois, uma extensa massa, cortada de poços e túneis, uma espécie de hipogeu, ou de labirinto subterrâneo, oferecendo o aspecto surpreendente de um grandioso formigueiro.

Os mineiros das diferentes galerias encontravam-se pois a miúdo, quer quando iam para o trabalho, quer quando voltavam dele. Resultava daqui poderem facilmente conversar uns com os outros, fazendo correr à vontade as histórias cuja origem provinha da própria hulheira. As narrações transmitiam-se assim rapidamente, ganhando em maravilhoso à proporção que passavam de boca em boca.

Havia porém dois mineiros mais instruídos e de temperamento mais sólido que tinham sempre resistido a esta alucinação, não querendo admitir por maneira alguma a interferência maravilhosa dos duendes e das fadas nos diversos actos da vida.

Estes dois mineiros eram Simão Ford e seu filho, que mostraram bem o seu desprezo pela superstição, continuando a viver no fundo da sombria hulheira, mesmo depois de terminados os trabalhos.

Talvez que a boa Madge, como todas as escocesas das Terras Altas, sentisse uma certa queda para o maravilhoso.

Mas, por falta de ouvintes na família, era obrigada a contar a si mesma essas histórias sobrenaturais - encargo que ela desempenhava conscienciosamente, para não prejudicar as velhas tradições.

Simão e Harry Ford, ainda mesmo quando fossem tão crédulos como os seus camaradas, dificilmente largariam a hulheira à descrição dos génios e das fadas. A esperança de descobrirem um novo filão tê-los-ia feito arrostar com todas as falanges de duendes. A sua credulidade e a sua crença consistiam só num ponto, é que não podiam admitir que estivessem completamente esgotados os jazigos carboníferos de Aberfoyle. Simão Ford e seu filho tinham a esse respeito uma confiança ilimitada, uma dessas confianças que nada consegue abalar. Aí está porque havia dez anos que o pai e o filho, obstinados e inflexíveis nas suas convicções, não tinham deixado passar um só dia sem se munirem das suas picaretas e candis para irem ambos percorrer as galerias, investigando tudo, e muitas vezes atacando a rocha por meio de golpes isolados, a fim de ver se ela produzia algum som prometedor.

Enquanto as sondagens não fossem dirigidas até à massa granítica do terreno primário, Simão e Harry Ford entendiam que as suas investigações, inúteis hoje, podiam amanhã tornar-se proveitosas, e que portanto não convinha largar mão delas um só dia. Ambos estavam decididos a passar por

ali a vida, esperando restituir ainda à hulheira a sua primitiva prosperidade. Se o pai tivesse de succumbir antes de chegada a hora de êxito, seria o filho quem deveria continuar a empresa demorada.

Ao mesmo tempo estes dois guardas perseverantes não se esqueciam de ter em vista a conservação das galerias. Para esse fim examinavam escrupulosamente a solidez dos aterros e o estado das abóbadas, indagando se haveria a recear algum desabamento, ou se deveria ser condenada como perigosa alguma parte da mina.

64

A infiltração das águas superiores merecia-lhes um cuidado especial, fazendo-as derivar convenientemente, e buscando canalizá-las para determinados escoadouros.

Haviam-se finalmente constituído protectores e conservadores deste domínio improdutivo, donde tantas riquezas tinham saído - presentemente desfeitas em fumo!

Foi durante algumas dessas excursões que Harry pôde verificar a existência de certos fenómenos, cuja explicação ele debalde procurava.

Sucedeu que muitas vezes, ao passar por alguma apertada travessa, lhe pareceu ouvir do outro lado da mina uma bulha surda, como de golpes de picareta.

Harry, que se não deixava intimidar pela influência dos espíritos invisíveis, apressava então o passo para surpreender a causa daqueles sons misteriosos.

O túnel estava silencioso. O candil do mineiro, erguido e abaixado em diferentes direcções, não conseguia divisar o menor vestígio de qualquer trabalho recente.

Harry perguntava então a si próprio se não estaria sendo vítima de alguma ilusão de acústica, de algum eco singular e caprichoso.

Outras vezes, projectando de repente uma intensa claridade sobre um ponto suspeito. parecia-lhe ver deslizar rápida uma sombra. Corria sobre ela... Porém, nada! E, contudo, nenhuma saída havia por onde ente humano se pudesse furtar às insistentes pesquisas!

Por duas vezes durante um mês. andando Harry a visitar a parte oeste das hulheiras, pôde ouvir diferentes detonações ao longe, parecidas com o estalar de cartuchos de dinamite. Depois de minuciosas diligências, Harry veio finalmente a descobrir que um dos pilares das galerias tinha sido em parte destruído por meio de explosão.

À luz do seu candil, Harry examinou cuidadosamente o sítio atacado pela dinamite. Compunha-se de xistos, que haviam penetrado até ao próprio andar do jazigo carbonífero.

65

Aquele acontecimento teria tido por alvo a descoberta de algum novo filão? Ou limitar-se-ia a explosão a provocar qualquer desmoronamento naquela parte da hulheira? Eis o que não se podia facilmente explicar.

Quando Harry narrou a seu pai o que presenciara, nem um nem outro puderam atinar com a verdadeira causa deste mistério. - É singular! -

repetia Harry amiudadas vezes. - Parece inadmissível a existência de um desconhecido dentro da mina, e contudo não resta dúvida que existe cá alguém. Com que fim? Para descobrir algum veio ainda por explorar? Ou para unicamente destruir o que ainda resta das hulheiras de Aberfoyle? Oh!, hei-de saber o que há nisto de verdade, ainda que tenha de arriscar a própria vida!

E Harry Ford esteve quase a conseguir o fim das suas diligências, duas semanas antes do dia em que foi postar-se na gare de Callander à espera do engenheiro Jaime Starr. O caso passara-se da seguinte forma. Ele percorria a parte sudoeste da hulheira, levando na mão uma grande lanterna. De repente pareceu-lhe que, na extremidade de uma travessa muito comprida, se lhe tinha ocultado um indeciso clarão. Harry, sem perder um instante, precipitou-se afoitamente sobre aquele ponto suspeito.

Baldado empenho! Como Harry, para as coisas físicas, não admitia explicações sobrenaturais, acabou por se convencer que dentro da mina andava uma pessoa desconhecida. Apesar, porém, dos esforços que empregou para encontrá-la, e do extremo cuidado com que examinava as menores fendas da galeria, sempre o resultado foi negativo.

Harry chegou a esperar que o acaso lhe revelasse este mistério. De vez em quando tornava a distinguir aqueles indecisos clarões, que volitavam de um para outro lado, como se fossem fogos-fátuos. A sua aparição tinha, contudo,

66

a rapidez do raio, e o filho do overman não conseguia nunca descobrir-lhes a origem.

Se no tempo dos trabalhos, Jack Ryan e os outros mineiros supersticiosos tivessem assistido a casos desta ordem, não deixariam com certeza de atribuí-los a um poder sobrenatural.

Harry, todavia, não pensava assim, nem tão-pouco o velho Simão Ford, quando sucedia estarem ambos a falar destes fenómenos, devidos a uma causa puramente física.

- Esperemos ainda - dizia o pai para o filho. - Um dia virá em que tudo isto se aclare!

Entretanto - seja dito em abono da verdade -, contra Simão Ford e seu filho ainda até agora se não tinha manifestado nenhum acto de violência.

Se a pedra que veio cair aos pés de Jaime Starr ocultava a mão de um malfeitor, era esse o primeiro facto criminoso que poderia apontar-se com fundamento.

Jaime Starr, consultado sobre o assunto, foi de opinião que essa pedra se tinha desprendido da abóbada da galeria. Harry não se conformava com esta simples explicação. Segundo a sua maneira de ver, a pedra não caíra, fora arremessada. A não ser que ela ressaltasse, como poderia ter descrito uma trajectória, senão movida por meio de estranha impulsão? Harry via nisto uma tentativa contra ele e seu pai, e talvez contra o engenheiro. E em presença do que já fica dito, parece que ao prudente rapaz não faltavam motivos para assim supô-lo.

CAPÍTULO VII

OS EFEITOS DO GRISU

Dava meio-dia no velho relógio de parede, colocado no meio da casa de jantar, quando Jaime Starr e os seus dois companheiros se puseram a caminho.

A claridade, que penetrava através do poço de arejo, alumiaava frouxamente a escavação. A lanterna de Harry não era por enquanto necessária, mas sê-lo-ia dentro em pouco, porque o velho overman desejava conduzir o engenheiro até aos últimos limites da hulheira.

Depois de terem percorrido um espaço de duas milhas na galeria principal, os três exploradores - pois ver-se-á em breve que se tratava de uma exploração - chegaram à boca de uma estreitíssima travessa, cuja abóbada repousava sobre um madeiramento coberto de musgo esbranquiçado. Desta travessa seguia pouco mais ou menos a linha que traçava a mil e quinhentos pés de altura o curso superior do Forth. Se acontecia mostrar-se o engenheiro menos familiarizado com o dédalo das galerias, Simão Ford recordava-lhe as disposições do plano geral, comparando-as com o traçado geográfico do solo. Jaime Starr e Simão Ford caminhavam pois em animada conversação.

68

Harry ia adiante para alumiar o caminho, procurando ver se descobria qualquer vulto suspeito por meio de rápidos e brilhantes clarões, que fazia projectar com a sua lanterna sobre as negras cavidades.

- Temos de ir assim até muito longe? - perguntou o engenheiro.

- Ainda meia milha, senhor Jaime - disse o velho overman. -

Dantes poderíamos ter andado este caminho nos trâmueis de tracção mecânica... Como já vão longe esses bons tempos! - Pelo que vejo, queres levar-me até o sítio onde existia o último filão? - perguntou Jaime Starr.

- Tal e qual! Noto que ainda conhece a mina muito bem, senhor Jaime.

- Iria até jurar - acrescentou o engenheiro - que já nos falta pouco para lá chegarmos, não é verdade, Simão? - É, senhor Jaime. Foi aqui que os nossos mineiros arrancaram ao jazigo o seu último pedaço de hulha. Lembro-me ainda como se fosse hoje! Estava eu dirigindo esses trabalhos, quando a picareta se cravou na rocha pela derradeira vez! Que dor, senhor Jaime! O efeito daquela pancada gravou-se-me para sempre no coração! Em redor de nós não se via senão grés e xisto. Depois, quando se retirou, para não voltar mais, a vagonete, eu segui-o até o poço de extracção, comovido e angustiado, como se pode seguir o enterro de algum amigo que estremecemos em vida. Parecia-me que a alma da nossa querida hulheira nos era arrebatada naquela vagonete. A gravidade com que o velho overman pronunciara estas palavras impressionou profundamente o engenheiro, que também compartilhava os mesmos sentimentos. A dor destes dois homens só era comparável à do marinheiro que o naufrágio obriga a deixar o navio, ou à do fidalgo que vê cair por terra o solar de seus avós!

Jaime Starr apertou sensibilizado a mão de Simão Ford. O overman então, mudando de tom e abraçando com força o engenheiro, exclamou cheio de entusiasmo:

- Nesse dia todos nós nos enganámos! A velha hulheira não estava morta!

69

Aquele corpo que os mineiros iam ali deixar ao abandono não era um cadáver! E a prova, posso afiançá-lo, senhor Jaime, é que o seu coração ainda palpita!

- Que me dizes, meu amigo! Descobriste porventura algum novo filão? -

bradou o engenheiro, que não pôde ter mão em si de contente. - Oh!, eu bem devia supor que a tua carta se referia a um achado dessa ordem! Não me falavas tu de uma comunicação importante. E que outra coisa poderia ter maior importância para mim do que o descobrimento de um novo depósito carbonífero?

- Senhor Jaime - tornou Simão Ford -, o meu principal desejo era prevenir desta boa nova o nosso antigo engenheiro. - E fizeste bem, Simão! Mas por meio de que sondagens conseguiste chegar a esta conclusão?

- Ouça-me, senhor Jaime - replicou Simão Ford. - Eu ainda não encontrei propriamente um jazigo. - O que foi então que encontraste?

- A prova material de que existe esse jazigo.

- Essa prova?

- Pode porventura admitir-se que o grisú se desprenda das entranhas da terra sem haver hulha para produzi-lo? - Decerto que não - respondeu o engenheiro. - Ausência de carvão de pedra, ausência de grisú. Não há efeito sem causa.

- Como também não há fumo sem fogo!

- E verificaste ao certo a presença do hidrogénio protocarbonado?

- Um velho mineiro não se deixa iludir facilmente - retorquiu Simão Ford.

- Estou certíssimo de ter descoberto o nosso velho amigo, o negregado grisú!

- E se fosse outra espécie de gás! - ponderou Jaime Starr. -

O grisú é quase inodoro e não tem cor. Só pela explosão é que ele se denuncia!

70

- Senhor Jaime - tornou Simão Ford -, dá-me licença que lhe conte o que eu fiz, e como foi que o fiz, sem me levar a mal que seja minucioso?

Jaime Starr, conhecendo bem o velho overman, entendeu que o melhor seria deixá-lo falar.

- Há dez anos - observou Simão Ford - que não se passa um único dia sem que eu e meu filho trabalhemos com afinco para restituir à hulheira a sua antiga prosperidade. "Haverá ainda nela por acaso algum jazigo?", dizíamos nós um para o outro. Pois havemos de dar com ele, suceda o que suceder. De que meios nos serviríamos? Das sondagens? Não as tínhamos ao nosso alcance, mas sobrava-nos o instinto do mineiro, e muitas vezes faz-se mais pelo instinto do que se faz pelo saber. É essa pelo menos a minha opinião.

- Que eu não contradigo - atalhou o engenheiro. - E quer saber, senhor Jaime, o que meu filho observou por duas vezes durante as suas excursões à parte ocidental da hulheira? Umhas pequenas chamas que se apagavam de repente e que apareciam através do xisto ou dos aterros das últimas galerias. Qual era a verdadeira causa daqueles fogos? Quanto a mim, a presença do grisú. E o grisú não se mostraria, decerto, se não lhe ficasse próximo o jazigo carbonífero.
- E esses fogos não produziam nenhuma explosão? perguntou com interesse - perguntou o engenheiro.
- Alguns produziam - respondeu Simão Ford -, mas pequenas, parciais, e de natureza tal que eu mesmo as provocava, quando queria convencer-me da existência do grisú. O senhor Jaime lembra-se ainda como era que se preveniam antigamente as explosões, antes de o nosso humanitário Humphry Davy ter inventado a sua lanterna de segurança?
- Queres referir-te ao "penitente"? - disse Jaime Starr. - Nunca cheguei a conhecê-lo.
- Não admira. O senhor é muito novo, apesar dos seus cinquenta e cinco anos, para ter presenciado essas coisas. Eu, que sou muito mais velho, ainda vi funcionar o último penitente de hulheira.

71

Chamava-se-lhe assim, porque trazia vestido um hábito de frade. O seu verdadeiro nome era fireman, homem do fogo. O único recurso que havia naquele tempo para evitar os terríveis efeitos do grisú era decompô-lo por meio de pequenas explosões, antes que ele se acumulasse em grande quantidade nas alturas das galerias. É por isso que o penitente se arrastava pelo chão, levando a cara tapada com uma máscara, envolvida a cabeça num espesso capuz, e o corpo estreitamente apertado na sua vestimenta de burel. Tomando a respiração nas camadas inferiores, onde era o ar mais puro, o penitente sustinha na mão direita um facho de luz bem viva, que agitava amiúde por cima da cabeça.

Se o grisú existia no ar em condições de constituir um misto inflamável, a explosão realizava-se sem perigo, conseguindo-se desta forma evitar outras desgraças. Algumas vezes, porém, o penitente, surpreendido por uma explosão mais forte, sucumbia aos seus efeitos. Quando se dava um desses casos, outro vinha substituí-lo sem demora. E foi isto o que sempre se fez até ao dia em que a lâmpada de Davy se adoptou em todas as minas. Mas como eu conhecia o processo tratei de o empregar, e foi desta maneira que, verificando a existência do grisú, acabei por me convencer que tinha encontrado dentro da hulheira abandonada um novo depósito de carvão de pedra.

Tudo que o velho overman acabava de dizer acerca do penitente não admitia a menor contestação. Era aquele o meio empregado antigamente nas hulheiras, a fim de purificar o ar das galerias.

O grisú, chamado também hidrogénio protocarbonado ou gás dos pântanos, incolor, quase inodoro e de frouxa claridade é completamente impróprio à respiração. Seria tão difícil a um mineiro viver num local cheio desse gás nocivo como é difícil viver-se no meio de um gasómetro cheio de gás de iluminação.

À semelhança deste último, que se compõe de hidrogénio bicarbonado, o grisú forma também um misto explosivo desde que o ar entra nele numa proporção de oito e mesmo talvez de cinco por cento. Quando qualquer circunstância concorre para o inflamar, a explosão segue-se-Lhe de perto, acompanhada quase sempre de catástrofes assombrosas.

É para evitar este perigo que serve o aparelho de Humphry Davy, isolando a chama das lanternas por meio de um tubo de rede metálica, que destrói o grisú no interior desse tubo sem deixar reproduzir-Lhe a inflamação exteriormente. Esta lanterna de segurança tem sido aperfeiçoada por diferentes maneiras. Se por qualquer acaso ela se quebra, apaga-se logo. Se, apesar das mais rigorosas proibições, o mineiro insiste em querer abri-la, ainda assim mesmo se apaga. Porque é então que as explosões ainda não acabaram de todo? Porque nada pode obstar à imprudência do mineiro que se lembra de acender o seu cachimbo, ou ao choque da picareta que provoca uma fâisca.

Nem todas as hulheiras são infeccionadas pelo grisú. Naquelas onde este gás se não produz. permite-se o uso do candil ordinário. Mas quando a hulha do jazigo em exploração é gorda, encerra sempre uma certa quantidade de matérias voláteis, de que resulta o grisú poder desenvolver-se em grande abundância. Só a lanterna de segurança consegue nesse caso evitar as explosões, tanto mais terríveis, quanto é certo que os mineiros que escapam ao grisú correm perigo de serem instantaneamente asfixiados pelo ácido carbónico - esse outro gás deletério, que se forma depois da inflamação, invadindo completamente as galerias.

Sem interromper a sua marcha, Simão Ford foi contando ao engenheiro como chegara a convencer-se que o grisú se soltava do fundo de uma travessa, aberta na extremidade oeste da hulheira, e de que modo obtivera sobre o afloramento do foliado de xisto algumas explosões parciais, ou antes determinadas inflamações, que lhe não deixavam a menor dúvida acerca da natureza daquele gás, cuja fuga se operava em pequenas doses, mas de uma forma permanente.

Uma hora depois de terem saído de casa, Jaime Starr e os seus dois companheiros tinham já percorrido uma distância de quatro milhas. Impellido pela curiosidade e pela esperança, o engenheiro fizera aquele trajecto sem dar por tal. Ia reflectindo em tudo que Lhe apontara o velho mineiro, e calculando mentalmente os argumentos que este apresentara em favor da sua tese. Jaime Starr supunha, como Simão Ford, que esta aparição sucessiva de hidrogénio protocarbonado indicava com certeza a existência de um novo jazigo carbonífero. Se se tratasse apenas de uma certa emissão de grisú, como sucede ás vezes entre o foliado de xisto, essa emissão, deixando de se repetir, faria cessar as suposições do velho overman. Longe disso, porém. O grisú - segundo afirmava Simão Ford - desprendia-se muito amiúde, donde era fácil concluir que havia por ali perto algum desconhecido filão. As riquezas da hulheira não deviam, pois, considerar-se completamente esgotadas. Mas tratar-se-ia apenas de alguma camada pouco produtiva, ou de

algum jazigo que ocupasse um extenso andar do terreno hulheiro? Todo o interesse do assunto batia sobre este ponto.

Harry, que precedia seu pai e o engenheiro, estacou de repente.

- Eis-nos chegados - exclamou o velho mineiro. - Com a ajuda de Deus, senhor Jaime, vamos enfim saber... E a voz tão firme do velho overman tremia agora ligeiramente.

- Tranquiliza-te, meu velho amigo - disse o engenheiro. - Sinto-me tão comovido como tu, mas é preciso não perder tempo!

A travessa alargava-se na sua extremidade, formando uma espécie de sombria caverna. Como nesta parte da hulheira não se tivesse escavado nenhum poço, a travessa achava-se privada de comunicação directa com a superfície do condado de Stirling.

74

Jaime Starr examinava com extraordinário interesse o lugar aonde o tinham conduzido Simão Ford e seu filho.

Sobre a massa da caverna distinguiam-se ainda os golpes da picareta e os vestígios da dinamite empregada para rasgar as rochas nos últimos tempos da exploração. Estas rochas eram tão rijas que fora desnecessário aterrar a parte do subsolo em que elas assentavam. Ali vinha morrer de facto o filão carbonífero, entre os grés e os xistos do terreno terciário. Dali se extraíra finalmente o último pedaço de combustível pertencente a esta mina.

- É aqui, senhor Jaime - disse Simão Ford levantando a picareta -, que havemos de atacar a faille(1). Por detrás dela deve estar o novo filão, cuja existência eu afirmo. - E foi à superfície destas rochas que pudeste verificar a presença do grisú.

- Foi, senhor Jaime - tornou Simão Ford. - E consegui inflamá-lo, aproximando simplesmente a minha lanterna do foliado de xisto. Meu filho também fez o mesmo.

- A que altura se inflamou o gás? - retorquiu Jaime Starr. - A dez pés acima do solo - respondeu Harry.

Jaime Starr, que se tinha sentado sobre uma rocha, aspirou com força o ar da caverna. Depois começou a olhar para os dois mineiros, como se quisesse duvidar das suas palavras, embora elas fossem tão positivas.

É que efectivamente o hidrogénio protocarbonado não é de todo inodoro, e o engenheiro estava surpreendido de que o seu olfacto excessivamente fino lhe não tivesse ainda denunciado a presença daquele gás explosivo. Em todo o caso, se o grisú existia ali combinado com o ar ambiente, era em dose tão diminuta que não havia a temer nenhuma explosão.

*1. Chama-se faille à porção da massa de rochas, formada ordinariamente de grés ou de xisto, onde não se encontra o filão carbonífero.

76

Assim, podia abrir-se afoitamente a lanterna de segurança e tentar-se uma experiência, como as que o velho mineiro já tinha feito.

O que mais inquietava Jaime Starr neste momento não era a possibilidade de que existisse no ar muito grisu espalhado, era, pelo contrário, o receio de que este aparecesse em pequena quantidade, ou que mesmo não chegasse a aparecer. "Ter-se-iam eles enganado?", murmurava de si para si o engenheiro. "Qual! São homens que conhecem muito bem o seu ofício! E contudo..."

Suspendeu-se aqui, esperando, não sem uma certa ansiedade, que o fenómeno indicado por Simão Ford se repetisse na sua presença. Parece todavia que neste momento Harry Ford notou também, como o engenheiro, a falta do cheiro característico do grisu, porque exclamou com voz alterada:

- Meu pai! O grisu já não passa através do foliado de xisto!
- Que dizes tu, Harry! - bradou o velho mineiro. De repente fez um gesto violento, dizendo:
- Dá-me a lanterna, Harry!

Simão Ford pegou na lanterna com mão febril. Desaparafusou a rede metálica que cercava a torcida, e a chama ardeu serenamente ao contacto do ar livre.

Como se esperava, não houve nenhuma explosão; mas também - circunstância grave - não se chegou a notar esse tenuíssimo nevoeiro, que indica em pequena dose a presença do grisu.

Simão Ford pegou no pau que trazia o filho e, prendendo-lhe a lanterna na extremidade, levantou-o até às camadas de ar superiores, onde o gás, em consequência da sua leveza específica, deveria ter-se acumulado, por menor que fosse a sua quantidade.

A chama da lanterna, branca e imóvel, não denunciou o menor indício de hidrogénio protocarbonado.

- Sobre a massa da rocha! - gritou-lhe o engenheiro.

77

- É isso! - respondeu Simão Ford, encostando a lanterna à parte da caverna, onde ele e seu filho ainda na véspera tinham verificado a fuga do gás.

O braço do velho overman tremia-lhe de sobressalto, enquanto ele agitava a lanterna junto às fendas longitudinais do folhado de xisto.

- Vem tu agora em meu lugar, Harry - disse ele, muito agitado.

Harry pegou no pau e moveu sucessivamente a lanterna pelos diferentes pontos da massa, onde parecia que o foliado se desdobrava. Depois sacudiu a cabeça desanimado. Não ouvira a ligeira crepitação que faz o grisu quando se solta. Falhara a experiência. Estava manifestamente provado que através da massa xistosa não se coava a mais insignificante molécula de gás.

- Que significa isto? - exclamou o velho Simão Ford, com os punhos cerrados numa atitude mais de cólera que de desalento.

Da boca de Harry saiu um grito de espanto.

- O que é? - perguntou com ansiedade Jaime Starr. - As fendas do xisto foram tapadas há pouco tempo!
- Estás bem certo do que dizes? - atalhou o velho mineiro.
- Veja, meu pai!

Harry não se tinha enganado. A obstrução das fendas era perfeitamente visível à claridade da lanterna. Uma pasta feita

de cal deixara sobre a massa um traço comprido e esbranquiçado, que mal se conseguira disfarçar com uma camada de pó de carvão por cima.

- Foi ele! - exclamou Harry. - Não podia ser senão ele!

- Ele quem? - perguntou Jaime Starr.

- O ente misterioso que percorre esta hulheira e que mais de cem vezes tenho inutilmente querido surpreender - disse Harry.

78

- O autor, para mim incontestável, dessa carta que pretendia afastar daqui o senhor Jaime Starr, aquele, enfim, que nos arremessou uma pedra na galeria do poço Yarow! Já sei o que devo supor! Vejo que anda em tudo isto a mão oculta dum inimigo!

Harry tinha falado com tanta energia que as suas palavras levaram a convicção ao espírito até ali hesitante do engenheiro. Pela sua parte, o velho Overman aceitou como formais as indicações de seu filho. De resto, havia um facto que não admitia a menor dúvida: era a obstrução da fenda, por onde na véspera o gás ainda pudera sair.

- Pega na tua picareta, Harry - exclamou Simão Ford - e trepa acima dos meus ombros. Sou forte bastante para poder contigo!

Harry compreendeu a intenção de seu pai. Simão Ford encostou-se à massa. Harry colocou-se-lhe sobre os ombros de maneira que pudesse com a picareta chegar ao sítio onde se divisava a argamassa. Depois, por meio de golpes sucessivos, começou a picar a rocha de xisto no sítio onde o luto a encobria.

Sentiu-se logo uma ligeira crepitação, semelhante à que produz qualquer vinho espumoso, quando se abre a garrafa - crepitação conhecida nas hulheiras inglesas pelo nome onomatopaico de "puff".

Harry lançou mão da lanterna e aproximou-a da fenda.

Ouviu-se imediatamente uma fraca detonação logo seguida, volteando sobre a rocha, de uma pequena chama vermelha de contornos azulados, parecida com os fogos-de-santelmo.

Harry saltou para o chão, e o velho Overman, não podendo conter por mais tempo a sua alegria, agarrou as duas mãos do engenheiro, gritando:

- Vitória! Vitória, senhor Jaime! Se o grisu se inflamou, é porque o filão não está longe!

CAPÍTULO VIII

A EXPLOSÃO

A experiência, indicada pelo velho Overman, obtivera o melhor êxito. Sabe-se que o hidrogénio protocarbonado só se desenvolve nos jazigos do carvão de pedra. Não se podia, portanto, pôr em dúvida a existência de um filão do precioso combustível. Qual era a sua importância? Qual a sua qualidade?

O futuro se encarregaria de o dizer.

Tais foram as consequências que o engenheiro tirou do fenómeno por ele observado. Eram em tudo conformes às que Simão Ford já tinha deduzido.

- Efectivamente - disse Jaime Starr - por detrás desta massa estende-se uma camada carbonífera que as nossas sondagens não souberam indicar. Foi pena, porque temos agora de renovar todas as ferramentas da mina, há dez anos abandonada. Não importa! Uma vez que encontrámos um veio ignorado, havemos de explorá-lo até ao fim!

- Então, senhor Jaime - perguntou Simão Ford -, o que diz da nossa descoberta? Tive ou não tive razão para lhe escrever? Dá por mal empregada esta visita às nossas galerias? - Não dou, meu velho amigo! - respondeu Jaime Starr. - Não perdemos o tempo, mas perdê-lo-íamos agora se não voltássemos quanto antes a tua casa. Amanhã tornaremos aqui para abrirmos uma passagem nestas rochas por meio da dinamite.

80

Havemos de pôr o novo filão a descoberto, e se as sondagens mostrarem que abunda o combustível, reconstituirei uma sociedade da Nova Aberfoyle com grande satisfação dos antigos accionistas! É preciso que antes de passados três meses se tenham extraído do novo jazigo os primeiros cestos de hulha. - Bem falado, senhor Jaime! - replicou Simão Ford. - Temos então a velha mina remoçada, como qualquer viúva que se enfeita para casar de novo! Cada vez melhor! Veremos outra vez a animação dos antigos dias, com esse movimento agradável da faina dos operários, do rodar dos vagões, do relinchar dos cavalos e do ruído das máquinas! Tornarei pois a presenciar tudo isso! Espero que o senhor Jaime não me julgará tão velho que não possa continuar a exercer o meu emprego de overman? - Velho, tu, Simão! Estás mais novo do que eu! - E que São Mungo nos proteja! Havemos de tê-lo ainda por nosso viewer, senhor Jaime! Deus permita que a nova exploração dure muitos anos, e que eu possa morrer antes de lhe ver o fim!

O contentamento do velho mineiro não conhecia limites. Jaime Starr, se bem que igualmente satisfeito, deixava que Simão Ford se entusiasmasse por ambos.

Harry era o único que se conservava pensativo. Pelo seu espírito passavam como que em revista os acontecimentos extraordinários e inexplicáveis que tinham precedido a descoberta do novo jazigo. E, na verdade, esses acontecimentos não deixavam de o inquietar pelo futuro.

Uma hora depois Jaime Starr e os seus dois companheiros achavam-se na presença de um succulento jantar, que Madge lhes tinha preparado.

O engenheiro comeu com grande apetite, aprovando com o gesto os diferentes planos que Simão Ford lhe apresentava.

81

E se não fora o ardente desejo de chegar ao dia seguinte, nunca em toda a sua vida Jaime Starr teria tido melhor noite do que esta agora passada na residência do velho mineiro.

No dia imediato, depois de um abundante almoço, Jaime Starr, o overman, seu filho Harry e a própria Madge tomaram o mesmo caminho que se tinha

percorrido na véspera. Todos iam preparados para uma excursão de mineiro. Levavam consigo diversas ferramentas e os cartuchos de dinamite indispensáveis para fazer estalar a massa da caverna.

Harry munuiu-se de um lampião que dava uma luz brilhante e de uma lanterna de segurança que podia arder por doze horas. Era mais do que o necessário para realizar esta pequena jornada de ida e volta, mesmo contando com as demoras provenientes da exploração - dado o caso de poder tentar-se uma exploração. - Mãos à obra! - disse Simão Ford logo que chegou com os seus companheiros à extremidade da travessa.

E em seguida lançou mão com extrema ligeireza de uma pesada barrena.

- Um instante ainda - ponderou Jaime Starr. - Vejamos se de ontem para cá não houve alguma novidade, e se o grisu continua a coar-se pelas folhas estratificadas.

- Tem muita razão, senhor Starr - respondeu Harry. - O caso que se deu ontem, pode-se ter repetido hoje.

Madge, sentada sobre uma rocha, examinava cuidadosamente a escavação e a massa que se pretendia rasgar.

Reconheceu-se que estava tudo no mesmo estado. As fendas, abertas no folhado de xisto, não tinham sofrido a menor alteração. O hidrogénio protocarbonado soltava-se regularmente por elas, mas em porção muito diminuta. Isto provinha naturalmente de o grisu não encontrar impedimento na sua livre passagem. Todavia esta emissão era tão insignificante que não podia formar com o ar interior um misto explosivo.

81

Jaime Starr e os seus companheiros iam pois dar começo aos seus trabalhos sem receio de incidentes. De resto, o ar impregnado deste gás ir-se-ia purificando pouco a pouco, à proporção que ganhasse as altas camadas das galerias, e o grisu, perdido em tamanha atmosfera, não teria força para produzir explosões.

- Mãos à obra! - repetiu Simão Ford.

E, sob o impulso da sua barrena, manejada com vigor, começou a rocha a voar em estilhaços.

Esta faille compunha-se principalmente de pudins intermeados com grés e xisto, como os que geralmente se encontraram no afloramento dos filões carboníferos.

Jaime Starr levantava do chão os pedaços de rocha que o ferro desprendia, examinando-os com cuidado, a fim de ver se descobria neles algum indício de carvão de pedra. Ese primeiro trabalho, que durou cerca de uma hora, abriu sobre a massa uma profunda abertura.

Jaime Starr escolheu então o sítio onde se deviam brocar os furos para a mina - trabalho que Harry desempenhou rapidamente, auxiliado dos respectivos instrumentos. Em seguida introduziram-se nestes furos alguns cartuchos de dinamite. Depois aplicou-se-lhes um foguete de segurança terminando por uma cápsula de fulminato. Deste foguete desprendia-se um comprido morrão alcatroado, ao qual se lançou fogo muito rente do solo. Jaime Starr afastou-se com os seus companheiros.

- Ah!, senhor Jaime! - disse o velho overman, não podendo reprimir a comoção que o dominava, nunca na minha vida senti bater o coração com tanta força! - O meu desejo era poder já atacar o novo filão!

- Espera, meu amigo, espera! - respondeu-lhe o engenheiro. -

Não tenhas a pretensão de supor que por detrás desta rocha existe uma galeria já feita.

- Desculpe, senhor Jaime - tornou Simão Ford. - Eu sinto-me capaz de todas as pretensões. Se a fortuna esteve até agora connosco, auxiliando-nos a descobrir este jazigo, porque não há-de ela continuar a seguir-nos daqui por diante?

81

Entretanto, a dinamite completava a sua obra, provocando um estrondo surdo, que se foi ecoando de galeria em galeria. Jaime Starr, Madge, Harry e Simão Ford correram logo para o lugar da explosão.

- Senhor Jaime! Senhor Jaime! - gritou o velho overman. - Veja! Veja! Metemos a rocha dentro!

As palavras de Simão Ford estavam mais que justificadas pela presença de uma grande abertura, cuja profundidade não era fácil avaliar.

Harry ia a entrar por aquela enorme fenda...

Nisto o engenheiro segurou-o com força, dizendo-lhe: - Não te precipites, Harry. Deixa que o ar interior tenha tempo de se purificar.

- É verdade, rapaz! - gritou Simão Ford. - Toma cuidado com as atmosferas (1).

Passou-se um quarto de hora em grande ansiedade. Depois atou-se o lampião à ponta de um pau, e introduziu-se na escavação. A luz da sua grande torcida continuou a arder com muito brilho.

- Podes entrar, Harry - disse Jaime Starr. - Nós seguiremos atrás.

A abertura era mais que suficiente para dar passagem a um homem.

Harry, auxiliado pelos braços de sua mãe, e levando consigo o lampião, meteu-se afoitamente por aquela abertura. e desapareceu entre as sombras.

Jaime Starr, Madge e Simão Ford ficaram como que imóveis, mostrando no rosto a ansiedade que nasce das grandes crises. Passou-se um minuto que lhes pareceu um século. Harry não aparecia, nem chamava por nenhum deles. Jaime Starr, aproximando-se do orifício,

*1. Nome que se dá às exalações deletérias das hulheiras.

84

não chegou mesmo a distinguir a luz do lampião, que devia projectar-se naquela sombria cavidade.

Teria o terreno faltado debaixo dos pés de Harry? Haveria o corajoso rapaz caído repentinamente nalguma cova? Estaria ele já tão distante que a sua voz não pudesse chegar até aos seus companheiros?

Sem atender às considerações de Madge e de Jaime Starr, Simão Ford ia por seu turno a entrar na cavidade, quando começou a divisar-se ao longe uma claridade, primeiro indecisa, depois mais pronunciada.

- É o lampião que levou meu filho! - bradou Simão Ford com alegria.

E em seguida ouviram-se estas palavras, pronunciadas distintamente por Harry:

- Pode vir, senhor Starr! Pode vir, meu pai! Está livre e desembaraçado o caminho da Nova Aberfoyle!

CAPÍTULO IX

A NOVA ABERFOYLE

Se, graças a um poder sobrenatural, alguns engenheiros conseguissem levantar de um golpe e sobre uma espessura de mil pés a porção da crosta terrestre que sustenta o conjunto de lagos, rios, golfos e territórios marginais dos condados de Stirling, Dumbarton e Renfrew - debaixo dessa tampa enorme achariam eles uma escavação tão grande que apenas outra seria capaz de se lhe comparar em todo o mundo: a celebrada gruta de Mammoth, no Kentucky.

Essa escavação, vista assim a descoberto, compor-se-ia de muitas centenas de alvéolos de todas as formas e tamanhos. Dir-se-ia uma colmeia, com as suas sucessivas ordens de células, caprichosamente dispostas: uma colmeia porém de grandeza colossal, que, em vez de encerrar abelhas, mal pudesse conter os ictiossauros, os megatérios e os pterodáctilos da época geológica!

Um número assombroso de galerias - umas semelhando estreitas e tortuosas naves de uma velha catedral, outras mais elevadas que as mais altas abóbadas dos grandes edifícios, estas seguindo invariavelmente a linha horizontal, aquelas erguendo-se ou inclinando-se em diversas direcções - reunia essas centenas de alvéolos, estabelecendo de uns para os outros acessível comunicação. As colunas em que repousavam tais abóbadas, cuja linha curva admitia todos os estilos arquitectónicos, as sólidas e compactas paredes que mediavam entre as galerias, as próprias naves deste andar dos terrenos secundários, eram feitas de grés e de rochas de xisto.

86

Mas entre essas camadas estéreis e completamente comprimidas por elas corriam algumas veias importantes de carvão, como se tais colossos de rocha precisassem para viver deste sangue enegrecido.

Eis o aspecto que o subsolo da Nova Aberfoyle produziria visto assim de repente. Os seus jazigos, dilatando-se do Norte ao Sul numa extensão de quarenta milhas, chegavam a prolongar-se até por debaixo do canal do Norte. Embora só depois das competentes sondagens se pudesse verdadeiramente apreciar o valor desta bacia hulheira, nunca ela seria inferior aos depósitos carboníferos de Cardiff, no principado de Gales, nem aos jazigos de Newcastle, no condado de Northumberland.

Acrescente-se ainda que a exploração da Nova Aberfoyle ia tornar-se facilíma, visto que - por uma disposição caprichosa dos terrenos secundários, por um inexplicável retraimento das matérias minerais durante a época geológica da solidificação desta massa - a própria Natureza se encarregara de multiplicar ali as galerias e os túneis.

Sim, a Natureza unicamente! À primeira vista poderia supor-se que se estava em presença de uma exploração desde muitos séculos abandonada. Mas tal não sucedia. Não se costumam largar de mão riquezas semelhantes. As térmitas humanas nunca tinham devastado esta porção do subsolo da Escócia; era a Natureza que tinha assim disposto as coisas. Mas, diga-se ainda uma vez, nenhum hipogeu da época egípcia, nenhuma catacumba da época romana, poderia comparar-se às grandiosas proporções desta nova bacia hulheira. Só afrontaria esse paralelo a prodigiosa gruta de Mammoth, que, :sobre uma extensão de mais de vinte milhas, conta duzentas e vinte e seis avenidas, onze lagos, sete ribeiros, oito cataratas,

87

trinta e dois poços insondáveis e cinquenta e sete cúpulas, algumas delas suspensas a mais de quatrocentos e cinquenta pés de altura.

À semelhança dessa gruta, a Nova Aberfoyle era não a obra dos homens, mas sim a obra do Criador. E devia-se exclusivamente ao velho Simão Ford o descobrimento de uma tão avultada e fabulosa riqueza carbonífera! Dez anos de residência na antiga hulheira, uma rara perseverança nas pesquisas e uma fé absoluta, alimentada por um instinto admirável, eis o que lhe fizera levar a cabo uma empresa, onde outros muitos haveriam soçobrado. Porque seria que as sondagens, dirigidas por Jaime Starr nos últimos anos da exploração, tinham parado justamente em frente da nova mina. Porque assim o quisera o acaso, que tem sempre largo quinhão nas experiências deste género.

Fosse como fosse, era certo que no subsolo escocês existia uma espécie de condado subterrâneo, ao qual apenas faltava para ser habitado a luz do Sol, ou, na ausência deste, a claridade de outro qualquer astro especial.

Em certas depressões da Nova Aberfoyle achava-se a água perfeitamente localizada, formando vastas lagoas e até lagos maiores que o lago Katrine, situado por cima deste subsolo. Esses lagos não tinham decerto o movimento das correntes e da ressaca. Não reproduziam o perfil de nenhum velho castelo gótico. Sobre as suas margens não se miravam, debruçando-se, os choupos e os carvalhos. As montanhas não lhe projectavam as suas grandes sombras, nem os percorriam a cada hora os barcos a vapor. Em suas águas plácidas nenhuma luz se reflectia. O Sol não vinha impregná-los de raios luminosos, nem a Lua jamais se erguia sobre o seu imóvel horizonte. E contudo estes lagos profundos, a que a brisa não vinha encrespar a lisa superfície, não deixariam certamente de ser belos vistos à luz de algum astro de prodigiosa força eléctrica.

88

Se bem que de todo ingrato ao amanho de qualquer cultura, este subsolo prestava-se admiravelmente a conter um grande número de habitantes. E quem sabe se nestes centros de invariável temperatura, se no fundo destas hulheiras de Aberfoyle, de Newcastle, de Aloa ou de Cardiff - quando já de todo estiverem esgotados os seus jazigos - não pedirá refúgio qualquer dia a população indigent do poderoso Reino Unido?

CAPÍTULO X

O REGRESSO DA EXPLORAÇÃO

À voz de Harry, Jaime Starr, Madge e Simão Ford introduziram-se logo pelo estreito orifício, que punha a nova hulheira em comunicação com a antiga.

Os três exploradores encontraram-se de repente no começo de uma vasta galeria, onde todos imaginariam ver o trabalho perseverante da mão do homem. De facto ninguém diria que a picareta e a barrena se não tinham encarregado de promover aqui a exploração de um novo jazigo carbonífero. Jaime Starr e Simão Ford supunham-se, por um acaso inexplicável, transportados ao centro de alguma antiga hulheira, cuja existência nunca tivesse chegado ao conhecimento dos mais velhos mineiros do condado.

Enganavam-se contudo! As camadas geológicas é que haviam "poupado" esta galeria pelo tempo da formação dos terrenos secundários. Talvez que alguma corrente enorme tivesse por aqui passado, quando as águas superiores iam misturar-se com os vegetais soterrados. Agora porém esta galeria estava tão enxuta como se fosse encontrada alguns mil pés mais abaixo no terreno das rochas granitóides. Além disso, o ar circulava por ela com facilidade, donde se devia depreender que alguns respiradouros naturais a punham em contacto com a atmosfera exterior.

90

Esta observação, apresentada pelo engenheiro, era justa: a ventilação fazia-se regularmente dentro da mina. Quanto ao grisu que se coava há pouco pela massa de xisto, supunha-se ter desaparecido de todo, uma vez que a atmosfera da galeria não conservava dele o menor vestígio. Entretanto Harry, por precaução, só levava agora a lanterna de segurança, que tinha voltado atrás a buscar.

Jaime Starr e os seus companheiros mostravam-se extremamente satisfeitos. Viam excedidos até os seus desejos. Tudo era hulha em redor deles! A comoção embargava-lhes a voz. O próprio Simão Ford não tinha vontade de falar. A sua alegria manifestava-se mais por pequenas interjeições do que por frases estiradas.

Era talvez imprudente avançar tanto pelo interior desta gruta. Os nossos exploradores contudo não pensavam em retroceder. A galeria apresentava-se perfeitamente acessível e quase em linha recta. Nenhuma fenda profunda lhe obstruía a passagem; nenhuma espécie de mofeta lhe viciava o ambiente. Não havia pois motivo para suspender a exploração, e, durante uma hora, Jaime Starr, Madge, Harry e Simão Ford continuaram a caminhar sem que uma única circunstância lhes pudesse indicar a verdadeira orientação deste desconhecido subsolo. E sem dúvida que teriam ido mais longe ainda, se não chegassem entretanto à extremidade da espaçosa galeria, por onde seguiam desde a sua entrada na hulheira..

A galeria findava numa enorme caverna, de que não era fácil calcular nem a altura nem a profundidade. Onde é que se fecharia a abóbada desta caverna?

Até onde se prolongaria ela do outro lado de lá? As trevas, que a cercavam totalmente, não permitiam descortinar esses limites. Mas, à claridade da lanterna, os exploradores puderam verificar que a cúpula desta escavação cobria um vasto lençol de água dormente

91

- lagoa ou lago - cujas margens pitorescas, acidentadas por altos rochedos, se perdiam na obscuridade.
- Alto! - gritou Simão, parando de repente. - Um passo mais, e lá iríamos despenhar-nos em algum abismo!
- Descansemos um bocado - ajuntou o engenheiro. - É tempo de pensarmos em voltar à antiga hulheira.
- A lanterna ainda tem luz para dez horas - observou Harry.
- Não importa - retorquiu o engenheiro. - Sempre será bom que descansemos, pois sinto que as minhas pernas se recusam a ir mais longe. Que diz a isto, Madge? Não se queixa de tamanha caminhada?
- Não me queixo, senhor Jaime - respondeu a robusta escocesa. - Estamos habituados a andar dias inteiros sem dar por isso.
- Ora essa! - acrescentou Simão Ford. - Madge seria capaz de percorrer dez vezes este caminho! Mas voltando ao mesmo assunto: o que me diz à comunicação que Lhe mandei na minha carta, senhor Jaime? Valeu ou não valeu a pena em cá vir? Ande... atreva-se a dizer o contrário!...
- Deus me defenda de tal, meu velho amigo - respondeu o engenheiro. - Nunca senti na minha vida uma alegria tão profunda como hoje. O pouco que temos visto desta nova hulheira habilita-me a supor que é muito considerável, pelo menos em extensão.
- E em largura e profundidade também! - replicou Simão.
- É o que havemos de saber lá mais para diante.
- E eu afirmo-o desde já! Confie no meu instinto de mineiro, senhor Jaime. Olhe que nunca me iludiu!
- Pois sim, pois sim, meu amigo - respondeu o engenheiro a sorrir. - Numa palavra, a julgar por este rápido exame, parece-me que possuímos os elementos de uma exploração de muitos séculos!
- De muitos séculos, decerto! - exclamou Simão Ford.

92

- Hão-de passar-se mais de mil anos primeiro que se tenha extraído o último pedaço de carvão desta nova mina. - Que Deus te ouça! - replicou Jaime Starr. - Enquanto à qualidade da hulha que vem aflorar esta massa...
- Ótima, senhor Jaime, ótima! - respondeu Simão Ford. - Convença-se pelos seus próprios olhos.
- E, dizendo isto, fez saltar com um golpe vigoroso da sua picareta uma lasca do negro combustível.
- Veja, veja! - repetiu ele, aproximando-a da lanterna. - Como brilham as superfícies deste pedaço de carvão! Havemos de tirar daqui magnífica hulha gorda, abundante em matérias betuminosas. E como ela se parte bem, quase sem fazer pó! Ah!, senhor Jaime, creia que este jazigo há

vinte anos teria causado uma séria concorrência ao Swansea e ao Cardiff. É o mesmo! As fábricas e as oficinas não-de acabar por não quererem outro combustível, e se ele custa pouco a extrair da mina, isso não servirá de motivo para se vender menos caro nos mercados.

- Assim é - disse Madge, que tinha pegado no pedaço de hulha e o estava a examinar como entendedora. - Isto é carvão de primeira qualidade. Havemos de levá-lo para casa, meu Simão. Quero, para experimentar, fazê-lo arder logo no nosso braseiro.
- Bem pensado, Madge - respondeu o velho overman. - Tu verás que não me enganei.
- O senhor Starr - observou então Harry - tem alguma ideia da orientação provável desta comprida galeria?
- Não tenho, meu rapaz - respondeu o engenheiro. - Com uma bússola ser-me-ia fácil indicar a sua direcção geral. Mas, sem bússola, acho-me aqui como qualquer marítimo no mar alto, quando os nevoeiros Lhe não deixam verificar a altura em que navega.
- Decerto, senhor Jaime - respondeu Simão Ford -, mas por Deus lhe peço que não compare a nossa posição à do marítimo que tem sempre um abismo debaixo dos pés!

93

Nós encontramos-nos felizmente em terra firme, e nem o menor perigo de naufragar!

- Não era intenção minha fazer uma comparação que te desagradasse - respondeu Jaime Starr. - Longe de mim o pensamento de depreciar as altas qualidades da nossa Nova Aberfoyle! O que eu só queria dizer, meu amigo, é que não sabemos onde estamos.
 - Estamos no subsolo do condado de Stirling, senhor Jaime - respondeu Simão Ford -, e isso ia eu jurá-lo como se... - Ouçam! Ouçam! - disse Harry, interrompendo subitamente seu pai.
- Todos se puseram a escutar com a máxima atenção. O nervo auditivo de Harry, muito exercitado desde criança, acabava de surpreender ao longe um vago rumor, um som indefinido. Jaime Starr, Simão Ford e sua mulher ouviram por seu turno o mesmo som. Nas camadas superiores da massa dava-se uma espécie de ruído surdo que ora aumentava, ora diminuía em determinadas proporções.

Durante alguns minutos conservaram-se todos quatro com o ouvido à escuta sem proferirem uma palavra.

Depois Simão Ford exclamou de repente:

- Dar-se-á o caso que as vagonetas já principiassem a deslizar pelos carris da Nova Aberfoyle?
- Parece-me antes - replicou Harry - a bulha que fazem as águas a rolar sobre uma praia.
- Mas nós não estamos debaixo do mar! - exclamou o velho overman.
- Debaixo do mar, não - respondeu o engenheiro -, mas não seria para estranhar que estivéssemos debaixo do lago Katrine. - Isso provaria então que a abóbada é pouco espessa neste sítio, uma vez que chega até nós a bulha das águas lá de cima.
- Efectivamente é pouco espessa - respondeu Jaime Starr.

- E é justamente por esse motivo que esta escavação é tão vasta.
 - Acho que tem razão, senhor Starr - disse Harry. - Demais, o tempo está tão mau sobre a terra - continuou o engenheiro - que as águas do lago devem encontrar-se tão agitadas como as do golfo de Forth.
 - Ora! que tem isso? - ponderou Simão Ford. - O jazigo carbonífero não há-de valer menos, lá porque fica debaixo de um lago! Não seria a primeira vez que se iria buscar a hulha sob o próprio leito do oceano! Quando tivéssemos até de explorar as mais insondáveis profundidades, inferiores ao canal do Norte, onde é que nisso estaria o mal? - Bravo, Simão! - exclamou o engenheiro, que não pôde reprimir um sorriso ao ver o entusiasmo do overman. - Levemos as nossas galerias até debaixo das águas do mar! Furemos o leito do Atlântico como se fora uma escumadeira! Com o auxílio das nossas ferramentas, corramos a abraçar os nossos irmãos dos Estados Unidos através do subsolo do Atlântico! Escavemos até ao centro do globo, se for preciso, para lhe arrancarmos das entranhas o seu último pedaço de combustível!
 - Ah! O senhor Jaime está a levar a coisa a brincar? - disse Simão Ford com ar risonho.
 - Não estou, Simão, não estou! Mas vi-te há pouco tão entusiasmado, que o teu entusiasmo levou-me até desejar o impossível. Mas desçamos à realidade, que já de si é magnífica. Deixemos portanto aqui as picaretas, e voltemos quanto antes a tua casa.
- Não havia naquele momento resolução mais acertada. Para melhor se estudarem as dimensões da Nova Aberfoyle, o engenheiro voltaria mais tarde acompanhado dos mineiros e dos utensílios que fossem necessários. Por agora o que convinha era tornar para trás. De resto, o regresso não oferecia dificuldades. A galeria corria quase em linha recta pela massa até chegar ao orifício que tinha feito a dinamite.

Não havia portanto receio de errar o caminho.

No momento, porém, em que Jaime Starr se dirigia para a galeria, teve de parar à voz de Simão Ford.

- Vê esta caverna, senhor Jaime Starr? - disse o velho overman. - Vê este lago subterrâneo que ela encerra, e estas águas tranquilas que nos banham quase os pés? Vê tudo isto, vê? Pois muito bem! Afirmando-lhe que transportarei para aqui dentro em pouco a minha pequena família; será neste local que eu hei-de levantar uma nova habitação. E se alguns companheiros decididos quiserem seguir o meu exemplo, antes de decorrido um ano contar-se-á uma povoação de mais no subsolo da nossa velha Inglaterra!

Jaime Starr, aprovando com um sorriso os projectos de Simão Ford, apertou-lhe a mão; depois, todos se puseram a caminho, a fim de voltarem às galerias da velha Aberfoyle. Durante a primeira milha percorrida não se deu nenhum incidente notável. Harry ia adiante, levando a lanterna erguida acima da cabeça. Seguia cautelosamente a galeria principal, afastando-se dos túneis estreitos que se encontravam da direita e da esquerda. Parecia portanto que a volta se realizaria tão auspiciosamente como a ida, quando surgiu uma desagradável circunstância,

que veio complicar seriamente a situação dos nossos exploradores. Num dos momentos em que Harry levantava a lanterna, operou-se uma forte deslocação de ar, como que provocada pelo bater de asas de alguma ave invisível. A lanterna, açoitada obliquamente, soltou-se das mãos de Harry, e foi cair sobre o solo da galeria.

Jaime Starr e os seus companheiros viram-se de repente envolvidos na mais completa escuridão. A lanterna, que entornara todo o azeite ao cair no chão, estava incapaz de poder servir de novo.

96

- Então, Harry! - bradou Simão Ford -, queres que vamos por aí quebrar a cabeça antes de chegarmos a casa?

Harry não respondeu. Estava a meditar. Deveria ele atribuir à mão de um ente misterioso o recente acontecimento? Viveria acaso nestas profundidades algum inimigo dele e dos seus, cujo antagonismo inexplicável chegasse ainda a ser-Lhes fatal?

Alguém teria empenho em subtrair o novo jazigo carbonífero às tentativas de uma exploração? Era na realidade absurda semelhante conjectura, mas os factos estavam falando tão alto, e acumulando-se de tal arte, que tornavam aceitáveis as mais simples presunções.

Entretanto a situação dos exploradores não estava sendo invejável. Era-Lhes necessário seguir, durante aproximadamente cinco milhas, e no meio da mais profunda obscuridade, o caminho que devia conduzi-los até às antigas hulheiras. Depois teriam que andar ainda uma hora antes de chegarem à morada do overman.

- Nada de parar! - disse Simão Ford. - Não temos a perder um só minuto. Iremos às apalpadelas, como os cegos. É impossível que nos enganemos no caminho. Os túneis que se abrem, de ambos os lados da galeria, parecem tocas de toupeiras, por onde um homem decerto não cabe. Se continuarmos, pois, a seguir pela galeria principal, havemos de acabar por dar com o orifício que nos abriu para aqui passagem. Depois achar-nos-emos na velha mina, e essa conhecêmo-la nós bastante bem por a termos já percorrido algumas vezes sem luz. De resto, havemos de lá encontrar o lampião que Harry não trouxe consigo. Vamos, vamos, a caminho! Harry, vai tu na frente. Siga-o, senhor Jaime.

Depois, dirigindo-se a Madge:

- Coloca-te tu depois do senhor Jaime, que eu fecharei a marcha. O essencial é não nos afastarmos uns dos outros e que se ouçam os nossos passos já que não podemos ir de braço dado! Não havia remédio senão aceitar as indicações do velho overman.

98

Como ele dizia, tacteando o terreno, não havia perigo de errar o caminho. Era preciso substituir os olhos pelas mãos, e ter inteira confiança nesse instinto de mineiro, que viera com o tempo a converter-se para Simão Ford e seu filho numa segunda natureza.

Jaime Starr e os seus companheiros romperam a marcha na ordem que se indicara. Não falavam, mas não era porque deixassem de ir pensando. Estava provadíssimo que tinham um adversário. Mas quem seria ele, e de que modo se poderiam evitar os seus ataques tão misteriosamente combinados? Eis o

que seriamente inquietava o espírito dos quatro exploradores. Entretanto o momento não era o mais acertado para perder o sangue-frio.

Harry, com os braços estendidos e o passo firme, caminhava adiante, passando sucessivamente de um para o outro lado da galeria. Se acaso se lhe deparava alguma abertura duvidosa, sabia, pelo exame feito com os dedos, se lhe convinha afastar-se dela, e assim continuava sempre a seguir o caminho mais direito.

Esta difícil e penosa excursão durou cerca de duas horas, no meio de uma obscuridade a que os olhos se não podiam habituar, porque era absoluta. Computando o tempo decorrido, e tendo em vista os obstáculos do regresso, Jaime Starr supunha que ele e os seus companheiros deviam achar-se próximo da saída.

Efectivamente, Harry parou logo em seguida.

- Chegámos enfim à extremidade da galeria? - perguntou Simão Ford.

- Chegámos - respondeu o filho.

- Nesse caso encontrei já o buraco por onde entrámos na Nova Aberfoyle?

- Ainda não - respondeu Harry, cujas mãos convulsas não encontravam na espessura da massa o menor vestígio da cavidade.

O velho overman deu alguns passos para diante, e veio também apalpar a rocha de xistos.

99

Não pôde reprimir um grito!

Ou durante o regresso os exploradores se tinham enganado no caminho, ou o estreito orifício, aberto na rocha pela dinamite, fora de novo tapado!

Em qualquer das alternativas, Jaime Starr e os seus companheiros achavam-se encarcerados no subsolo da Nova Aberfoyle!

100

CAPÍTULO XI

AS DAMAS DE FOGO

Oito dias depois destes acontecimentos, lavrava grande inquietação entre todos os amigos de Jaime Starr. Era certo que o engenheiro desaparecera, mas nenhum motivo aceitável justificava semelhante desaparecimento. Sabia-se apenas, por declarações do seu criado, que tinha embarcado no cais de

Granton, e o capitão do barco "Príncipe de Gales" afirmava que o vira desembarcar em Stirling. Deste ponto para diante não havia as menores informações. A carta de Simão Ford recomendava segredo ao engenheiro, e este não participara a ninguém a sua partida para as hulheiras de Aberfoyle.

A ausência inexplicável de Jaime Starr tornou-se pois o assunto de todas as conversações em Edimburgo. O presidente da Royal Institution, Sir W. Elphiston, apresentou aos seus colegas a carta que lhe dirigira Jaime

Starr, desculpando-se de não poder assistir à próxima sessão da Sociedade. Houve ainda três ou quatro pessoas que mostraram cartas escritas no mesmo sentido. Se estes documentos afirmavam que o engenheiro saíra de Edimburgo - o que ninguém punha em dúvida - não diziam contudo qual o destino que ele tomara. Não admirava pois que uma ausência tão fora dos hábitos de Jaime Starr começasse a causar sérias inquietações.

Nenhum dos amigos do engenheiro se atreveria a pensar que ele tivesse na verdade partido para Aberfoyle. Sabia-se quanto lhe era saudosa a recordação daquele antigo teatro da sua actividade. Efectivamente, desde que se arrancara do fundo da hulheira o último fragmento de carvão de pedra, nunca mais o engenheiro ali voltara a pôr os pés.

Contudo, como era evidente que ele desembarcara em Stirling, tratou-se de dirigir sobre aquele ponto algumas das pesquisas. Foram, porém, inúteis todas as diligências. Ninguém se lembrava de ter visto o engenheiro. O único que estaria no caso de dar a seu respeito alguns esclarecimentos era Jack Ryan, que o tinha encontrado juntamente com Harry numa das escadas do poço Yarow. O folgazão ex-mineiro contudo trabalhava na herdade de Melrose, situada quarenta milhas a sudoeste no condado de Renfrew, e mal podia ele supor que se andasse tão preocupado com o desaparecimento de Jaime Starr. Oito dias depois da sua visita à residência da família Ford,

Jack Ryan estava pois muito satisfeito da sua vida, tocando e cantando nas festas do clã de Irvine, quando sucedeu achar-se também envolvido num sinistro conflito, como adiante se verá.

Jaime Starr gozava de muita importância e consideração, tanto em Edimburgo como em toda a Escócia, para que pudesse passar despercebidamente qualquer circunstância que se prendesse com a sua vida.

O lorde preboste, primeiro magistrado da cidade, os bailios e os conselheiros - todos pela maior parte amigos do engenheiro - mandaram proceder às mais rigorosas indagações. Puseram-se em movimento os mais activos agentes de polícia.

Nenhum resultado, porém, se chegou a conseguir. Recorreu-se aos principais jornais do Reino Unido, mandando-se publicar uma nota relativa ao engenheiro Jaime Starr, com indicação de todos os seus sinais e data do seu desaparecimento.

Depois esperou-se com ansiedade pelas consequências deste expediente. O mundo científico de Inglaterra começava já a recear-se de que tinha definitivamente perdido um dos seus mais ilustres e honrados membros.

Ao passo que a pessoa de Jaime Starr estava merecendo tantos cuidados, não era também digna de menos sérias preocupações a pessoa de Harry Ford. A diferença consistia unicamente em que o filho do velho Overman, longe de ocupar a opinião pública, só inquietava a boa e expansiva alegria do seu amigo Jack Ryan.

Deve ainda estar lembrado que, por ocasião do encontro no poço Yarow, Jack Ryan convidou Harry a ir daí a oito dias assistir às festas do clã de Irvine. Harry tinha prometido formalmente que não faltaria àquela função. Jack Ryan sabia, por experiência de muitos anos, que o seu amigo era homem de palavra. Quando se combinava com ele uma coisa, era negócio decidido.

Ora nas festas de Irvine tudo tinha corrido alegremente: danças, folias e cantares. Só se notara com desprazer a ausência de Harry Ford.

Jack Ryan começara por se agastar contra ele. A presença de Harry Ford influía muito no seu bom humor. Perdeu a memória - caso raro! - quando estava a cantar, e pela primeira vez na sua vida teve de ficar parado durante os passos de uma jiga - ele que não conhecia rival naquele género de dança viva e animada.

Diga-se também que a nota inserta nos jornais, com relação a Jaime Starr, ainda não chegara ao conhecimento de Jack Ryan. O bom do rapaz preocupava-se exclusivamente com a ausência do seu companheiro, alegando de si para si que só uma causa gravíssima poderia tê-lo obrigado a faltar ao prometido. No dia seguinte ao das festas de Irvine, tencionava Jack Ryan meter-se no caminho de ferro de Glásgua, a fim de ir saber o que teria sucedido a Harry Ford, quando um desagradável acontecimento - que por pouco Lhe não custava a vida -,

103

veio opor-se formalmente à realização do seu projecto. Estava-se a 12 de Dezembro. Era já noite havia muito tempo. O que então sucedeu parecia feito de molde para justificar as apreensões e a credulidade de todas as pessoas supersticiosas. E Deus sabe se na herdade de Melrose não era grande o número delas! A pequena cidade de Irvine, pertencente ao condado de Renfrew e cuja população anda por sete mil almas, fica situada sobre uma curva que faz a costa da Escócia quase à entrada do golfo de Clyde. O seu porto, bem abrigado contra os ventos de travessia, tem à entrada um farol de luz tão brilhante que nenhuma embarcação, ao acercar-se daquelas paragens, corre perigo de encalhar. Por isso também os naufrágios são raríssimos nesta parte do litoral, e por isso também podem manobrar à vontade, mesmo em noites escuras, todos os navios, quer costeiros, quer de grande tonelagem, que pretendam fundear em Irvine ou seguir rumo para Glásgua pelo golfo de Clyde.

Quando uma cidade qualquer conta um passado histórico, por mais insignificante que seja, quando possui um castelo que fosse noutras eras apanágio de um Roberto Stuart, pode-se ter a certeza de que essa cidade não deixa de encerrar um certo número de ruínas.

Ora sucede que na Escócia todas as ruínas são habitadas por espíritos invisíveis. É essa pelo menos a opinião mais aceite e vulgarizada nas Terras Altas e Baixas.

As ruínas mais antigas, e também as de pior fama, nesta parte da Escócia, eram justamente as do castelo de Roberto Stuart, conhecido pelo nome de Dundonald-Castle, e distante da cidade duas milhas.

O castelo de Dundonald, abrigo natural de todos os duendes errantes dos arredores, estava nesta época votado ao mais completo isolamento. Ninguém se atrevia a visitá-lo sobre o alto rochedo em que ele assentava, superior ao mar.

104

Se alguns estrangeiros pretendiam consultar aquelas memórias de outra idade, tinham de se decidir a ir lá sozinhos. Os habitantes de Irvine não se resolveriam a acompanhá-los, fosse por que preço fosse. Efectivamente

não deixavam de correr algumas histórias pavorosas em relação às "Damas de Fogo" que se dizia habitavam as ruínas do derrocado castelo. Os mais supersticiosos afirmavam terem visto com os seus próprios olhos as fantásticas aparições. Escusado será dizer que Jack Ryan pertencia ao grupo destes videntes. O certo é que de tempos em tempos divisavam-se umas chamas longas e intensas, ora sobre as muralhas aluídas, ora sobre a torre de menagem, pertencentes ao velho solar. Possuíram estas chamas a forma que se lhes atribuía? Mereceriam elas o nome de "Damas de Fogo" que lhes davam os escoceses do litoral? Em tudo isto evidentemente não havia mais que uma alucinação de cérebros inclinados ao maravilhoso. A ciência poderia explicar sem dificuldade a causa provável de semelhante fenómeno.

Entretanto as "Damas de Fogo" tinham adquirido em todo o país a reputação de habitarem aquelas ruínas, e de se entregarem ali de vez em quando a estranhas sarabandas, especialmente em noites lóbregas e cerradas. Jack Ryan, por mais amigo de música e de dança que fosse, não se teria aventurado a ir acompanhar com a sua gaita-de-foles os requebros e meneios de tão sobrenaturais criaturas. Como se deve supor, as "Damas de Fogo" formavam o assunto obrigatório de todas as palestras ao serão. Jack Ryan possuía a seu respeito um vasto reportório de lendas que nunca se esgotava.

Na última noite das festas do clã de Irvine - noite bem regalada de cerveja, de brande e de uísque -,

105

estava Jack Ryan de volta com o seu tema predilecto, cercado por um grupo bastante numeroso, que o escutava tanto com prazer como terror.

Depois de terminadas as danças, todos se tinham ido agrupar numa vasta granja, dependente da herdade de Melrose, e situada muito perto do mar. No meio do pavimento ardia sobre um enorme braseiro de ferro um excelente fogo de coque. Fora dali o tempo corria tempestuoso. O mar, cavado e coberto de nevoeiros, rugia furiosamente agitado por uma brisa forte de sudoeste. A noite muito escura, não se via uma estrela. O céu, a terra e as águas confundiam-se na mesma treva. Se naquela conjuntura algum navio demandasse a baía de Irvine, expunha-se a ir cair sobre a costa, corrido com vento pela popa.

O movimento marítimo de Irvine costuma ser limitadíssimo. É sempre mais ao norte que as embarcações, tanto de vela como a vapor, costeiam a terra, quando entram no golfo de Clyde.

Se naquela noite porém algum marítimo se tivesse demorado na praia, poderia ver, não sem espanto, que estava um navio procurando aproximar-se da terra. E se fosse possível romper ali de repente a luz do dia, já não seria com espanto, senão com pavor, que se teria visto o malogrado navio precipitar-se a toda a força de pano sobre a costa aparcelada.

Se falhasse a entrada do golfo, aquele barco iria fatalmente despedaçar-se entre os infinitos escolhos do litoral. Só um milagre poderia salvá-lo em tão apertado lance.

Entretanto, dentro da granja, ia findar a festa com a última história de Jack Ryan. O seu auditório, transportado ao mundo dos espíritos, achava-se disposto a crer em tudo que lhe dissessem.

De repente sentiram-se da parte de fora uns gritos aflitivos.

Jack Ryan parou com a sua narração, e saiu precipitadamente, seguido de todos os seus amigos:

A noite era medonha! A chuva e o vento açoitavam sem cessar os altos fraguados da extensa costa.

Dois ou três pescadores, abraçados a um rochedo para melhor resistirem à força do temporal, continuavam a gritar desesperadamente.

Jack Ryan e os companheiros correram para o ponto donde partiam os gritos.

Não era aos habitantes da herdade que se dirigiam os pescadores, era à tripulação de um navio, que estava em risco de perder-se.

Entre as sombras da noite começava a distinguir-se uma massa negra a poucas milhas da costa. Era efectivamente um navio, fácil de reconhecer pelos seus faróis, um de luz branca, no topo do mastro de mezena, outro vermelho, a bombordo, e o terceiro verde, a estibordo. O barco via-se agora todo pela proa, e era evidente que se dirigia acossado para a costa. - Temos algum navio em perigo? - bradou Jack Ryan. - Temos - respondeu um dos pescadores -, e tão em perigo que, se quisesse virar de bordo, já não podia fazê-lo.

- Façam-lhe sinais - gritou um dos escoceses.

- Como? - replicou o pescador. - Com um temporal tão rijo, nenhum archote se conservaria aceso dois segundos. E enquanto se trocavam estas palavras, continuava-se a bradar em direcção do navio. Os brados perdiam-se, contudo, no meio desta horrorosa borrasca. A tripulação do barco parecia estar condenada a um naufrágio inevitável.

- Mas que desastrada manobra é aquela? - exclamou impaciente um dos escoceses, marinheiro de profissão.

- Parece que a gente de bordo tem vontade de dar à costa! - replicou outro.

- Não veria o capitão o farol de Irvine? - perguntou Jack Ryan.

- Assim parece - respondeu um dos pescadores -, a não ser que se deixassem enganar por algum...

O pescador não teve tempo de acabar a sua ideia. Veio interromper-lha um grito formidável de Jack Ryan. Ouvi-lo-iam de bordo? Em todo o caso era tarde para evitar a catástrofe. O navio estava prestes a bater nos cachopos, cujos redemoinhos de espuma branca se distinguiam por entre as sombras. Mas não era um derradeiro aviso, como poderia supor-se, que Jack Ryan tratava de enviar ao barco em perigo. Jack Ryan encontrava-se a esse tempo com as costas voltadas para o mar. Os seus companheiros fitavam juntamente com ele um ponto distante meia milha da costa.

O ponto para que todos olhavam ansiosos era o castelo de Dundonald. Na extremidade da sua torre de menagem estorcia-se, batida pelo vento, uma intensa e comprida chama. - As "Damas de Fogo!" - bradou com pavor toda esta gente supersticiosa.

Tudo se explicava agora. Era claro que o navio, desorientado com os nevoeiros, se enganara no rumo, tomando pelo farol de Irvine esta chama que brilhava no alto do velho castelo. O barco julgava-se à entrada do golfo, situado a mais de duas milhas ao norte, e metera a proa sobre uma costa que lhe ia causar a perda.

Que se poderia tentar para salvá-lo? Correr, sem demora às ruínas do castelo, e tratar de extinguir a chama traiçoeira.

Mas qual daqueles escoceses teria tido o pensamento, e depois do pensamento a coragem, de arrostar de frente com as "Damas de Fogo"? Talvez um só: Jack Ryan, que, além de resoluto, saberia vencer a própria credulidade para praticar uma boa acção.

Era, porém, já muito tarde. No meio daquela tremenda luta dos elementos sentiu-se um horroroso estampido.

108

O barco tocara num baixo, e começava a meter água pelo fundo. Apagaram-se-Lhe os faróis. A linha espumosa da ressaca abriu-se num dado momento. Era o navio que varava por cima de uma restinga, indo completamente desconjuntar-se entre os recifes da praia.

Ao mesmo tempo - devido a uma coincidência que só o acaso poderia explicar - desaparecia também a chama do alto da torre, como que violentamente apagada por algum imenso furacão.

O mar, o céu e a costa ficaram novamente envoltos na mais completa escuridão.

- Sempre as "Damas de Fogo!" - exclamou ainda uma vez Jack Ryan, quando de todo se sumiu aquele foco de luz para ele sobrenatural.

E, caso notável, a intrepidez que estes supersticiosos escoceses não se atreveriam a ter contra um perigo imaginário, começaram a senti-la em vista de um perigo real. É que desta vez tratava-se de salvar a vida dos seus semelhantes. A fúria da procela não conseguiu aterrá-los. Por meio de cordas, que lançaram sobre as vagas encapeladas, correram em auxílio dos naufragos-tão arrojados agora como crédulos se tinham mostrado há pouco.

E viram felizmente coroados os seus esforços, embora alguns, em cujo número entrava Jack Ryan, ficassem gravemente contusos nas asperezas do fraguado. O capitão do barco, porém, e os seus oito homens de tripulação foram depostos na praia sãos e salvos.

O navio era o brigue norueguês "motala", em viagem para Glásgua, com carregamento de madeira do Norte.

Não tinham falhado as conjecturas, Efectivamente o capitão do brigue, iludido pela chama que presenciara no alto do castelo de Dundonald, viera dar à costa, supondo que entrava no golfo de Clyde.

Do "Motala" só restavam agora informes e raros fragmentos, que as vagas se incumbiam de destruir, cuspindo-os desdenhosamente sobre os escolhos do litoral.

CAPÍTULO XI

UM AMIGO CERTO NUMA OCASIÃO INCERTA

Jack Ryan e mais três dos seus companheiros, feridos como ele, tinham sido transportados para um dos quartos da herdade de Melrose, onde logo se lhes prestaram os primeiros curativos.

Jack Ryan era de todos o mais contuso, porque, na ocasião de se lançar ao mar preso por uma corda à cintura, fora com a fúria das vagas arremessado de encontro aos cachopos. Por pouco até que os seus amigos o não retiraram das águas moribundo.

O excelente moço viu-se, pois, condenado a ficar de cama por algum tempo - o que ele não podia levar à paciência. Entretanto, apenas lhe deram licença para cantar, começou a conformar-se melhor com a sua sorte, mostrando que os ferimentos não lhe tinham de modo algum ofendido a força dos pulmões. A história do naufrágio do "Motala" fê-lo porém acreditar cada vez mais no poder dos duendes e dos espíritos, que se divertem a emburrar com a pobre humanidade. Debalde procuraram convencê-lo de que tais "Damas de Fogo" não existiam, e que a estranha aparição daquela chama só devia atribuir-se a um fenómeno puramente físico. Nenhum raciocínio, por mais rigoroso que fosse, conseguia destruir-lhe as apreensões. E, sobre este ponto, ainda os outros companheiros se mostravam muito mais intransigentes.

110

Segundo eles afiançavam, eram as "Damas de Fogo" que tinham obrigado o brigue norueguês a dar à costa. E que ninguém pensasse em castigá-las. Seria isso tão difícil como querer multar o temporal pelos estragos que faz.

Os juizes podiam à sua vontade autorizar quantas devassas lhes parecessem necessárias. Não se dá voz de prisão a uma chama, nem se mete um duende na cadeia.

E, diga-se a verdade, as buscas feitas anteriormente pareciam dar razão - pelo menos em aparência - a esta maneira supersticiosa de encarar os acontecimentos.

O magistrado, incumbido de proceder a um inquérito com relação ao "Motala", procurou ouvir as diferentes testemunhas que tinham presenciado o naufrágio. Todas foram unânimes em imputar a catástrofe à incompreensível aparição das "Damas de Fogo" sobre as ruínas do castelo de Dundonald.

Como é bem de supor, a justiça não podia contentar-se com explicações tão pueris. Que naquelas ruínas se tivesse produzido um fenómeno puramente físico, era caso admissível. Mas dever-se-ia esse fenómeno a um simples acidente, ou a uma premeditada malvadez? Eis o que a justiça tinha a deslindar. Que não cause estranheza o emprego da palavra "malvadez". Para se lhe encontrar a explicação, não será preciso remontar-se aos primeiros séculos da história americana. Sabe-se que os moradores da costa bretã lançaram mão por muito tempo de odiosos artifícios para provocarem naufrágios, de cujos despojos se apossavam em seguida. Uma vez era um feixe de árvores resinosas, que se acendiam de noite, obrigando as embarcações a irem bater sobre os escolhos de que não podiam safar-se. Outras vezes era um touro que se deixava correr à solta, com um archote preso nos chifres, a fim de enganar os marinheiros sobre a verdadeira linha da sua derrota. De semelhantes ardis resultava perder-se grande número de navios - com o que muito folgavam estes grupos de bandidos. Foi preciso a intervenção da justiça e mais de um castigo severíssimo para se conseguir finalmente pôr termo a tão bárbaros e odiosos costumes.

Ora não poderia muito bem ser que a mão criminosa de algum malfeitor tivesse agora recorrido às práticas do antigo tempo? Foi o que a justiça pensou, mau grado as convicções de Jack Ryan e seus companheiros. Quando estes ouviram falar em devassas, dividiram-se em dois grupos - o dos indiferentes, que não via a menor vantagem naquele aparato judicial, e os dos medrosos, que receava por este meio irritar os espíritos sobrenaturais.

A justiça, contudo, tratou de proceder a um inquérito rigoroso. Os seus agentes foram examinar pessoalmente as ruínas do castelo de Dundonald, procedendo a buscas aturadas e muito minuciosas.

O magistrado que os acompanhava quis ver se o solo conservaria sinais de alguns entes menos impalpáveis que as fadas ou os duendes. Nada porém lhe denunciou pegadas humanas, embora a terra, ainda húmida das chuvas da véspera, devesse conservar-lhes os vestígios.

- Pudera! - exclamou Jack Ryan, quando teve notícia do mau êxito das diligências efectuadas. - Assim se encontram pegadas de duendes! Antes querer tirar um prego do fundo do golfo! O princípio do inquérito não deu pois resultado algum. Não era de supor que se fosse mais feliz com o seu seguimento. Tratava-se de averiguar: 1, de que maneira se teria manifestado o fogo; 2, quais os elementos empregados para produzir a combustão; 3, finalmente os resíduos a mesma combustão teria deixado no alto da velha torre.

Sobre o primeiro quesito nada se apurou: nem fósforos meio ardidos, nem aparas de papel a denunciarem a premeditação de um crime - se crime havia nisto.

Sobre o segundo sucedeu o mesmo: nem cavacos nem urzes secas ou tojo que pudessem ter servido para atear aquela chama.

Quanto ao terceiro, idêntico resultado: a completa ausência de cinzas ou de qualquer outro resíduo de combustível não deixava precisar em que ponto a chama se localizara. Nem sobre a cortina das muralhas, nem sobre o pavimento da torre se encontraram pedras enegrecidas pelo fogo. Deveria pois concluir-se que tivesse alguém andado ali de noite agitando com a mão aquele foco luminoso? Era pouco aceitável esta hipótese, porque, segundo o depoimento das testemunhas, a chama apresentava dimensões tais que a tripulação do "Motala", apesar do nevoeiro, pôde vê-la perfeitamente do mar alto. - Pois sim! - exclamou Jack Ryan. - As "Damas de Fogo" precisam lá de fósforos! Basta-lhes um sopro só para elas fazerem arder tudo o que queiram sem o mais leve sinal de cinza.

A conclusão de tudo isto foi que a justiça perdeu o seu tempo, e que, às lendas já existentes, veio juntar-se mais uma - a que se referia ao naufrágio do "Motala" e ao poder sobrenatural das impalpáveis "Damas de Fogo".

Entretanto, um rapaz, tão forte e vigoroso como Jack Ryan, não podia ficar de cama eternamente. Lá porque o temporal se tinha lembrado de o obsequiar com alguns ferimentos e contusões, isso não era motivo que o obrigasse a conservar-se toda a vida sem acção. O tempo não lhe sobrava para estar doente. Ora quando o tempo escasseia para essas coisas em

regiões tão sadias como as Lowlands, a consequência mais natural é que nunca ali se está doente.

O jovial ex-mineiro restabeleceu-se pois muito depressa. Logo que se viu de pé, o seu primeiro pensamento - ainda antes de voltar aos trabalhos da herdade - foi levar a efeito o projecto que formara durante a curta doença. Consistia esse projecto numa visita às hulheiras de Aberfoyle, a fim de saber porque teria o seu amigo Harry faltado às festas de Irvine. Semelhante ausência da parte de um rapaz que nunca faltava à sua palavra não podia deixar de envolver algum mistério.

113

Parecia incrível que o filho do velho Overman não tivesse ouvido falar do naufrágio do "Motala", descrito minuciosamente nos jornais, e da parte que Jack Ryan, com risco da própria vida, tinha tomado na salvação dos seus tripulantes. Seria grande indiferença da parte de Harry não dar uma saltada até Melrose para apertar a mão de Jack Ryan e saber do seu estado. Se, portanto, Harry ainda não tinha vindo visitar o amigo, é porque algum facto extraordinário se opunha a esse dever. Jack Ryan quisera antes negar a existência das "Damas de Fogo" do que acreditar, por um momento só que fosse, na ingratidão do seu antigo companheiro.

Dois dias depois do acontecido, saía Jack Ryan da herdade já meio curado das suas feridas, como se nada tivesse sido com ele. Atroando os ares com as alegres notas de uma das suas mais predilectas cantigas, foi-se direito à gare do caminho de ferro, que de Glásgua se dirige para Stirling e Callander.

Depois de comprar bilhete, e enquanto esperava pelo comboio, pôs-se casualmente a olhar para uns grandes cartazes que cobriam as paredes da sala de espera, e continham as seguintes palavras:

"No dia 4 do corrente mês de Dezembro o engenheiro Jaime Starr, da cidade de Edimburgo, entrou para bordo do "Príncipe de Gales", no cais de Granton, e seguiu nesse barco até Stirling, onde desembarcou algumas horas depois. Desde esse dia que se não sabem notícias dele.

Quem puder prestar algumas informações a respeito do dito engenheiro, queira servir-se de as enviar ao presidente da Royal Institution, em Edimburgo."

Jack Ryan, parado diante de um dos cartazes, leu-o duas vezes a fio, dando sinais de uma extraordinária surpresa. - Será possível o que eu acabo de ler! - exclamou ele admirado. - Mas a 4 do corrente foi justamente quando eu encontrei o senhor Jaime Starr com o meu amigo Harry nas escadas do poço Yarow! Faz agora dez dias!

114

E não tornou a aparecer desde então! Dar-se-á o caso que este desaparecimento se relacione com a falta do meu pobre Harry às festas do clã de Irvine?

E, sem tratar de mandar dizer por escrito ao presidente da

Royal Institution o que sabia sobre o engenheiro Jaime Starr, o dedicado rapaz saltou logo para o comboio, resolvido a não parar enquanto não tivesse chegado à boca do poço Yarow.

Três horas depois, apeava-se do comboio na gare de Callander, seguindo apressadamente em direcção às hulheiras de Aberfoyle.

- Porque não tornariam eles a aparecer? - perguntava a si mesmo Jack Ryan. - Detê-los-ia algum obstáculo no caminho. ou andarão entretidos nalguma nova experiência? Hei-de sabê-lo em breve!

Jack Ryan alargou o passo e em menos de uma hora encontrava-se à entrada do poço Yarow.

Exteriormente não havia a menor mudança. O mesmo sossego em torno dele. A mesma solidão em torno da mina.

Jack Ryan penetrou no alpendre que cobria a boca do poço. Espreitou para dentro. Não viu nada. Aplicou o ouvido. Silêncio profundo.

- E o meu candil? - exclamou ele. - Não estará já no mesmo sítio?

O candil, de que Jack Ryan se servia quando ia visitar a família Ford, costumava geralmente estar preso a um canto no patamar da primeira escada. O candil tinha desaparecido!

- O caso complica-se! - disse Jack Ryan, que principiava a inquietar-se.

Depois, sem hesitações, apesar de supersticioso, acrescentou:

- Hei-de ir, ainda que o poço esteja mais negro que as profundas do inferno!

E começou a descer a longa série de escadas que se sucediam umas às outras.

Era preciso que Jack Ryan conservasse ainda os seus antigos hábitos de mineiro, e conhecesse bem o caminho das diferentes galerias e travessas, para se atrever assim a descer às escuras. Para mais segurança, não se firmava em nenhum degrau sem primeiro tê-lo procurado com os pés. Qualquer passo mal dado por aquelas escadas carunchosas poderia ocasionar uma queda mortal. Jack Ryan ia contando os degraus que deixava atrás de si. Sabia por experiência que não estaria no fundo do poço antes de ter chegado ao trigésimo patamar. Acabada a descida, não tinha medo de enganar-se, por estar bem ao facto do plano da hulheira.

Jack Ryan chegou assim ao vigésimo sexto patamar. Separavam-no do fundo do poço quando muito duzentos pés. Depois estendeu a perna em busca da vigésima sétima escada. A perna, porém, agitou-se no vácuo sem encontrar nenhum ponto de apoio. Jack Ryan pôs-se de joelhos no patamar, e procurou agarrar com a mão a extremidade da escada. Trabalho inútil. Era evidente que, não estando no seu lugar a vigésima sétima escada, alguém a tinha dali tirado.

- Andariam por cá as bruxas? - disse Jack Ryan, não sem experimentar um certo sentimento de terror.

Jack Ryan levantou-se e cruzou os braços, parecendo querer penetrar com a vista as sombras espessas que o cercavam. Esteve assim alguns momentos. Depois veio-lhe ao espírito que assim como ele não podia descer, também os habitantes da travessa Dochart não poderiam subir. Se as últimas escadas do poço Yarow tinham desaparecido

depois do encontro de Jack Ryan com Harry e Jaime Starr, o que seria feito de Simão Ford, de sua mulher, de seu filho e do engenheiro?! A ausência prolongada de Jaime Starr estava dando bem a conhecer que nenhuma comunicação existia entre o solo do condado de Stirling e o fundo das hulheiras de Aberfoyle!

116

O que se estaria ali a passar há tanto tempo? A despensa da família Ford achar-se-ia suficientemente abastecida de víveres para sustentar quatro pessoas por espaço de dez dias? Todas estas considerações foram rapidamente feitas por Jack Ryan. O pobre rapaz bem viu que, faltando-lhe as escadas, nada podia fazer só por si para chegar ao fundo do poço. Haveria em tudo isto alguma intenção criminosa? Parecia bem que sim. Em todo o caso, se à justiça competia proceder, a ele, Jack Ryan, competia preveni-la.

Antes porém de se afastar dali, Jack Ryan, debruçando-se sobre o último patamar, pôs-se a gritar com toda a força dos seus pulmões: - Harry! Harry!

Os ecos repetiram-lhe muitas vezes este nome, que por fim se perdeu de todo nas profundezas do poço Yarow. Jack Ryan subiu rapidamente as escadas superiores, e depressa tornou a ver a luz do dia. Sem perder um minuto, deitou a correr na direcção da gare de Callander, onde chegou a tempo de apanhar o comboio expresso de Edimburgo. Às três horas da tarde apresentava-se ele em casa do lorde preboste da capital.

Ali, as suas declarações foram recebidas com alvoroço. Eram tão explícitos os pormenores de Jack Ryan, que sobre a sua veracidade não podia admitir-se a menor suspeita. O presidente da Royal Institution, Sir W. Elphiston, não só colega mas também amigo particular de Jaime Starr, foi logo prevenido, e pediu para dirigir pessoalmente as diligências que se iam tentar nas hulheiras de Aberfoyle. À sua disposição puseram as autoridades diversos agentes de polícia, que se muniram de lanternas, cordas, picaretas, escadas de corda muito compridas, alguns víveres e cordiais.

117

Assim preparados, marcharam todos sem detença em demanda do poço Yarow, levando na frente Jack Ryan.

Chegados nessa mesma noite àquele poço, começaram a descê-lo, parando, como sucedera a Jack Ryan, no seu vigésimo sexto patamar. Depois ataram algumas das lanternas à extremidade das cordas que traziam, e lançaram-nas cautelosamente para baixo. Deste modo tornou-se fácil verificar que faltavam as últimas quatro escadas.

Era portanto evidente que tinham sido cortadas de propósito todas as comunicações entre o interior e o exterior da mina. - Porque esperamos ainda? - perguntou com impaciência Jack Ryan.

- Esperamos que voltem para cima as lanternas - respondeu Sir Elphiston. - A descida far-se-á depois, servindo-nos tu de guia através das galerias.

- Com todo o gosto - exclamou Jack Ryan. - Primeiro havemos de ir à residência de Simão Ford, depois, se for preciso, aos mais recônditos abismos da hulheira.

Logo que se içaram as lanternas, os agentes prenderam ao último patamar as escadas de corda, e deixaram-nas cair pelo poço dentro. Como ainda existiam inteiros os patamares inferiores, a descida de uns para outros não se tornava tão perigosa.

Ainda assim a operação oferecia as suas dificuldades. Jack Ryan foi o primeiro que se suspendeu a estas escadas vacilantes, como também foi o primeiro que chegou ao fundo do poço.

Sir W. Elphiston e os agentes seguiram-no de perto. A meia-laranja, formada em baixo pelo poço Yarow, estava absolutamente deserta. Sir W. Elphiston ficou, porém, muito surpreendido, quando ouviu dizer a Jack Ryan:

- Cá estão os restos das escadas! Cá estão elas meio por queimar!

- Que dizes, rapaz! - Exclamou Sir W. Elphiston.

118 - 119

Efectivamente, no chão viam-se alguns fragmentos de madeira carbonizada, denunciando ainda a forma dos degraus. - É lá possível - acrescentou Jack Ryan - que fosse o engenheiro Jaime Starr quem destruísse estas escadas? - Isso não - respondeu Sir W. Elphiston, que ficou pensativo. - Vamos, Jack, vamos à morada de Simão Ford. Lá é que devemos conhecer toda a verdade.

Jack Ryan abanou a cabeça como quem não era da mesma opinião. Mas tirando a lanterna da mão a um dos agentes, começou a avançar apressadamente pela galeria principal.

Todos trataram de o seguir.

Um quarto de hora depois, Sir W. Elphiston e os seus companheiros entravam na travessa Dochart, onde ficava a morada de Simão Ford.

Pela fenda das janelas não se via sinal de luz.

Jack Ryan aproximou-se da entrada, e abriu a porta de par em par.

A casa estava deserta.

Percorreram-se todos os quartos daquela sombria residência.

Em nenhum se divisou o mínimo sinal de violência. Tudo existia na melhor ordem, como se ainda ali estivesse a boa Madge. A reserva de víveres, abundante, devia chegar para muitos dias. Não se compreendia pois a ausência desta família. Mas poder-se-ia conhecer a data do seu desaparecimento? Podia, porque neste viver subterrâneo, em que os dias se não sucediam às noites, Madge adoptara o sistema de indicar o movimento do tempo por meio de cruces feitas na sua folhinha.

Essa folhinha lá estava pregada na parede da casa de jantar.

A última cruz, feita por Madge, marcava a data de 6 de Dezembro. Jaime Starr entrara para ali no dia 4 - circunstância que Jack Ryan estava bem no caso de afirmar.

120

Era, pois evidente que Jaime Starr e a família Ford tinham dali saído, havia já dez dias. Explicar-se-ia esta longa ausência por alguma nova

exploração tentada pelo engenheiro? Não era fácil responder afirmativamente a semelhante pergunta.

Sir W. Elphiston, depois de ter minuciosamente examinado a casa, ficou perplexo, sem saber que resolução tomar. Era completa a escuridão. A luz das lanternas, que os agentes levavam, mal permitia diferenciar os objectos vizinhos.

De repente, Jack Ryan soltou um grito.

- Ali! Ali! - bradou ele.

E apontava com o dedo para um ponto afastado da galeria, donde se destacava um intenso clarão.

- Corramos naquela direcção, meus amigos! - exclamou Sir W. Elphiston.

- Alguma fada! - murmurou Jack Ryan. - Para que servirá persegui-la? Nunca poderemos alcançá-la!

O presidente da Royal Institution e os agentes, menos inclinados ao maravilhoso, dirigiram-se precipitadamente para o ponto indicado pelo clarão. Jack Ryan, tomando também uma resolução enérgica, não foi dos últimos a ficar atrás.

Começou então uma longa e cansada correria. A luz que se observava ao longe parecia derivar de um fecho que alguém de formas delicadas e franzinas agitava no ar, correndo sempre. De vez em quando sumia-se a luz atrás de uma galeria para tornar a aparecer ao fundo de uma travessa. Depois seguiam-se novas curvas e ramais que a punham fora de alcance. Parecia que tinha desaparecido de todo, quando subitamente surgia de novo com mais viva intensidade. Jack Ryan continuava a dizer, não sem grande fundamento, que seria trabalho inútil querer apanhar uma fada.

Por espaço de uma hora que durou esta desenfreada correria, Sir W. Elphiston e os seus companheiros foram-se insensivelmente embrenhando na parte sudoeste das hulheiras.

Chegou também o momento de perguntarem uns para os outros se não estariam perseguindo uma sombra impalpável.

Entretanto a distância entre o misterioso portador do fecho e aqueles que o perseguiam diminuía a olhos vistos. Quereria ele encaminhar Sir W. Elphiston e os seus companheiros para o sítio onde talvez estivesse Jaime Starr e a família Ford
Ninguém poderia dizê-lo.

Os agentes, porém, vendo afrouxar a distância, redobraram de energia. O clarão, que primeiro se observava a mais de duzentos passos, encontrava-se agora a menos de cinquenta, mostrando sempre tendências para mais se aproximar. As formas daquele ser misterioso começavam já a perceber-se. Quando voltava a cabeça, não era difícil distinguir-Lhe o perfil de uma figura humana.

A não ser que algum génio ou duende tivesse tomado aquela forma, Jack Ryan via-se obrigado a confessar que não tinha diante de si nenhum ente sobrenatural. E então, sem nunca deixar de correr:

- Rapazes! - exclamava ele. - O nosso desconhecido já parece estar cansado! Se Lhe chegarmos a deitar a mão, e se ele possuir a língua tão desembaraçada como as pernas, teremos palestra para muitas horas!

Nos confins das últimas galerias, os ramais encruzilhavam-se de tal arte que faziam lembrar as curvas e rodeios de um complicado labirinto. O

empenho de perseguir aquela sombra tornava-se cada vez mais difícil. Bastava que ela apagasse o facho e se escondesse no fundo de alguma invisível escavação para de todo se escapar aos seus perseguidores.

- Porque o não terá já feito, se deseja fugir-nos sempre? - dizia a si mesmo Sir W. Elphiston.

Neste momento, porém, o clarão sumiu-se de improviso, e os agentes, continuando a correr, encontraram-se, sem saber como, diante de uma estreita abertura que as rochas de xisto deixavam entre si na extremidade de uma travessa.

122

Atiçar de pronto as lanternas e penetrar por essa abertura que tão inesperadamente se acusava, foi obra de alguns segundos, tanto para Sir W. Elphiston como para os seus companheiros.

Mal tinham dado cem passos numa nova, extensa e altíssima galeria, quando foram obrigados a parar. , Acabavam de ver quatro corpos estendidos no chão - quatro cadáveres talvez! - Harry! Harry! - bradou Jack Ryan, precipitando-se com ansiedade sobre o corpo do seu amigo.

Eram efectivamente Jaime Starr, o velho Overman, sua mulher e seu filho que para ali jaziam sem movimento.

Nisto ergueu-se a custo um desses corpos, e ouviu-se a voz desfalecida de Madge balbuciar estas palavras:

- A eles!... Salvem-nos a eles primeiro!

Sir W. Elphiston, Jack Ryan e os agentes cercaram logo o engenheiro e os seus companheiros, fazendo-Lhes tomar com fortuna algumas gotas de um efficacíssimo cordial. Estes infelizes, encarcerados havia dez dias nas profundidades da Nova Aberfoyle, estavam radicalmente a morrer de inanição.

E se, durante esse tempo todo, não haviam sucumbido - disse-o Jaime Starr a Sir W. Elphiston - era por terem umas três vezes encontrado junto de si alguns pedaços de pão e uma bilha com água.

A parcimónia do auxílio mostrava bem que não pudera melhor socorrê-los o ente invisível a quem deviam a salvação. Sir W. Elphiston chegou a ponderar se esse ente invisível não seria o mesmo que momentos antes lhe tinha servido de guia até chegar a este ponto.

Fosse como fosse, ,Jaime Starr e os seus companheiros estavam salvos, sendo logo conduzidos para a morada de Simão Ford pela mesma estreita abertura por onde tinham penetrado na Nova Aberfoyle Sir W. Elphiston , Jack Ryan e os agentes de polícia.

123

E se Jaime Starr, Simão Ford e Harry não tinham podido dar no meio das trevas com o orifício feito pela explosão da dinamite, é porque esse orifício fora posteriormente disfarçado pela acertada acumulação de várias pedras sobrepostas.

Assim, pois, ficava demonstrado que, enquanto os exploradores percorriam a extensa cripta, mão inimiga e traiçoeira Lhes cortava perfidamente todos os meios de comunicação entre a antiga e a Nova Aberfoyle!

CAPÍTULO XIII

COAL-CITY

Três anos depois dos acontecimentos que ficam narrados, não havia guia de viajante na Escócia que não apontasse como grande curiosidade uma visita de algumas horas às importantes hulheiras da Nova Aberfoyle.

Nenhuma outra mina, quer no velho quer no novo mundo, apresentava mais curioso aspecto do que esta.

Começava logo porque o visitante sentia-se transportado, sem o menor risco nem cansaço, até ao próprio centro da exploração, assente mil e quinhentos pés abaixo da superfície do condado de Stirling.

Efectivamente, numa distância de sete milhas a sudoeste de Callander, encontrava-se aflorando o solo um túnel oblíquo, embelezado por uma entrada monumental com torres, seteiras e ameias. Este comprido túnel, muito largo e de uma suave inclinação, ia terminar justamente sobre a parte central da Nova Aberfoyle.

Os comboios de um duplo caminho de ferro, movido por força hidráulica, partiam, de hora em hora, para a recente povoação levantada no subsolo do condado com o nome, talvez um pouco ambicioso, de Coal-City - Cidade do Carvão.

O visitante chegado a Coal-City achava-se de repente no meio de um local onde a electricidade representava, como agente de luz e de calor, um grandíssimo papel.

De facto, por mais numerosos que fossem os poços de arejamento, não podiam eles transmitir bastante claridade à profunda escuridão das galerias. Para remover este obstáculo, havia-se recorrido a uma luz intensa que inundava completamente a hulheira.

Supriam o disco solar diferentes discos eléctricos. Estes discos - uns sóis, outros estrelas -, suspensos ao centro das abóbadas, pendurados nos pilares das galerias, eram todos alimentados por contínuas correntes que as máquinas electromagnéticas produziam. Quando chegava a hora de se largar o trabalho, bastava um isolador para dar princípio artificialmente à noite dentro dos extensos abismos da hulheira.

Estes aparelhos, quer grandes, quer pequenos, funcionavam no vácuo, isto é, os seus arcos luminosos não comunicavam de forma alguma com o ar ambiente. Por semelhante meio - dado mesmo o caso de estar a atmosfera saturada de grisu numa proporção inflamável - não havia que recear nenhuma explosão.

Seguia-se daqui a circunstância de ser o agente eléctrico exclusivamente empregado em todas as exigências da vida industrial e doméstica, tanto nas galerias em exploração, como nas casas particulares de Coale-City.

Deve-se dizer ainda que, em relação ao valor da nova hulheira, estavam perfeitamente justificados os cálculos do engenheiro Jaime Starr. A riqueza dos filões quase que não podia determinar-se. Na parte ocidental da mina, a um quarto de milha de Coal-City, é que os mineiros tinham começado a atacar os depósitos carboníferos. A cidade operária não ocupava o centro da exploração. Os trabalhos das galerias estavam directamente ligados com os de contramina pelos poços de arejamento e extracção que

punham os diferentes andares da hulheira em contacto com o solo. O grande túnel, onde existia o caminho de ferro de tracção hidráulica,

126

era simplesmente destinado ao transporte dos habitantes de Coal-City.

Deve ainda estar na lembrança dos leitores qual era a configuração da vasta caverna onde o velho Simão Ford e os seus companheiros tiveram de parar durante a primeira visita feita à Nova Aberfoyle.

Por cima deles erguia-se ali majestosamente uma espécie de imensa cúpula de curva ogival. As colunas ou pilares que sustentavam essa cúpula iam perder-se completamente na abóbada de xisto a uma altura de trezentos pés - altura quase igual à de Mammouth-Dôme nas grutas de Kentuck.

Sabe-se que por baixo de Mammouth-Dôme - que é a maior cúpula do vasto hipogeu americano - podem caber à vontade umas cinco mil pessoas. Nesta parte da Nova Aberfoyle dava-se a mesma proporção e também a mesma disposição. Mas, em vez das admiráveis estalactites existentes na gruta de Kentucky, a vista agora aqui fixava-se nas intumescências dos filões carboníferos, que pareciam emergir de todos os lados sob a pressão das rochas xistosas. Dir-se-ia que eram altos-relevos de azeviche, iluminados brilhantemente pelos raios que os discos projectavam.

Por baixo desta cúpula estendia-se um lago, comparável pela sua extensão ao mar morto das Mammouth-Caves - lago profundo, a que o engenheiro Jaime Starr dera o nome de lago Malcolm, e em cujas águas transparentes se divisavam milhares de peixes sem olhos.

Era junto deste imenso lago que o velho overman levantara a sua nova habitação - habitação que ele não trocaria decerto pelo mais esplêndido palácio de Princes-Street, em Edimburgo. A nova moradia deitava cinco janelas sobre aquelas águas adormecidas, cujo limite os olhos não podiam descortinar. Dois meses depois levantava-se outra habitação nas vizinhanças de Simão Ford. Era a de Jaime Starr. O engenheiro dedicara-se tanto de alma e coração à Nova Aberfoyle,

127

que acabara por vir habitá-la. E só dela se afastava quando algum negócio muito urgente a isso o compelia.

Efectivamente, onde Jaime Starr vivia melhor era no meio dos seus operários.

Depois da descoberta dos novos jazigos, todos os mineiros da antiga hulheira se tinham apressado a largar os trabalhos de lavoura para pegar de novo na picareta e na barrena. Atraídos pela certeza de que o trabalho não tornaria a faltar-lhes, lisonjeados pela vantagem dos salários que o bom êxito da empresa lhes oferecia, tinham deixado a parte superior da terra pela inferior, alojando-se todos eles na hulheira, que se prestava, em consequência das suas disposições naturais, a esta singular instalação.

As casas de toda esta gente, feitas de tijolo, e dispostas de uma maneira pitoresca, estendiam-se agora, umas sobre as margens do lago Malcolm, outras debaixo desses arcos naturais que pareciam feitos para resistir ao avançamento das abóbadas, como os contrafortes de uma

catedral. Mineiros que fendem as rochas com as suas picaretas e barrenas, trabalhadores que transportam o carvão, condutores de trabalhos, carpinteiros que especam as galerias, cantoneiros a quem compete a conservação dos caminhos, serventes que acarretam a pedra para se deitar nos sítios donde se extrai a hulha - todos estes operários enfim, mais directamente empregados nos trabalhos interiores, vieram fixar a sua residência na Nova Aberfoyle, fundando progressivamente Coal-City, situada debaixo da ponta oriental do lago Katrine, ao norte do condado de Stirling.

Era pois uma espécie de aldeia flamenga esta que se estendia agora pelas margens do lago Malcolm. Uma capela, erigida sob a invocação de São Gilles, dominava todo o conjunto das casas do alto de um rochedo que escondia a sua base nas águas deste mar subterrâneo.

128

Quando Coal-City se iluminava com os raios dos seus discos eléctricos, suspensos nos pilares da cúpula e dos arcos das naves, o seu aspecto era completamente fantástico e justificava de todo o ponto as recomendações que faziam desta povoação subterrânea os guias de viagem. Eis porque nunca lhe faltavam visitantes todos os dias.

Que os habitantes de Coal-City se mostravam orgulhosos da sua cidade, escusado será dizê-lo. À semelhança do que praticava Jaime Starr, era raro que algum deles quisesse vir à superfície da terra. Simão Ford teimava em dizer que "lá em cima" chovia sempre, e se fizermos justiça ao clima do Reino Unido devemos concordar que o velho overman se não enganava absolutamente.

As famílias da Nova Aberfoyle viviam pois alegres e satisfeitas. Num período de três anos tinham chegado a uma certa mediania, que nunca lhes seria permitido alcançar se continuassem a residir fora da mina. Muitas das crianças nascidas por ocasião de recomeçarem os trabalhos ainda não tinham respirado o ar exterior, o que levava Jack Ryan a fazer a seguinte observação:

- Há já dezoito meses que deixaram de mamar, e ainda, coitadinhos!, não viram a luz do dia!

Diga-se, a propósito de Jack Ryan, que ele foi um dos que mais depressa acudiram ao chamamento do seu antigo engenheiro. Este alegre e bom rapaz entendeu que era um dever para ele voltar de novo à sua primeira ocupação. A herdade de Melrose ficara privada portanto do seu cantor e tocador habitual. Isto não quer dizer, porém, que Jack não tornasse a cantar. Pelo contrário, cantava tanto, que os ecos sonoros da Nova Aberfoyle gastavam, a responder-lhe, os seus pulmões de pedra.

Jack Ryan vivia na mesma casa de Simão Ford. Tinham-lhe oferecido um quarto, que ele se deu pressa em aceitar, com toda a simplicidade e franqueza do seu bondoso carácter. A velha Madge era muito sua amiga.

129

E, diga-se a verdade, também compartilhava um pouco as suas ideias acerca dos entes fantásticos que deviam povoar a mina. A prova é que, quando se reuniam ambos, passavam o tempo a contar histórias sinistras, dignas de figurarem na colecção da mitologia hiperbórea.

Jack Ryan era a alegria da casa. Além disso, nenhum outro operário lhe levava a palma no vigor e desembaraço. Seis meses depois de encetados os trabalhos, já dirigia um grupo de mineiros.

- Há males que vêm por bem, senhor Ford - dizia ele um dia ao velho overman. - O novo filão ia-lhe custando a vida, mas, a falar verdade, não foi caro.
- Diz mesmo que foi barato, Jack - respondeu Simão Ford. - Nem eu nem o senhor Jaime Starr esqueceremos jamais que foste tu o nosso salvador.
- Não fui eu - replicou Jack Ryan -, foi seu filho Harry, que teve a feliz ideia de aceitar o meu convite para as festas de Irvine...
- E a feliz ideia de lá não ter ido, não é assim? - tornou Harry apertando a mão do seu amigo. - Vamos, Jack, sê franco. Todos nós teríamos ficado para sempre no fundo da hulheira se tu não viesses em nosso auxílio, apenas convalescido dos teus ferimentos.
- E eu sustento o contrário! - observou o teimoso rapaz. - Oponho-me a que se avance uma coisa que não é exacta. O meu trabalho limitou-se unicamente a querer saber o que era feito de ti. E por fim de contas, para sermos justos, devemos considerar que se não fosse aquele misterioso e impalpável duende...
- já tardava que os duendes não entrassem na festa! - exclamou Simão Ford.
- Um duende, um trasgo, um espírito das sombras, qualquer filho de fada ou neto das "Damas de Fogo", pouco importa o nome! - insistiu Jack Ryan. - O que é certo é que, sem a intervenção desse génio, ainda hoje não teríamos entrado na galeria, nem os meus amigos saído de lá. - De acordo, Jack - respondeu Harry sorrindo.

130

Resta, porém, averiguar se esse tal génio será tão sobrenatural como tu o pintas.

- Ainda duvidas? - exclamou Jack Ryan. - E quem queres tu que seja uma sombra como aquela? Não será sobrenatural o ente que deita a correr de archote na mão sem se deixar apanhar, e que se desvanece de repente sem se saber para onde foi? Deixa estar, Harry, que ainda havemos de tornar a vê-lo, e tu me dirás então se eu não digo a verdade.
- Deus te ouça, Jack - disse Simão Ford. - Duende ou não, é preciso que o encontremos um dia, e conto que nos ajudarás nessas diligências.
- Veja no que se mete, senhor Ford, olhe que o caso é melindroso! - ponderou Jack Ryan. - Não te dê isso cuidado, meu rapaz!

Concebe-se facilmente como este recanto da Nova Aberfoyle se tornou em pouco tempo familiar ao velho overman e a seu filho. Este especialmente deu-se logo ao trabalho de lhe estudar os mais secretos escaninhos. Chegou a poder indicar com precisão em que ponto da superfície do solo correspondia tal ou tal ponto da hulheira. Sabia perfeitamente que superior àquela camada de rochas existia aqui o golfo de Clyde, acolá o lago Malcolm, mais além o lago Katrine. Estes pilares suportavam um contraforte dos montes Grampian. Aquela abóbada servia de envasamento à cidade de Dumbarton. Por cima do extenso lago passava o caminho de ferro de Balloch. Deste lado terminava o litoral da Escócia, daquele começava a imensidade do mar, cujos soluços estridentes se ouviam aqui durante as

grandes tormentas do equinócio. Harry estava no caso de ser um apreciável cicerone destas catacumbas naturais, e tudo que fazem os guias dos Alpes sobre os píncaros nevados à luz do Sol, podia ele fazê-lo na hulheira à luz apenas da sua lanterna.

E como ele gostava desta Nova Aberfoyle! E com que interesse percorria os seus mais afastados recessos!

131

Hoje, com um pequeno barco por ele próprio dirigido, passava horas a remar naquelas adormecidas lagoas. A manhã escoando-se ao prazer de uma caça extravagante, desfechava contra as narcejas e os patos bravos, que se tinham introduzido nesta cripta, e ali viviam tranquilamente do muito peixe de suas águas. Parecia que os olhos de Harry haviam sido feitos para devassar as escuras regiões, como os dos marinheiros para os longínquos horizontes.

Mas entregando-se a esta paixão pela vida exterior da hulheira, Harry obedecia como que irresistivelmente à esperança de tornar a ver o ente misterioso, a cuja intervenção devia, por assim dizer, o benefício de ter escapado à morte, juntamente com seus pais e o engenheiro Jaime Starr. Poderia ele chegar a ver realizada essa esperança?

A dar crédito aos seus pressentimentos, podia; a só se levar pelo mau resultado das suas pesquisas, não.

Quanto aos ataques, de que a família do velho overman fora vítima antes de explorada a Nova Aberfoyle, tinham eles desaparecido de todo.

Assim corriam as coisas nesta mina importantíssima. Não se vá imaginar que, durante os primeiros tempos, em que ainda estava por levantar a maior parte das habitações de Coal-City, a existência fosse ali monótona e privada de distrações.

Longe disso. Aquela população, ligada pelos mesmos interesses e aspirações, constituía por assim dizer uma só família. Todos se conheciam, todos se falavam, por consequência não se tornava imperiosa a necessidade de ir procurar fora da mina algumas distrações.

De resto, aos domingos havia sempre na Nova Aberfoyle passeios em família e excursões nos lagos e lagoas - o que já representava um regular e agradável passatempo.

Muitas vezes também vinham alegrar as margens do lago Malcolm os sons vibrantes de uma gaita-de-foles. Os escoceses afluíam todos ao ouvirem o seu instrumento nacional. Dançava-se então, e nesses dias Jack Ryan,

132

que vestia o seu pitoresco fato de Highlander, tornava-se o rei da festa.

A consequência de tudo isto era que - na opinião de Simão Ford - a moderna Coal-City já rivalizava com a capital da Escócia, essa cidade sujeita aos frios do Inverno, aos calores do Estio, às intempéries de um clima detestável, e que, envolta no manto de fumo das suas fábricas e oficinas, justificava perfeitamente a sua alcunha de "Velha Denegrada" (1).

*1. Auld-Reeky - nome que se dá por gracejo à parte velha de Edimburgo.

CAPÍTULO XIV

SUSPENSO POR UM FIO!

Em vista das condições que rodeavam a família do velho Overman, e do bom êxito que tinham tido os seus mais íntimos desejos, devia ela considerar-se absolutamente feliz. Entretanto não acontecia assim em relação a Harry. Quem fosse fisionomista poderia notar que aquele moço, já de seu natural um pouco sombrio, cada vez se tornava mais concentrado e taciturno. Jack Ryan, apesar da sua alegria tão expansiva, não conseguia distraí-lo.

Num domingo - era pelo mês de Junho - passeavam os dois amigos junto das margens do lago Malcolm. Os trabalhos tinham parado por ser dia de descanso. Fora da mina o tempo estava feio e chuvoso. Violentas bátegas de água faziam sair da terra uma espécie de vapor quente. Quase que se não respirava na superfície do condado.

Em Coal-City, pelo contrário, havia um sossego absoluto e uma temperatura suave. A chuva e o vento não se sentiam ali. Da luta dos elementos sobre a terra não transpirava um eco só que fosse na profunda habitação dos mineiros. Era por isso que um certo número de pessoas de Stirling e seus arredores tinha vindo procurar dentro da hulheira um pouco de frescura.

Os discos eléctricos lançavam um brilho a deixar morrer de inveja o sol britânico, mais anuviado concerteza do que deve ser em geral um sol de domingo.

Jack Ryan fazia notar ao seu camarada Harry esta afluência enorme de visitantes. Harry, contudo, mal prestava atenção às palavras de Jack Ryan.

- Olha, Harry! - dizia-lhe este. - Repara com que empenho nos querem ver. Vamos, amigo! Manda para longe o teu ar de tristeza, e mostra a essa gente que vives bem cá em baixo. Não dês lugar a pensar-se que lhe invejamos a sorte. - Não te importes comigo, Jack - respondeu Harry. - A tua alegria vale por dois, é quanto basta.

- Os maus espíritos me levem - tornou Jack Ryan - se a mim se me não pega a tua tristeza! Eu ando com olheiras, trago a língua pegada ao céu da boca, e nem quase que sei rir! Se até me vai faltando a memória para as cantigas! Vejamos, Harry... o que é que tu tens?

- Tu bem o sabes, Jack.

- Sempre o mesmo pensamento?

- Sempre!

- Ah!, meu pobre amigo! - replicou Jack Ryan, encolhendo os ombros. - Se tu desses em atribuir tudo isso aos duendes que há na mina, havias de ter como eu o espírito mais sossegado. - Os duendes, Jack, só existem na tua imaginação, e bem sabes que, depois que recomeçaram os trabalhos, nunca mais apareceu nenhum na Nova Aberfoyle.

- Assim será, Harry. Mas se os duendes não aparecem, creio que outro tanto sucede àqueles que tu procuras.
- Não importa! Hei-de encontrá-los, Jack!
- Lembra-te, Harry, que os génios da Nova Aberfoyle não se deixam surpreender.
- Hei-de encontrá-los, esses pretendidos génios de que tu falas! - atalhou Harry com o tom enérgico de uma profunda convicção!
- Tu assustas-me, Harry!

135

- É que eu tenho de punir e de premiar, Jack. Se houve quem nos encerrasse naquela galeria, houve também quem nos fosse lá socorrer. E eu não esqueço nem uma nem outra coisa! - E se esses dois indivíduos - ponderou Jack Ryan - se resumissem num só?
- Porque dizes isso? Donde te veio essa ideia? - Eu sei lá, Harry! As criaturas que vivem nestes abismos não são feitas como nós!
- Enganas-te, Jack.
- Talvez não me engane, Harry. Demais, não é lícito supor que na mina se introduzisse algum doido?
- Algum doido?! -- replicou Harry. - Pois um doido era capaz de ter aquele seguimento de ideias? Pode lá ser doido o malfeitor que não cessou de nos perseguir desde que pela primeira vez nos cortou as escadas do poço Yarow! - Mas lembra-te, Harry, que já vai para três anos que tu e os teus não são vítimas de nenhuma nova agressão.
- Embora! - respondeu Harry. - Ninguém pode convencer-me de que esse ente misterioso renunciasse de todo aos seus projectos vingativos. Em que me fundo para te falar assim, não poderia dizer-to. Mas o que te afianço é que, em proveito mesmo da nova exploração, preciso saber quem ele é, e donde vem.
- Em proveito da nova exploração? - perguntou Jack Ryan muito espantado.
- Sim, Jack - tornou Harry. - Tenho de mim para mim que anda em tudo isto um interesse oposto ao nosso. E cada vez me convenço mais desta ideia. Ora recorda-te dos diversos acontecimentos inexplicáveis que se prendem logicamente uns aos outros. Aquela carta anónima, em contradição com a de meu pai, prova, em primeiro lugar, que um homem chegou a saber dos nossos projectos, procurando tenazmente inutilizá-los. Decide-se o engenheiro Starr a vir falar com meu pai, e apenas ele entra, guiado por mim nas hulheiras de Aberfoyle,

136

logo uma pedra enorme cai a nossos pés, seguindo-se o corte de algumas das escadas do poço Yarow para nos fecharem as comunicações com o exterior. Tenta-se a primeira exploração, que devia indicar-nos onde ficava o novo jazigo, e essa exploração torna-se impossível porque nos tapam intencionalmente as fendas do xisto. Entretanto fazem-se as experiências, e aparece o filão. Voltamos para trás depois de verificado o descobrimento. Sente-se no caminho um esvoaçar estranho. A nossa lanterna quebra-se. Ficamos sem ver nada. Conseguimos, apesar disso, chegar ao extremo da galeria.

Nenhuma abertura para sair! O orifício por nós feito na massa estava obstruído! Achávamo-nos incomunicáveis! E não queres tu, meu amigo, que eu veja em tudo isto um pensamento criminoso? Não há que duvidar! Um ente invisível, mas não sobrenatural, como tu pretendes, existia oculto na hulheira. Movido por um interesse que não chego a compreender, esse ente procurou por todos os meios ser-nos prejudicial. E diz-me um pressentimento que ele vive ainda, preparando talvez na sombra alguma nova cilada. Não importa! Ainda que tenha de arriscar a vida, prometo-te, Jack, que hei-de dar com ele!

Harry acabava de falar com tamanha convicção, que chegou a abalar seriamente o seu companheiro.

Jack Ryan não podia negar que Harry tinha razão, pelo menos com referência ao passado. Fosse ou não fosse natural a origem desses factos extraordinários, o certo é que eles tinham existido.

O pobre moço, contudo, não queria renunciar ainda ao seu sistema de explicar esses factos. Reconhecendo, porém, que Harry jamais admitiria a intervenção de um génio misterioso, agarrava-se ao único incidente que não podia conciliar-se com aquele sentimento de malvadez alimentado contra a família Ford.

137

- Verdade, verdade - observou ele -, eu sou obrigado a dar-te razão sobre um certo número de coisas. Mas por outro lado hás-de convir comigo que só algum génio bom podia ocasionar-vos o pão e a água que vos livrou de mor... - Não digas mais, Jack! - exclamou Harry interrompendo-o com veemência. - O ente caritativo, de que tu desejas fazer um ente maravilhoso, é tão verdadeiro como o outro que pratica o mal, e juro-te que a ambos eles hei-de eu procurar, ainda mesmo que tenha de descer aos mais recônditos limites da hulheira.
- Tens alguns indícios que te possam guiar nessas diligências? - perguntou Jack Ryan.
- Talvez - respondeu Harry. - Ouve-me bem, Jack. A cinco milhas a oeste da Nova Aberfoyle, debaixo da porção da massa que suporta o lago Lomond, existe um poço natural que se afunda perpendicularmente nas próprias entranhas do jazigo. Haverá oito dias quis sondar-lhe a profundidade. Ora, enquanto eu estava encostado à abertura do poço para lhe introduzir a sonda, pareceu-me que o ar se agitava lá dentro como que impellido por um bater de asas.
- Era talvez algum pássaro que se perdera nas galerias inferiores da hulheira - respondeu Jack.
- Ainda não é tudo, Jack - replicou Harry. - Esta manhã voltei ao mesmo poço, e, aplicando o ouvido, julguei surpreender uma espécie de gemido.
- Um gemido! - exclamou Jack. - Enganaste-te decerto, Harry.
- Foi alguma corrente de ar, a não ser que algum duende...
- Amanhã, Jack - atalhou Harry -, eu saberei dizer-te o que foi.
- Amanhã - respondeu Jack, olhando desconfiado para o seu companheiro.
- Sim! Amanhã tenciono descer ao fundo daquele poço.
- Que dizes, Harry!... Isso é tentar a Deus!
- Não é, Jack, porque de Deus espero eu todo o auxílio para levar a cabo a minha ideia. Amanhã havemos de voltar ambos àquele sítio, acompanhados por alguns dos nossos companheiros.

Levaremos uma corda rija e comprida, com a qual serei atado pela cintura. Depois tu e os nossos companheiros começarão a descer-me pelo poço com cautela, devendo puxar por mim a um sinal convencionado. Posso contar contigo, Jack?

- Farei o que me pedes, Harry - disse Jack Ryan abanando a cabeça. - Entretanto, parece-me que vais cometer uma imprudência.
- Antes cometer uma imprudência do que ficar com o remorso de não ter feito o que devia - respondeu Harry com ar decidido. - Amanhã de manhã, em sendo seis horas, espero por ti. Nem uma palavra sobre este assunto! Adeus, Jack. E para evitar o seguimento de uma conversação, em que Jack

Ryan tentaria ainda dissuadi-lo, Harry afastou-se rapidamente do seu amigo.

Deve-se, contudo, concordar que não eram despidas de fundamento as apreensões de Jack Ryan. Se algum inimigo pessoal ainda ameaçava o seu companheiro, se esse inimigo existia agora no fundo daquele poço, o projecto de Harry Ford não deixaria de ser perigoso. Mas que fundamento podia haver para julgar as coisas deste modo?

- No fim de contas - dizia a si próprio Jack Ryan -, para que há-de estar o pobre Harry a afligir-se tanto com uma série de factos, que se explicam tão facilmente pela intervenção dos génios da mina?

Entretanto, no dia seguinte de manhã, Jack Ryan e mais três homens de sua confiança chegavam, acompanhados por Harry, ao local do poço já citado.

Harry ocultara o seu projecto ao velho overman mais ao engenheiro Starr. Do seu lado, Jack Ryan também guardara segredo sobre o caso. Os mineiros, vendo afastarem-se aqueles cinco homens, supuseram no mesmo instante que se tratava de algum simples reconhecimento na direcção do Corte vertical do jazigo.

Harry prevenira-se com uma corda que media duzentos pés. Não era muito grossa, mas era extremamente forte para poder sustentar o peso de um homem. Harry não tinha que empregar nesta operação a força dos seus braços, visto que aos companheiros competia descê-lo ao fundo do poço e içá-lo depois. Combinou-se que, para Começar a subida, deveria Harry puxar com força pela corda.

O poço, bastante largo, tinha doze pés de diâmetro no seu orifício. Atravessou-se-lhe de lado a lado uma viga completamente redonda, para que a corda, escorregando por ela, pudesse sempre conservar-se no eixo do poço; e, Precaução indispensável, a fim de evitar que Harry fosse arremessado na descida de encontro às paredes laterais. Abriram-se duas cavidades aos lados do poço, uma fronteira à outra, e meteu-se nelas a viga que ficou assim girando como se fosse uma roldana improvisada para auxiliar sobretudo a subida de Harry. Este, pela sua parte, encontrava-se já pronto a encetar a empresa.

- Insistes ainda no teu projecto? - perguntou Jack Ryan em voz baixa.
- Insisto - respondeu Harry.

A corda foi atada primeiro em redor dos rins de Harry, e depois por debaixo dos sovacos dos braços, para que o corpo não pudesse desequilibrar-se.

Desta forma, Harry ficava com ambas as mãos desembaraçadas. À cintura suspendeu ele uma lanterna de segurança e no peito guardou uma dessas boas facas escocesas que têm bainha de couro.

Assim preparado, Harry aproximou-se do poço e Jack Ryan deu com a corda uma volta à roda da viga.

Depois começou a descer a corda, e não tardou que Harry desaparecesse de todo. Como a corda fosse produzindo um ligeiro movimento de rotação, Harry aproveitou essa circunstância para examinar cautelosamente, à luz da lanterna, as sombrias paredes do poço.

140

Estas paredes compunham-se de xisto hulheiro, e eram bastante lisas para que alguém pudesse trepar por elas. Harry calculou que ia descendo com uma velocidade moderada: aproximadamente um pé por segundo, o que lhe permitia ver tudo muito bem, e a prevenir-se com tempo contra qualquer eventualidade. Ao cabo de dois minutos já ele tinha atingido sem acidente uma profundidade pouco mais ou menos de cento e vinte pés. Nas paredes do poço, que se ia estreitando em guisa de funil não se divisava nenhuma galeria lateral. Entretanto, Harry começava a sentir um ar mais fresco vindo de baixo, donde concluiu que a extremidade do poço comunicava com alguma abertura de terreno inferior da hulheira. A corda continuava sempre a descer. A escuridão era mais completa, e o silêncio sepulcral. Se algum ser vivo tinha procurado refúgio neste profundo e misterioso abismo, ou já fugira dele, ou então nenhum movimento denunciava a sua presença ali.

Harry, que à proporção que descia cada vez se tornava mais cauteloso, desembainhara a sua faca e segurava-a, agarrando-a com firmeza na mão direita.

A uma profundidade de cento e setenta pés notou Harry que tinha tocado no solo inferior, porque a corda afrouxou e deixou de se desenrolar.

Harry respirou um momento. Não se havia felizmente realizado um dos seus maiores receios - o de lhe cortarem a corda, fazendo-o cair no fundo do abismo. De resto, as paredes do poço não apresentavam nenhuma abertura que deixasse esconder um homem.

Era excessivamente apertada a extremidade inferior do poço.

Harry, tirando a lanterna da cintura, examinou detidamente o lugar onde se encontrava. Não se enganara nas suas conjecturas. De um dos lados havia uma estreitíssima travessa que se prolongava indefinidamente pelo jazigo carbonífero.

142

Mas, para entrar nela, era preciso que Harry se abaixasse primeiro e depois fosse de rastos.

Com o fim de ver se esta apertada galeria teria outras ramificações, ou se por acaso iria terminar nalgum precipício, Harry deitou-se no chão, e começou a andar de rojo.

Um obstáculo, porém, fê-lo parar de repente.

Pareceu-lhe, pelo contacto das mãos, que este obstáculo era um corpo humano, atravessado sobre a sua passagem. Harry, dominado por um forte sentimento de repulsão, recuou um passo. Depois, enchendo-se de coragem avançou de novo. Não o tinham enganado as suas primeiras impressões: Era efectivamente um corpo humano que ele acabava de encontrar. Levantando-o logo do chão, pôde convencer-se que esse corpo, frio já nas extremidades, ainda conservava no peito alguma vida.

Pegar nele ao colo, trazê-lo para o fundo do poço, e chegar-lhe ao rosto a luz da sua lanterna, foi para Harry apenas obra de alguns segundos.

- Uma criança!... - bradou ele espantado.

A pobre criança, encontrada no ponto mais remoto deste abismo, ainda respirava, mas era tão fraca a sua respiração que Harry chegou a temer que ela se extinguísse. Urgia pois, sem perda de um instante, retirar dali aquela infeliz criança, e conduzi-la a Coal-City, onde Madge lhe prodigalizaria os cuidados indispensáveis.

Harry, pondo de parte qualquer outra preocupação, suspendeu de novo ao lado a sua lanterna, tornou a passar a corda à cintura, pegou na criança moribunda, com o braço esquerdo, encostando-a contra o peito, e deixando livre e armado o braço direito, e rapidamente fez o sinal ajustado para puxarem por ele.

A corda esticou-se e a subida começou a fazer-se regularmente.

143

Harry examinava tudo à sua volta com redobrada atenção. Agora não era ele só que estava exposto a qualquer perigo. Durante os primeiros minutos da ascensão tudo correu bem. Parecia que nenhum obstáculo viria interromper esta uniformidade, quando de repente Harry supôs ouvir um ruído prolongado, deslocando as camadas de ar nas profundidades do poço. Olhou então para baixo de si, e distinguiu na penumbra uma estranha massa que se elevava gradualmente, e que roçou por ele na subida.

Era um pássaro enorme de que Harry não pôde conhecer a espécie e que voava com extrema velocidade.

O monstruoso volátil suspendeu o voo de repente, pairou por alguns instantes, e depois cresceu sobre Harry com uma sanha ameaçadora.

Harry só tinha verdadeiramente livre o braço direito para se defender contra as bicadas desta ave feroz.

E assim começou a fazer, protegendo como podia a criança que ele encontrara. Mas não era à criança que o pássaro queria chegar. Harry, embaraçado pela rotação da corda, não conseguia ferir mortalmente este implacável inimigo.

A luta ia-se prolongando. Harry gritou com toda a força dos seus pulmões, esperando que os companheiros o ouvissem de cima.

Foi o que sucedeu, porque a corda principiou a subir com maior rapidez.

Faltavam ainda oitenta pés a transpor. O pássaro deixou então de atacar de frente a frente. Mas... Ah! -perigo mil vezes mais terrível! - A dois pés acima da cabeça de Harry, e fora do alcance do seu braço, o encarniçado animal precipitou-se sobre a corda, suspendeu-se nela, e tentou raivosamente despedaçá-la com o bico. Os cabelos de Harry puseram-se em pé.

A corda foi cedendo pouco a pouco.

Harry olhou para cima e soltou um grito desesperado: um dos ramais da corda acabava de se partir! Estava então a uma altura do abismo já superior a cem pés!

Nisto o bico daquela sinistra ave rompe a corda no segundo ramal!

Restavam dois apenas, sustentando frouxamente o duplo peso de Harry e da criança!

Em conjuntura tão aflitiva, Harry deixou cair a faca, e num esforço inaudito, no momento em que a corda ia estalar de todo, chegou a poder agarrá-la com a mão direita por cima do sítio em que o pássaro a rompeu. Apesar, porém, de ser de ferro aquele pulso, Harry sentiu que lhe escorregava a corda d'entre os dedos.

Para evitar a iminência deste perigo, Harry só tinha um recurso desesperado: tornar a segurar a corda com ambas as mãos, sacrificando a criança que sustinha no braço direito. O filho do velho Simão Ford nem sequer pensou em tal.

Entretanto, Jack Ryan e os seus companheiros, excitados pelos gritos de Harry, içavam a corda com maior frenesi. Harry suspeitou que não poderia sustentar-se naquela posição até chegar ao orifício do poço. Injectou-se-lhe a cara, subiu-lhe o sangue ao cérebro. Depois fechou os olhos maquinalmente, esperando cair no abismo.

Entretanto, o pássaro, assustado sem dúvida, tinha desaparecido.

Harry - quando justamente ia a largar a corda que sustinha apenas pela extremidade - sentiu-se agarrado fortemente e deposto sobre o solo com a criança desfalecida.

Foi então que, não podendo reagir aos acontecimentos, caiu sem sentidos nos braços dos seus companheiros.

CAPÍTULO XV

O GÉNIO BOM DA MINA

Umás horas depois, graças ao auxílio de Jack Ryan e dos seus homens, davam entrada na habitação do velho overman, o corajoso Harry, ainda com os sentidos perdidos, e a criança que ele arrancara do fundo do poço.

Jack Ryan contou então a Simão Ford o que o seu filho acabara de fazer, e a boa Madge apressou-se em rodear a pobre criança dos carinhos e cuidados que o seu estado de fraqueza ainda reclamava.

Harry supusera ter salvo uma criança. O filho do velho overman enganara-se nesse ponto. A criança era já uma rapariga de quinze para dezasseis anos. O seu olhar vago e cheio de espanto, o rosto magro e cavado pelo sofrimento, os cabelos de um louro que nunca um raio de luz iluminara, a figura suave e delicada, tudo nela enfim denunciava uma criatura extravagante e atraente ao mesmo tempo. Por isso o crédulo Jack Ryan não hesitou em compará-la com um duende de vago e simpático aspecto. Ou fosse devido a circunstâncias particulares que ninguém podia determinar, ou ao

meio excepcional em que até agora tinha vivido, esta rapariga não parecia pertencer completamente à humanidade. Era estranha a sua fisionomia. O seu olhar, fitando a custo a cintilação das luzes, estendia-se confusamente sobre os objectos que a rodeavam.

146

A mãe de Harry, para cuja cama tinham conduzido a recém-chegada, dirigiu-lhe então as primeiras perguntas. - Como te chamas? - perguntou a velha escocesa fitando-a com interesse.

- Nell(1) - respondeu a interrogada, parecendo voltar à vida depois de um letargo prolongado.

- E o que sentes agora, Nell? - acrescentou Madge. - Tenho fome - replicou esta. - Já não como vai para... vai para...

Por estas poucas palavras reconheceu-se que Nell não tinha o hábito de falar. A língua de que ela se servia era o velho gaélico, usado também muitas vezes por Simão Ford e os seus mineiros.

Em vista da resposta de Nell, a boa Madge foi buscar-lhe alguns alimentos. Nell estava literalmente morrendo de fome. Desde quando se encontraria ela perdida naquele abismo?

Ninguém poderia dizê-lo.

- Quantos dias estiveste no fundo do poço, minha filha? - perguntou Madge.

Nell não respondeu. Parecia não compreender a pergunta que lhe faziam.

- Há quantos dias? - replicou Madge.

- Dias?... - balbuciou Nell, para quem esta palavra parecia não ter o menor significado.

Depois abanou a cabeça, como faz qualquer pessoa que não entende o que se lhe pergunta.

Madge pegara nas mãos de Nell, acariciando-lhas suavemente para lhe dissipar todos os motivos de timidez que a jovem pudesse abrigar.

- Que idade tens, minha filha? - perguntou-lhe ela com a voz insinuante e o olhar cheio de bondade. Mesmo gesto negativo da parte de Nell.

- Quantos anos contas? - voltou a dizer-lhe Madge.

- Anos?... - exclamou Nell admirada.

*1. Diminutivo de Helena.

147

E esta palavra pareceu-lhe tão desconhecida como a palavra "dia", que havia pouco tinha ouvido.

Simão Ford, Harry, Jack Ryan e os seus companheiros contemplavam a pobre Nell com imenso dó e simpatia. O espectáculo desta infeliz rapariga, vestida apenas com uma grossa camisa de algodão e uma saia de serapilheira, devia decerto impressioná-los.

Harry sentia-se, mais do que nenhum outro, profundamente comovido. Chegou a ocasião de se aproximar também. Tomando o lugar que Madge acabava de ceder-lhe, e pegando nas mãos de Nell, começou por seu turno a fitá-la bem de frente. Os lábios de Nell esboçaram então uma espécie de sorriso.

Harry disse-lhe em seguida com brandura:

- Nell... vê se te recordas... No fundo daquele poço estavas tu só?

- Só! Só! - exclamou ela, num estado de violenta agitação.

A sua fisionomia denotava agora o terror. O olhar, que se tinha suavizado na presença de Harry, tornara-se intratável. - Só! Só! - tornou ela a bradar, deixando-se cair sobre a cama de Madge, como se as forças lhe faltassem de repente. - Esta pobre criança ainda está muito fraca para nos poder responder - observou Madge, depois de ter aconchegado a roupa. - Uma boa alimentação restituir-lhe-á dentro em pouco o vigor que ainda lhe falta. Anda, Simão, anda Harry. Venham todos, meus amigos. Deixemo-la em paz, que o sono há-de fazer-lhe bem.

Todos seguiram o conselho de Madge, e logo que Nell ficou só, apoderou-se dela uma profunda sonolência. Este acontecimento não podia deixar de produzir grande sensação, tanto na hulheira como no condado de Stirling, e até por todo o Reino Unido. A celebridade de Nell foi crescendo gradualmente.

148

A sua história foi mais falada do que se ela tivesse saído do meio de uma rocha xistosa, à semelhança desses seres antediluvianos que um golpe de picareta liberta do seu invólucro de pedra.

Nell, sem o saber, veio a estar muito na moda. As pessoas supersticiosas acharam neste acontecimento novo pasto às suas tendências para o maravilhoso. Jack Ryan, que pertencia a esse número, afirmava que Nell era o génio bom da Nova Aberfoyle. E quando assim se expressava diante do seu amigo Harry, este respondia-lhe:

- Quero admitir que tenhas razão. Mas nesse caso há-de concordar que há também um génio mau. Acredito que foi o génio bom quem nos socorrera e nos evitou de morrer à fome durante os dias que estivemos encerrados na hulheira. Não podia ser senão ele! Quanto, porém, ao génio mau... se ainda existe nestas profundezas - e estou certo de que existe! -, é indispensável que me encontre um dia com ele cara a cara.

Como é bem de supor, o engenheiro Jaime Starr foi dos primeiros a saber o que se tinha passado no fundo do poço. No dia seguinte, quando Nell já tinha recuperado as suas forças, apresentou-se-lhe Jaime Starr para interrogá-la com solicitude. O engenheiro percebeu logo que a infeliz rapariga desconhecia a maior parte das coisas da vida. Contudo verificou também que era inteligente embora lhe faltassem algumas das noções mais elementares. Via-se que não a tinham acostumado a dividir o tempo nem por horas nem por dias, e que até ignorava o sentido destas palavras. Além disso, os seus olhos, habituados a uma noite permanente, só a custo se familiarizavam com o fulgor dos discos eléctricos. Em compensação possuíam extraordinária agudeza quando estavam às escuras, e a sua pupila, imensamente dilatada, permitia-lhes verem no meio da mais profunda treva. Notou-se também que nunca recebera a menor impressão do mundo exterior, que nunca saíra da hulheira, e que para ela a humanidade em peso podia caber no fundo daquelas sombrias cavernas.

149

Saberia a infeliz Nell que fora dali havia céu, estrelas, campos e cidades, um universo enfim encerrando milhares de mundos? Era caso que oferecia dúvidas, enquanto certas palavras que ela ainda ignorava tomassem no seu cérebro uma significação mais precisa.

Com relação à maneira por que Nell vivia no fundo da Nova Aberfoyle, não conseguiu Jaime Starr o mais leve esclarecimento. Efectivamente, qualquer pergunta sobre semelhante assunto obrigava a pobre rapariga a uma crise de terror. Ou Nell não podia ou não queria responder. Em todo o caso, na sua estranha mudez parecia haver um mistério que só ela seria capaz de explicar.

- Queres viver connosco? - perguntou-lhe Jaime Starr. - Ou queres voltar para onde estavas?

À primeira destas perguntas apressara-se Nell em responder: "Quero". À segunda só replicou por um gesto de terror.

Em presença deste silêncio obstinado, Jaime Starr e Simão Ford não deixaram de experimentar uma certa apreensão. Lembravam-se das circunstâncias extraordinárias que tinham rodeado o descobrimento da nova hulheira. E, se bem que há três anos se não tivesse repetido nenhum incidente desagradável temiam contudo que de um momento para o outro lhes aparecesse alguma nova agressão do seu inimigo invisível. Em presença de tal receio decidiram que se explorasse largamente o poço misterioso. Foram eles próprios examiná-lo, bem armados e bem acompanhados. Mas debalde se procurou qualquer indício que levantasse uma suspeita. O poço comunicava com os andares inferiores da mina, escavados na camada carbonífera.

Jaime Starr, Simão e Harry falavam amiúde destas coisas. Se um ou muitos malfeitores existiam ocultos na hulheira, urdindo ciladas ou preparando traições, Nell não teria deixado de o confessar. Ela, porém, não dizia a esse respeito uma única palavra.

A menor alusão ao seu passado causava-lhe crises nervosas, e julgou-se conveniente não insistir em afligi-la. Talvez que o seu segredo viesse a escapar-se-lhe com o tempo.

Quinze dias depois da sua chegada, já Nell sabia dar volta a uma casa, ajudando neste ponto com vantagem a mãe de Harry. A boa rapariga sentia-se perfeitamente bem nesta habitação onde fora tão delicadamente acolhida. Para ser feliz bastava-lhe o convívio da família Ford. Pela sua parte, o velho Simão e Madge também já consideravam Nell como sua filha adoptiva. Nell era na realidade encantadora. A sua nova existência aumentava-lhe a formosura. Os primeiros dias de bem-estar começavam para ela agora. A gratidão que por isso dedicava aos seus benfeitores não conhecia limites. Madge também sentia por Nell um afecto maternal. O velho Overman seguiu de perto sua mulher nos mesmos sentimentos. Todos gostavam dela, enfim. O jovial Jack Ryan só lastimava uma coisa: não ter sido ele próprio o seu salvador. Desforrava-se, porém, disso, em cantar-lhe, e Nell, que nunca tinha ouvido cantar, achava muito bonita a voz de Jack.

Entretanto, às cantigas animadas de Jack Ryan, Nell ia preferindo as conversações mais instrutivas de Harry, sobre os diferentes objectos do mundo exterior.

Deve-se observar que, desde que Nell se mostrou sob a sua forma natural, as convicções de Jack Ryan a respeito de espíritos e duendes se sentiram

de certa forma abaladas. Além disso, passados dois meses, a sua credulidade sofreu nova e séria desilusão.

Por esse tempo, efectivamente, deu-se uma descoberta inesperada, que vinha explicar em parte a aparição das "Damas de Fogo" no castelo de Dundonald.

Um dia, depois de uma prolongada exploração na parte sul da hulheira, Harry conseguira trepar a Custo por uma apertada travessa, aberta num desvio da rocha xistosa.

151

De repente parou, e achou-se, Com grande surpresa, banhado pela luz do dia! A travessa, depois de subir obliquamente em direcção à superfície do solo, ia terminar precisamente nas ruínas de Dundonald-Castle. Existia portanto uma comunicação secreta entre a Nova Aberfoyle e a colina em que assentava o velho castelo. Essa comunicação, porém, era totalmente invisível do lado do castelo, em consequência da grande quantidade de pedras e de tojo que lhe tapavam a entrada. Ficava assim explicado o motivo por que a justiça não chegara a dar com ela quando se tratou da vistoria. Alguns dias depois, Jaime Starr, guiado por Harry, foi pessoalmente verificar esta disposição natural do jazigo hulheiro.

- Aqui temos uma circunstância que vem desvanecer as superstições da nossa gente - disse o engenheiro. - Foram-se os trasgos, os duendes e os espíritos sobrenaturais! - Creio que não devemos felicitar-nos por isso - respondeu

Harry. - Os que vieram substituí-los não são melhores, e talvez nos causem muito mais dano.

- Dizes bem, Harry - tornou Jaime Starr. - Mas que havemos de fazer? É fora de dúvida que os entes misteriosos que se escondem na mina comunicam por esta galeria com a superfície do solo. Foram eles sem dúvida que, de archote em punho, durante aquela noite de temporal, atraíram o "Motola" sobre a costa, dispondo-se a pilhar os despojos dos naufragos, se Jack Ryan e os seus companheiros não se encontrassem felizmente lá para impedirem essa barbaridade. Agora tudo se explica sem esforço. Cá está a entrada do covil onde se ocultavam os malfeitores. E ocultar-se-ão eles ainda nestes lugares? - Decerto, uma vez que Nell estremece toda quando se fala nisto - respondeu Harry com extrema convicção.

Harry parecia não se enganar. Se aqueles entes misteriosos tivessem já morrido ou abandonado a hulheira, que razão poderia apresentar Nell para justificar o seu silêncio?

152

Jaime Starr entretanto caprichava em descobrir este segredo. Ele bem via que o futuro da nova exploração dependia desse facto. Tomaram-se, pois, novamente as mais severas precauções. Preveniram-se os magistrados: Houve agentes da autoridade que foram rondar secretamente as ruínas de Dundonald-Castle. O próprio Harry passou algumas noites escondido entre os tojos que cercavam as ruínas do castelo.

Baldado empenho. Nada se pôde apurar. Nenhum ente humano tentou sair pela comunicação que descobrira o filho do velho Overman.

Chegou-se por fim à seguinte conclusão: que os malfeitores já se haviam retirado da hulheira, convencidos de que Nell morreria no fundo daquele poço onde a tinham talvez deixado. Antes da exploração, a hulheira podia-lhes oferecer um abrigo seguro contra as diligências da justiça. As circunstâncias, porém, estavam agora mudadas. O covil tornara-se impossível de guardar.

Em vistas destas suposições, assentou-se que não havia nada a rezear pelo futuro.

Todavia, Jaime Starr não estava completamente descansado nem tão-pouco Harry, que repetia muitas vezes:

- Nell achou-se com certeza envolvida em todo este mistério. Se ela não receasse alguma coisa grave, há muito que já se teria aberto connosco. Que vive feliz na nossa companhia é caso mais que certo. Sabe-se que nos estima a todos e que morre por minha mãe! Se insiste pois em calar-se com respeito ao passado e com respeito ao que poderia tranquilizar-nos para o futuro, é porque pesa sobre ela algum terrível segredo que a sua consciência lhe não permite revelar. Talvez que, mais por interesse nosso do que seu, julgue dever mostrar-se tão reservada!

Foi em virtude destas considerações que se combinou de comum acordo nunca mais conversar diante de Nell em assuntos que pudessem lembrar-lhe o seu passado.

153

Um dia, porém, Harry viu-se obrigado a falar a Nell no grande serviço que, segundo todas as probabilidades, tinha prestado ao engenheiro Starr, a seus pais e a ele próprio. Era um dia de festa. Os trabalhos haviam cessado tanto nas terras escocesas como nas entranhas das hulheiras. Os mineiros aproveitavam a folga em passeios e descantes. Pelas abóbadas sonoras da Nova Aberfoyle ressoava o eco de mil vozes festivas.

Harry e Nell tinham saído de casa e seguiam a passos vagarosos a margem esquerda do lago Malcolm. Naquele ponto projectavam-se com menos violência os discos eléctricos, e os seus raios vinham quebrar-se caprichosamente nos ângulos de alguns rochedos pitorescos. Os olhos de Nell, que dificilmente se habituavam à luz, sentiam-se mais à vontade no meio daquela penumbra.

Depois de uma hora de passeio, Harry e Nell pararam em frente da capela de São Gilles, numa espécie de terraço natural que dominava as águas do lago.

- Nell, os teus olhos ainda não estão habituados à claridade
- disse Harry. - Decerto não poderiam suportar o brilho do sol.
- Assim o creio - respondeu Nell. - E o Sol é na verdade como tu mo tens pintado, Harry?
- Por mais que dissesse, eu não podia dar-te uma ideia exacta do seu esplendor, nem das belezas desse universo que tu ainda não viste. Mas diz-me, Nell, é possível que, desde que nasceste nas profundezas desta hulheira, nunca subisses à superfície da terra?
- Nunca! - respondeu Nell. - E não creio mesmo que em pequena meus pais me levassem lá acima alguma vez. Se assim fosse, teria conservado com certeza alguma lembrança do que vira.
- Acredito - replicou Harry. - De resto, nesse tempo as comunicações com a terra eram difíceis. Conheci muitos rapazes e raparigas que na tua idade ignoravam ainda o que tu ignoras em relação ao mundo exterior. Agora,

porém, o caminho de ferro do grande túnel transporta-nos em alguns minutos à superfície do condado. Tomara já ouvir-te dizer:

154

"Vamos, Harry, os meus olhos já podem suportar a luz do dia. Quero ver o Sol! Quero ver a obra do Criador!"

- E não tardará que me ouças essas palavras, Harry. Espero que dentro em pouco irei contigo admirar esse mundo exterior.

Todavia...

- Todavia o quê? - atalhou Harry com vivacidade. - acaso terias saudades de deixar o sombrio abismo em que se passaram os teus primeiros anos, e donde te tirámos quase morta? - Não, Harry - respondeu Nell. - Estava a pensar que a treva também tem os seus encantos. Se tu soubesses o que podem ver olhos a elas habituados! Há sombras que deslizam rapidamente, e que nós quereríamos seguir na sua impalpável carreira.

Outras vezes são milhares de círculos que se cruzam diante do nosso olhar, formando um espectáculo fantástico e extravagante. No fundo da hulheira existem negras cavidades cheias de vagos reflexos. De longe em longe ouve-se um ruído que nos fala, um som indefinido que se lamenta como um suspiro. Ah! Harry! é preciso ter vivido nas sombras para compr eender o que eu sinto e que não sei explicar-te.

- E não sentias medo quando te encontravas só?

- Harry - respondeu Nell -, era justamente quando estava só que eu não tinha medo.

A voz de Nell havia denunciado uma certa comoção ao pronunciar estas palavras. Harry entendeu que a devia apertar com perguntas, e nesse sentido ponderou-Lhe:

- Mas não receavas perder-te nessas compridas galerias?

- Não, Harry. Desde muito pequena que me habituei a percorrer todos os recantos da nova hulheira.

- E nunca saías dela?

155

- Saía... algumas vezes... - respondeu Nell com hesitação! - Algumas vezes atrevia-me a ir até às antigas minas de

Aberfoyle.

- Conhecias então onde ficava a nossa morada?

- Conhecia, mas só muito de longe aqueles que nela viviam.

- Eram meus pais - respondeu Harry -, eu próprio, Nell. A minha família não quis nunca deixar a antiga hulheira.

- E contudo fora melhor tê-la deixado! - balbuciou Nell. - Porquê? - observou Harry. - Pois não foi à nossa persistência em habitá-la que se deveu o descobrimento do novo jazigo? E este descobrimento não trouxe como resultado o trabalho para tantos braços, o bem-estar para tantas famílias, o próprio repouso para ti, que vieste encontrar entre nós as mais sinceras afeições?

- Afeições que não esquecerei jamais, suceda o que suceder!

- respondeu Nell calorosamente. - Quanto, porém, ao bem-estar de que falas... - Que queres tu dizer?

- Nada!... Nada!... Mas de princípio havia grande perigo em penetrar na nova hulheira. Oh!, decerto... grande perigo! - Um dia, Harry, alguns imprudentes atreveram-se a entrar nesses abismos. Adiantaram-se muito! Foram longe... tão longe que se perderam por fim...
- Perderam-se? - disse Harry, olhando de frente para Nell.
- Sim... perderam-se... - respondeu Nell com a voz já trémula. - Apagaram-se-lhes a lanterna! Não puderam atinar com o caminho, e...
- E, encarcerados ali por espaço de oito dias intermináveis
- exclamou Harry -, estiveram quase que a sucumbir! E sem um anjo que Deus lhes mandou, sem um protector invisível que lhes trazia algum alimento às escondidas, sem um guia misterioso que mais tarde conduziu até eles os seus libertadores, esses infelizes nunca teriam saído do seu tenebroso encerro!

156

- E como sabes tu isso? - perguntou Nell.
- Porque esses infelizes éramos nós! Eu, meu pai, minha mãe e Jaime Starr! Nell, erguendo a cabeça, pegou na mão de Harry e fixou-o com tal insistência que este sentiu-se perturbado até ao fundo mais íntimo da sua alma. - Eras tu! - exclamou ela.
- Era - tornou Harry depois de um momento de silêncio-, e aquele anjo, a quem devemos a vida, eras tu, Nell! Não podia ser outro senão tu! Nell, sem responder, deixou cair a cabeça entre as mãos.
- Harry nunca a tinha visto, como agora, tão profundamente impressionada.
- Aqueles que te salvaram, Nell - acrescentou Harry com a voz comovida -, não chegam sequer a pagar-te a sua dívida de gratidão. E pensas tu que eles possam jamais esquecer o muito que te devem?

CAPÍTULO XVI

PROJECTOS E CONFIDÊNCIAS

Os trabalhos de exploração da Nova Aberfoyle caminhavam entretanto com feliz resultado. Escusado é dizer que o engenheiro Jaime Starr e Simão Ford - como primeiros descobridores deste rico depósito carbonífero - participavam largamente dos seus lucros. Harry tinha-se tornado pois um bom casamento para qualquer rapariga. Ele, porém, não pensava em deixar a mina. Substituía seu pai nas funções de overman, e vigiava com extrema assiduidade aquele mundo de mineiros.

Jack Ryan sentia-se orgulhoso e contente de ver o seu amigo tão bafejado pela fortuna. Do seu lado, os negócios também não lhe corriam mal. Os dois companheiros encontravam-se repetidas vezes, quer no fundo da mina, quer em casa de Simão Ford. Jack Ryan já notara a inclinação que Harry sentia por Nell. Harry não dizia nada, mas Jack Ryan, com o seu riso aberto e de bom quilate, zombava do seu companheiro, quando este pretendia ocultar-lhe a verdade.

Deve dizer-se que um dos mais ardentes desejos de Jack Ryan era também poder acompanhar Nell, quando ela fosse ver pela primeira vez o mundo exterior. Queria assistir ao espanto e ao enleio que devia produzir em Nell a contemplação da Natureza.

158

Contava que Harry não deixaria de o convidar para este passeio. Contudo, o seu amigo ainda até agora não lhe fizera semelhante convite - o que não deixava de o trazer de certa forma inquieto.

Um dia, Jack Ryan encaminhava-se para um dos poços de arejamento, pelo qual os andares inferiores da hulheira comunicavam com a superfície do solo. O alegre moço tinha-se colocado numa dessas escadas que, levantando-se e abaixando-se em virtude de sucessivas oscilações, evitam completamente o cansaço quer a subir, quer a descer. Vinte oscilações daquele aparelho tinham-no já feito descer perto de cento e cinquenta pés, quando, sobre um dos estreitos patamares onde parara, deu de frente com o seu amigo Harry, que vinha acima examinar os trabalhos de contramina.

- És tu? - disse Jack, olhando para o seu companheiro, a quem o brilho das lanternas eléctricas do poço deixava os contornos bem desenhados.

- Sou eu, Jack - respondeu Harry -, e folgo de te encontrar.

Tenho a propor-te uma coisa.

- Não quero ouvir nada enquanto me não deres notícias de Nell - replicou Jack Ryan.

- Nell vai bem, Jack, e tão bem que, dentro de um mês ou seis semanas, conto...

- Contas casar com ela?

- Tu não sabes o que dizes, Jack!

- Assim será, Harry, mas lá para diante sei perfeitamente o que hei-de fazer. - E o que hás-de tu fazer?

- Pedi-la em casamento, visto que tu a não queres para companheira! - replicou Jack desatando a rir. - Valha-me São Mungo, nosso patrono!... É que me agrada a pequena, palavra de honra! Uma criatura que nunca saiu da mina é a melhor noiva que se pode escolher para um mineiro! É órfã como eu, e se não repelir a minha corte, estamos aqui, estamos para sempre unidos como dois pombinhos!

159

Harry olhava com gravidade para Jack, deixando-o falar, e sem mesmo pensar em responder-lhe.

- O que eu te disse não te causa ciúmes? - perguntou Jack Ryan com um tom de voz um pouco mais sério.

- Não - respondeu Harry serenamente.

- Entretanto, se não queres que Nell seja tua mulher, também não deves querer que ela fique solteira toda a vida? - Eu não dirijo as acções de Nell - tornou Harry. Uma oscilação da escada veio interromper neste ponto os dois amigos, permitindo que ambos se separassem, um para descer, outro para subir. Eles, porém, deixaram-se ficar no mesmo sítio.

- Olha lá, Harry - respondeu Jack Ryan -, tomaste a sério o que eu disse a respeito de Nell? - Não, Jack - respondeu Harry.

- Pois então prepara-te, que vou agora falar-te com muita gravidade. - Quem, tu?
- Eu sim - tornou Jack Ryan. - Não me julgarás capaz de dar um bom conselho a um amigo?
- Lá isso, julgo.
- Então ouve. Tu amas Nell com todo o amor de que é digno aquele excelente coração. Teu pai e tua mãe amam-na igualmente como filha. Ora da tua parte pouco resta a fazer para que ela se torne verdadeiramente sua filha. Porque não casas, pois, com ela?
- Porque me falas desse modo? - respondeu Harry. - Conheces porventura quais são as intenções de Nell?
- Ninguém já as ignora, nem tu mesmo, Harry. E aí está porque não tens ciúmes de mim, nem dos outros. Acabemos, porém, a conversa, que aí faz a escada outra oscilação, e... - Espera, Jack - disse Harry, segurando o seu companheiro que já tinha levantado um dos pés para o firmar sobre o degrau movediço.

160

- Toma cuidado, Harry! - declarou Jack às gargalhadas. - Por pouco que não me ias fazendo cair!
 - Chegou também a minha vez de te falar sério - disse Harry.
 - Pois fala, mas olha que, ao primeiro movimento da escada, vou-me embora.
 - Não devo ocultar-te que amo Nell - disse Harry. - O meu maior desejo é dar-lhe o nome de esposa.
 - Muito bem.
 - Mas, em atenção ao seu estado actual, tenho um certo escrúpulo de consciência quando me lembro que Lhe hei-de falar em casamento.
 - Não te entendo, Harry.
 - Vais entender-me. Nell nunca saiu destas profundezas. onde certamente nasceu. Não sabe nada, não conhece nada do que vai pelo mundo. Tem tudo a aprender por intermédio dos olhos, e quem sabe até se do coração. Ainda é um mistério o que se há-de passar no fundo da sua alma, quando novas impressões lhe vierem ferir a vista. Nell ignora o que é a terra; parece-me pois que seria um abuso condená-la a viver sempre aqui dentro, antes de ela saber se a vida exterior lhe agrada mais.
- Compreendeste-me, Jack?
- Vagamente... O que eu compreendo melhor é que ainda vais fazer com que eu não aproveite a primeira oscilação. - Jack - respondeu Harry com gravidade -, ainda que estas escadas não tornassem a servir mais, ainda que este patamar tivesse de faltar-nos debaixo dos pés, juro-te que me há-de ouvir até ao fim!
 - Ora aí está o que é falar claro! Dizias-me então que, antes de casares com a encantadora Nell, pretendes mandá-la educar como pensionista nalgum colégio da "Velha Denegrída?" - Não é isso, Jack - respondeu Harry. - Para a educação da que deve ser um dia minha mulher, basto eu!
 - É o melhor que tens a fazer - disse Jack Ryan.

161

- Mas antes de lá chegarmos - prosseguiu Harry -, quero, como já te disse, que Nell possa formar uma ideia exacta do mundo exterior. Façamos uma

- comparação, Jack. Se porventura amasses uma rapariga cega e se te viessem dizer que dentro de um mês ela havia de recuperar a vista, não esperarías tu, para casar com ela, que a cura se realizasse?
- Com toda a certeza que esperava! - respondeu Jack Ryan.
 - Pois, meu amigo, Nell está cega por enquanto, e, antes de lhe dar o meu nome, quero que saiba quem eu sou e se lhe agradam as condições de vida que Lhe ofereço. Quero, numa palavra, que os seus olhos se abram rasgadamente à luz do dia.
 - Muito bem, Harry, muito bem! - exclamou Jack Ryan. - Compreendo agora a tua ideia. E quando se efectuará a operação?
 - Dentro de um mês, Jack - respondeu Harry. - Os olhos de Nell vão-se pouco a pouco habituando ao fulgor dos nossos discos. É já meio caminho andado. Dentro de um mês espero que possam fitar a terra e as suas maravilhas, o céu e os seus esplendores! Por essa ocasião poderá Nell verificar que Deus concedeu ao olhar humano horizontes mais largos do que aqueles que se encontram nas entranhas de uma hulheira! Ela se convencerá então de que o universo não tem limites! Enquanto Harry se deixava assim levar pelos ímpetos da sua imaginação, Jack Ryan saltara do patamar para o degrau oscilante do aparelho.
 - Olá, Jack! - bradou Harry. - Onde estás tu?
 - Por baixo de ti - respondeu a rir o moço folgazão. - Enquanto tu te elevas aos infinitos, desço eu aos abismos!
 - Adeus, Jack! - respondeu Harry, agarrando-se por seu turno à escada que vinha para cima. - Peço-te que não fales a ninguém do que te disse há pouco.

162

- Descansa! - gritou-lhe Jack Ryan. - Mas imponho uma condição. - Qual?
 - Que eu hei-de acompanhar-te a primeira vez que levores Nell à superfície da terra.
 - Está combinado - respondeu Harry.
- Um novo impulso do aparelho veio estabelecer um maior intervalo entre os dois amigos. Qualquer deles já mal poderia ouvir o que o outro dissesse. Contudo, Harry ainda chegou a distinguir a voz de Jack Ryan, que gritava lá do fundo: - E quando Nell já tenha visto a Lua, o Sol e as estrelas, sabes o que ela há-de continuar ainda a preferir?
- Não sei, Jack!
 - A tua pessoa, maganão! Sempre a tua pessoa!
- E a voz de Jack Ryan sumiu-se de todo nas profundidades da hulheira.

Harry, entretanto, ia consagrando à educação de Nell as suas horas de repouso. Ensinou-lhe assim a ler e a escrever, coisas que ela aprendia com extrema facilidade. Dir-se-ia que tinha o instinto da instrução. Nunca se vira tão viva inteligência triunfar em tão pouco tempo de tão completa ignorância. A todos causava admiração esta assombrosa facilidade. Simão Ford e sua mulher cada vez se sentiam mais amigos desta filha adoptiva, cujo passado não deixava contudo de os preocupar. Tinham já percebido quais os sentimentos que Harry nutria por Nell, e não lhes fora desagradável essa descoberta. Não esqueceu ainda aos leitores que, por ocasião do engenheiro Jaime Starr ir visitar a travessa Dochart, dissera o velho overman:

- Para que se havia de casar meu filho? Que mulher lá de cima poderia convir a um rapaz, que tem de passar a vida no fundo de uma hulheira?

Pois não parecia agora que a Providência se tinha incumbido de lhe deparar a única e dedicada companheira que podia convir a seu filho? Não deveria considerar-se como um favor do céu semelhante achado?

164

Por isso o velho mineiro prometia a si mesmo que, se este casamento chegasse a realizar-se, havia de haver nesse dia em Coal-City uma festa de dar brado entre a população mineira da Nova Aberfoyle.

E Simão Ford não era homem para faltar à sua palavra.

Deve-se acrescentar ainda que havia outra pessoa não menos interessada nesta união de Nell e Harry. Era o engenheiro Jaime Starr, que estimava muito do coração a felicidade daqueles dois entes. Outra circunstância, porém de ordem mais superior, influía talvez no ânimo do engenheiro para ele desejar o bom termo destes amores.

Sabe-se que Jaime Starr conservava ainda certas apreensões, se bem que nada as justificasse presentemente. Dizia ele que era possível tornar-se a dar o que já se realizara mais de uma vez. Na sua opinião, Nell devia estar ao facto do mistério da nova hulheira. Ora, se o futuro ainda reservava outros perigos aos mineiros de Aberfoyle, como se podiam eles conjurar, ignorando-se a causa de quem os promovia?

- Nell tem-se obstinado em guardar silêncio - repetia muitas vezes Jaime Starr. - Mas o que ela até aqui não disse a ninguém, há-de forçosamente contá-lo a seu marido. O perigo que nos ameaçasse a nós, não deixaria também de o ameaçar a ele. Um casamento, portanto, que reunisse à ventura dos noivos o sossego e o bem-estar dos seus amigos, seria um bom casamento ou neste mundo não havia casamentos bons! Assim raciocinava, não sem alguma lógica, o engenheiro Jaime Starr. O velho Simão não deixava também de achar muito aceitável este raciocínio. Parecia, pois, que nada se devia opor à união de Harry com a sua querida Nell. E quem poderia opor-se? Harry e Nell amavam-se reciprocamente.

165

Madge e Simão Ford não queriam outra noiva para seu filho. Os companheiros de Harry invejavam-lhe a felicidade, reconhecendo contudo que era digno dela o seu actual overman. Nell não dependia de ninguém, e só tinha a consultar o seu próprio coração.

Mas se ninguém tinha poder para obstar a este casamento, porque é que apenas se apagavam os discos eléctricos nesta cidade de operários, porque é que apenas os habitantes de Coal-City se retiravam às suas casas para repousar, surgia de um dos mais sombrios recantos da Nova Aberfoyle um ente misterioso, escoando-se por entre as sombras? Que instinto guiava este fantasma através de certas galerias tão estreitas, que ninguém poderia imaginá-las acessíveis? Porque vinha arrastando-se até às margens do lago Malcolm este ser estranho, cujo olhar penetrante parecia rasar as mais profundas trevas? Porque se dirigia ele à residência de Simão Ford, e tão cautelosamente que passava sempre despercebido?

Porque se aproximava das janelas, procurando surpreender palavras soltas por entre as fendas dos postigos? E quando sucedia chegarem até ele algumas frases, porque levantaria o punho cerrado, em sinal de ameaça, contra aquela tranqüila habitação? Porque, finalmente, se lhe soltariam dos lábios, contraídos pela cólera, estas únicas palavras:

- Unidos os dois!... Nunca! Nunca!...

CAPÍTULO XVII

O CÉU E A TERRA

Um mês depois, era ao anoitecer do dia 20 de Agosto, Madge e Simão Ford despediam-se afectuosamente de quatro viajantes, que se propunham a sair da mina.

Jaime Starr, Harry e Jack Ryan iam enfim mostrar a Nell uma terra, que os seus pés não tinham ainda pisado, uma terra de que os seus olhos ainda não haviam visto os esplendores.

A excursão deveria prolongar-se por dois dias. Jaime Starr, de acordo com Harry, queria que, depois de decorridas estas quarenta e oito horas, Nell tivesse presenciado os diferentes aspectos do globo, fazendo-se-lhe para esse fim contemplar um variadíssimo panorama de cidades, planícies, montes, rios, golfos, lagos e mares.

Ora, nesta parte da Escócia, compreendida entre Edimburgo e Glásgua, parecia que a natureza se encarregara de reunir todas as maravilhas terrestres. Com relação ao céu, fácil seria admirar-lhe de qualquer parte o seu manto de nuvens cambiantes e o seu cortejo de astros luminosos.

A projectada excursão fora combinada de modo que satisfizesse a todas as condições do programa. Madge e Simão Ford ter-se-iam decidido a acompanhar os viajantes, se os não contrariasse tanto a ideia de deixarem ainda mesmo por pouco tempo a sua querida e subterrânea habitação.

Jaime Starr ia a este passeio como observador e filósofo que desejava estudar de perto, sob o ponto de vista psicológico, as ingénuas e cândidas impressões de Nell. Quem sabe até se ele não esperaria surpreender em parte os misteriosos acontecimentos que deviam ter cercado a infância da pobre menina.

Harry não deixava de se preocupar com a ideia desta experiência, temendo que Nell se lhe apresentasse depois bem diferente do que até ali tinha sido.

Pela sua parte, Jack Ryan sentia-se mais alegre e satisfeito que um pássaro a quem soltassem da gaiola. O bom do rapaz confiava que a sua contagiosa alegria se comunicasse aos outros companheiros. Seria a melhor maneira de agradecer o quinhão que lhe coubera neste agradável passeio. Nell conservava-se pensativa e concentrada.

Jaime Starr tinha resolvido, não sem fundamento, que só muito depois do Sol posto se devia sair da mina. Prevenção acertada, para que Nell fosse gradual e insensivelmente passando das trevas da noite aos esplendores do dia. Efectivamente, desta forma poderia Nell atravessar sem esforço todas as fases sucessivas de sombra e luz, às quais se iria pouco a pouco habituando o seu olhar.

- No momento de sair da hulheira, Nell pegou na mão de Harry e disse-Lhe:
- Harry, é pois indispensável que eu saia destes lugares, ainda que seja só por pouco tempo?
 - Sim - respondeu Harry. - Tão indispensável por ti, como por mim.
 - Entretanto, meu amigo - ajuntou Nell -, desde que tu me salvaste a vida, julgo-me aqui tão feliz, que não ambiciono mais nada. Era ignorante, fizeste-me Instruída. Não bastará isso? Que tenho eu que ir fazer lá acima?

168

Harry fitou-a sem lhe responder. Os sentimentos que Nell expressava eram por assim dizer exactamente os seus. - Compreendo a tua hesitação, minha filha - ponderou Jaime Starr -, mas acho útil que venhas connosco: Os teus companheiros são pessoas que te estimam, e que não te vão deixar lá por cima toda a vida. Que tu depois queiras continuar a viver aqui, à semelhança do velho Simão, de Madge e de nós todos, ninguém to leva a mal. Creio até que sejam essas as tuas intenções, e eu sou dos primeiros a louvar-tas. Mas, realizando esta excursão, ficarás habilitada a saber em consciência o que é que tu preferes. Portanto não tens remédio senão sujeitares-te ao nosso projecto.

- Vem, vem, minha querida Nell - disse Harry.
- Estou pronta a seguir-te, Harry - respondeu Nell.

Eram nove horas quando Nell e os seus companheiros partiram para a superfície do condado pelo último comboio do túnel. Vinte minutos depois entraram todos na gare do entroncamento, que estava em comunicação directa com a Nova Aberfoyle, e fazia parte da linha férrea entre Dumbarton e Stirling. A noite já tinha caído de todo. Do horizonte ao zénite ainda corriam pelas alturas do céu alguns ligeiros vapores, impelidos por uma brisa de noroeste, que refrescava a atmosfera.

O dia tinha estado esplêndido. A noite prometia também ser formosa.

Chegados a Stirling, Nell e os seus companheiros apearam-se do vagão, saindo logo da gare.

Em frente deles, por entre renques de árvores frondosas, abria-se uma estrada que ia dar às margens do Forth. A primeira impressão física por que passou Nell foi a do ar puríssimo, que os seus pulmões aspiraram com avidez.

169

- Respira à vontade, Nell - disse-Lhe Jaime Starr. - Aspira este ar abundante de todos os perfumes vivificadores que os campos encerram.
- Que rolos de fumo são aqueles que passam por cima das nossas cabeças? - perguntou Nell.
- São as nuvens - respondeu Harry -, são os vapores meio condensados que o vento leva para o ocidente.
- Ah!, meu Deus! - exclamou Nell. - Como eu gostava de ser arrebatada no meio daquele silencioso turbilhão! E que pontos cintilantes são aqueles que brilham no espaço onde não há nuvens?

- São as estrelas de que te falei, Nell. São as infinidades de sóis que representam outros tantos centos de mundos, talvez iguais ao nosso!

As constelações desenhavam-se agora nitidamente sobre o azul-escuro do céu, que o vento ia pouco a pouco purificando. Nell fitava embevecida esses milhares de estrelas brilhantes que resplendiam por todo o firmamento.

- Mas - observou Nell - se tudo aquilo são diferentes sóis, como se compreende que os meus olhos possam impunemente suportar-lhes o brilho?

- porque todos esses sóis - respondeu Jaime Starr - gravitam a uma enorme distância. O mais próximo desse número infinito de astros, cujos raios chegam até nós, é a estrela Vega, da constelação a Lira, que tu vês, quase chegada ao zénite, e que ainda assim dista da Terra cinquenta mil milhares de milhões de léguas. O seu brilho não pode portanto fazer-te impressão à vista. Mas já não acontece o mesmo com o Sol, pois, apesar de estar apenas a trinta e oito milhões de léguas, o seu foco luminoso é tão ardente que ninguém pode fitá-lo. Mas vamos, Nell, vamos para diante.

A esta indicação todos se puseram a caminho. Jaime Starr levava Nell pela mão, Harry ia junto de Nell, Jack Ryan ora avançava, ora tornava para trás à semelhança dos cãesinhos que se impacientam pelo andar vagaroso de seus donos.

170

A estrada estava deserta. Nell demorava-se a olhar para o contorno das grandes árvores que o vento agitava na sombra. Essas árvores pareciam-lhe gigantes movendo os seus braços colossais. O sussurro da brisa nas altas ramarias, o profundo silêncio que depois se sucedia a esses vagos gemidos, a linha do horizonte destacando-se mais pronunciadamente quando a estrada seguia por uma planície, todas estas circunstâncias enfim despertavam no espírito de Nell novos sentimentos, produziam-lhe indeléveis impressões. Depois das naturais perguntas, Nell calava-se, e todos de comum acordo ficavam silenciosos. Os seus companheiros não queriam de forma alguma influenciar aquela sensível imaginação. Preferiam que as ideias se lhe fossem desenvolvendo espontaneamente. Pelas onze e meia da noite chegavam os quatro viajantes à margem setentrional do golfo de Forth.

Esperava-os ali um barco, antecipadamente fretado por Jaime Starr, que devia conduzi-los ao porto de Edimburgo.

Nell pôs-se a olhar para o límpido lençol de água que ondulava a seus pés sob a acção da maré, e que parecia constelado de estrelas oscilantes. - É um lago? - perguntou ela.

- Não é um lago - respondeu Harry -, é um vasto golfo de águas correntes, é a foz imensa de um rio, quase um braço de mar. Apanha com a mão uma pouca dessa água, e verás que não é doce como a do lago Malcolm.

Nell abaixou-se, meteu uma das mãos na superfície do golfo, e levou-a depois aos lábios. - É salgada esta água - disse ela.

- É - respondeu Harry. - O mar refluíu até aqui, porque está cheia a maré. Três quartas partes do nosso globo acham-se cobertas dessa água salgada que tu acabaste de provar.

171

- Mas porque é então doce a água dos rios, sendo ela a mesma que as nuvens tiram do mar e depois lançam na terra? - perguntou Nell.
- Porque a água perde o sal quando se evapora. As nuvens formam-se pela evaporação, e devolvem ao mar na forma de chuva essa água doce que de lá saiu salgada.
- Harry! Harry! - bradou Nell. - Que clarão é aquele avermelhado que ilumina o horizonte? Será por acaso alguma floresta em chamas?
E Nell mostrava com o dedo um ponto do céu para o lado leste, que se tingia de vermelho.
- É a Lua, Nell - respondeu Harry. - É a Lua que está a nascer.
- A Lua, sim! - acrescentou Jack Ryan. - Uma soberba salva de prata que os génios celestes fazem circular no espaço para recolher dentro dela um farto donativo de estrelas. - Ora esta! - respondeu a rir o engenheiro. - Não te conhecia essa queda para as comparações arrojadas.
- A minha comparação é verdadeira, senhor Starr. Pois não vê que as estrelas desaparecem à medida que a Lua avança? É porque lhe vão caindo no regaço!
- É porque o brilho da Lua ofusca as estrelas de sexta grandeza, deixando-as sumidas na sua passagem - respondeu o engenheiro.
- Como tudo isto é belo! - exclamava Nell, que só tinha olhos para admirar. - Eu supunha que a Lua era completamente redonda.
- Redonda quando está cheia - respondeu Jaime Starr. - Isto é, quando se acha em oposição com o Sol. Hoje, porém, a Lua entra no quarto minguante, já tem um bocado de menos, e actualmente a salva de prata do nosso amigo Jack não passa de uma bacia de barba!
- Ah!, senhor Starr - retorquiu Jack Ryan desapontado. - Que feia comparação! Agora que eu ia entoar uns versos em homenagem à Lua! Mas qual!... Foi-se tudo! A sua bacia de barba cortou-me a inspiração!
A Lua ia-se, entretanto, levantando no horizonte.

Diante dela desfaziam-se os últimos vapores. Para os lados do zénite e do ocidente brilhavam ainda as estrelas sobre um fundo negro, que o luar ia gradualmente branqueando. Nell contemplava em silêncio tão admirável espectáculo. Os seus olhos suportavam sem fadiga esta luz suave e prateada, mas as suas mãos estremeciam entre as de Harry, traduzindo as comoções que a voz não expressava.

- Embarquemos quanto antes, meus amigos - disse Jaime Starr. - precisamos estar no alto do Arthur-Seat antes de o Sol começar a nascer.

O barco estava junto da praia, amarrado a uma estaca. Tripulava-o um homem só. Nell e os seus companheiros entraram para ele e sentaram-se. Armou-se a vela, e o barco principiou a deslizar, auxiliado fortemente por uma brisa de noroeste.

Que nova comoção se apoderava agora de Nell! Tinha já navegado nos lagos da Nova Aberfoyle, mas o remo, por mais brandamente que o manejasse o braço de Harry, denunciava sempre o esforço do remador. Aqui, pelo contrário, Nell sentia-se resvalar quase que imperceptivelmente, como se fosse fendendo os ares levada por um balão. O golfo tinha a uniformidade de um lago. Meio encostada para trás, Nell ia-se agradavelmente habituando a este ligeiríssimo balanço. Por instantes vinha um raio da Lua beijar a face do golfo, e Nell supunha-se então sobre uma superfície de prata recamada de cintilações. A quilha da embarcação, cortando as águas,

deixava após si um rasto luminoso, que mais aumentava a beleza deste quadro. Era um verdadeiro deslumbramento. Sucedeu então que os olhos de Nell se fecharam involuntariamente. Apoderou-se dela uma espécie de modorra passageira. Inclinou a cabeça sobre o ombro de Harry, e deixou-se adormecer suavemente.

Harry queria acordá-la para que não perdesse nenhuma das belezas desta noite esplendorosa.

173

- Deixa-a dormir, meu rapaz - disse-lhe o engenheiro -, Duas horas de repouso são-lhe proveitosas para melhor poder suportar as impressões do dia.

Às duas horas da manhã chegava a embarcação ao cais de Granton. Nell abriu os olhos no momento em que se acabava de atracar.

- Estive a dormir - perguntou ela.

- Não estiveste, minha filha - respondeu Jaime Starr. - Imaginaste que dormias, mas foi engano.

A noite estava muito clara. A Lua, a meio caminho do horizonte para o zénite, espalhava por todos os pontos do firmamento os seus raios argentinos. O pequeno porto de Granton continha apenas dois ou três barcos de pesca, docemente balouçados pelas ondas do golfo. A brisa ia abrandando com a aproximação da manhã. A atmosfera, limpa de nuvens, prometia um desses deliciosos dias de Agosto, que a vizinhança do mar ainda torna mais belos. Do fundo do horizonte destacava-se uma espécie de vapor tépido, tão fino, tão transparente que bastariam para sorvê-lo os primeiros raios do Sol.

Nell pôde observar o aspecto do mar, quando ele se confunde com o extenso perímetro do céu, e a sua vista adquiriu assim maior alcance, embora não experimentasse aquela impressão particular que produz o oceano, quando a luz parece alongar-lhe indefinidamente os limites.

Harry pegou na mão de Nell. Ambos seguiram atrás de Jaime Starr e de Jack Ryan, que iam percorrendo ruas silenciosas. Na opinião de Nell, este arrabalde de Edimburgo, formado por um ajuntamento de casas, fazia-lhe lembrar Coal-City, com a diferença porém de ter uma abóbada mais elevada e toda ela recamada de pontos luminosos.

Nell caminhava depressa, e Harry nunca teve de abrandar o passo com receio de poder fatigá-la.

- Não estás cansada - perguntou-lhe ele depois de meia hora de caminho.

174

- Não estou - respondeu Nell. - Parece que os meus pés não tocam no chão. Este céu está na realidade tão alto que o meu desejo seria voar para ele se tivesse asas!

- Segura-a!... - gritou Jack Ryan. - Que temos de dar conta dela! Eu também sinto o mesmo desejo de voar, quando passo muito tempo sem sair da mina.

- É a consequência - ponderou Jaime Starr - de não estarmos aqui comprimidos pela abóbada de xisto que serve de tecto a Coal-City! O

firmamento faz-nos o efeito de um grande abismo, em que a gente deseja precipitar-se. Não é isso que tu estás a experimentar, Nell?

- É isso, é isso justamente, senhor Starr. Sinto assim uma espécie de vertigem!

- Tu te acostumarás - respondeu Harry. - Hás-de habituar-te a esta imensidade do mundo exterior, e talvez chegues mesmo a esquecer o fundo da nossa hulheira!

- Isso nunca - replicou Nell.

E em seguida tapou os olhos com as mãos, como se quisesse avivar no seu espírito a lembrança do que deixara ainda havia poucas horas.

Por entre as ruas desertas da cidade, Jaime Starr e os seus companheiros atravessaram Leith-Walk. Depois rodearam

Calton-Hill, onde existem o Observatório e o monumento de Nelson. Seguiram pela Rua do Regente, atravessaram uma ponte, e chegaram, por um rodeio, à extremidade da Canongate. A cidade continuava ainda completamente adormecida. Ao mesmo tempo ouviam-se bater duas horas na torre gótica de

Canongate-Church.

Ao chegarem aqui, Nell parou um momento.

- Que massa confusa é aquela que estou ali a ver? - perguntou -ela, apontando para um edifício isolado, que se erguia no fundo de uma pequena praça.

- Aquilo, Nell - respondeu Jaime Starr -, é o palácio dos antigos soberanos da Escócia, é Holyrood, onde se passaram tantos casos de sinistra memória! O historiador poderia ali evocar as sombras de muitas personagens reais, desde a infeliz Maria Stuart até ao destronado rei de França, Carlos X!

E todavia, apesar de tão sinistras recordações, quando romper o dia tu verás, Nell, que nada tem de lúgubre aquela residência. Çem as suas quatro formidáveis torres ameadas, Holyrood faz lembrar um castelo mandado construir por algum milionário, segundo o estilo da época feudal. Continuemos porém a nossa excursão. Ali, no próprio recinto da antiga abadia de Holyrood, é que se levantaram os soberbos rochedos de Salisbury, dominados pela colina do Arthur-Seat. É ali que nós havemos de ir. É daquele alto, Nell, que os teus olhos hão-de ver levantar-se o Sol acima do horizonte do mar. Jaime Starr e os seus companheiros entraram no Parque do

Rei. Depois, começando gradualmente a subir, atravessaram Victoria-Drive, magnífica estrada circular acessível a carruagens, que Walter Scott se gabava de ter obtido apenas com algumas linhas de romance.

O Arthur-Seat não passa de uma eminência de setecentos e cinquenta pés, cujo cimo fica sobranceiro a todos os cerros que o rodeiam. Seguindo por um carreiro em curvas, que facilitava muito a ascensão, o engenheiro Jaime Starr e os seus companheiros puseram-se, em menos de meia hora, no alto do Arthur-Seat, que, visto de lado, faz lembrar o crânio de um leão.

Chegados ali, sentaram-se todos quatro, e Jaime Starr, que era pródigo em citações tiradas do grande romancista escocês, acudiu logo a dizer:

- Ouçam o que a respeito deste ponto de vista escreveu Walter Scott no capítulo oitavo da sua Prisão de Edimburgo:

"Se me dessem a escolher um lugar, donde se pudesse ver perfeitamente o nascimento e o ocaso do Sol, seria este o lugar que escolheria."

- Espera, portanto, um bocado, Nell. O Sol não tarda que apareça, e pela primeira vez na tua vida poderás contemplá-lo em todo o seu esplendor.

176

Os olhos de Nell voltaram-se para o Nascente: Harry, de pé junto dela, observava-lhe os movimentos com verdadeira ansiedade. Que impressão lhe iriam causar os primeiros raios do dia?

Todos se conservavam calados, O próprio Jack Ryan não tinha vontade de falar.

Nisto começou a desenhar-se, por cima do horizonte, sobre um fundo de ligeiras brumas, uma pequena linha pálida, matizada de cor-de-rosa. Numa porção de vapores, ainda perdidos pelo zénite, foi cravar-se de repente o primeiro reflexo de luz. Por baixo do Arthur-Seat divisava-se confusamente a capital da

Escócia, ainda entorpecida pelo sono. Alguns pontos luminosos quebravam aqui e acolá a densidade das sombras. Eram as luzes que se acendiam nas habitações daqueles a quem o trabalho fazia madrugar. Para o lado de oeste, o horizonte, cortado por linhas caprichosas, servia de limite a uma região acidentada de montes, aprumados, onde cada raio do Sol iria colocar em breve um feixe de luz.

Entretanto, o perímetro do mar traçava-se mais acen tuadamente para leste. A escala das cores formava-se pouco a pouco segundo a ordem do espectro solar. A cor vermelha das primeiras brumas ia por degradação até à cor violeta do zénite. De segundo em segundo tornavam-se as tintas desta prodigiosa palheta cada vez mais opulentas. Da cor-de-rosa passava-se ao encarnado, do encarnado à cor rubra do fogo. O dia manifestava-se no ponto de intersecção, que o arco diurno ia fixar sobre a circunferência do mar.

O olhar de Nell podia agora estender-se desde a base da colina, onde estava, até à cidade, cujos diferentes bairros começavam a destacar-se por grupos. Alguns campanários pontiagudos, alguns monumentos mais altos surgiram num e noutro ponto, deixando perceber com maior nitidez os seus lineamentos gerais. Pelo espaço derramava-se como que uma espécie de luz acinzentada. Chegou enfim o momento dos olhos de Nell se fitarem no primeiro raio do Sol. Era um raio esverdeado que, tanto de manhã como à tarde, emerge do mar quando está puro o horizonte.

177

Meio minuto depois, Nell admirada apontava para a elevação superior aos bairros da cidade nova.

- Fogo ali! - exclamou ela.

- Enganas-te, Nell - respondeu Jaime Starr -, não é fogo, É o Sol que imprime um beijo de ouro no vértice ao monumento dedicado a Walter Scott!

Efectivamente, a parte superior desse monumento, de uma altura de duzentos pés, brilhava agora como se fosse um farol de primeira ordem.

Estava feito o dia. O Sol rompera de todo. O seu disco parecia ainda húmido, como se tivesse realmente saído do seio das águas. Dilatado

primeiramente pela efracção, foi-se restringindo pouco a pouco até mostrar a forma circular. A sua chama, dentro em breve insuportável, era igual à da boca de uma fornalha que tivesse furado o céu.

Nell teve de fechar os olhos quase de repente. Sobre as suas pálpebras, ainda muito sensíveis, foi-lhe preciso aplicar os dedos estreitamente unidos.

Harry pediu-lhe que se voltasse para o lado oposto. - Obrigado, Harry - disse ela. - Deixa-me estar assim. Quero que os meus olhos se habituem a ver como os teus... Através dos dedos, Nell distinguia ainda uma claridade cor-de-rosa, que se ia tornando branca à proporção que o Sol se erguia acima do horizonte. Depois levantou as pálpebras, e os seus olhos impregnaram-se logo completamente da luz do dia. de joelhos, A piedosa criança deixou-se então cair exclamando:

- Oh!, meu Deus! Como é bela a tua obra!

Nell baixou os olhos, e lançou-os em redor. Aos seus pés dilatava-se o panorama de Edimburgo, de um lado os bairros modernos e bem alinhados da cidade nova, do outro a aglomeração das casas e das ruas tortuosas da "Velha Denegrida". Duas alturas dominavam este panorama:

178

o castelo pendurado no seu rochedo de basalto, Calton-Hill, suportando sobre o seu cabeço arredondado as ruínas recentes de um monumento grego. Da capital para o campo ramificavam-se magníficas estradas, vestidas de arvoredos. Para o lado do norte um braço de mar - o golfo de Forth - rasgava profundamente a costa escocesa, sobre a qual se abria o porto de Leith. Mais adiante, no terceiro plano, destacava-se o harmonioso litoral do condado de Fife. Uma estrada, tão recta como a do Pireu, ligava com o mar esta nova Atenas do Norte. Para a parte de oeste estendiam-se as belas praias de Newhavan e de Porto Belo, cujas areias tingiam de amarelo as primeiras ondas da ressaca. Ao largo animavam as águas do golfo algumas chalupas de pesca, e dois ou três vapores, expelindo para o céu seus cones de fumo negro. Ao longe, finalmente, muito ao longe, alargavam-se os imensos campos cobertos de verdura. Alguns modestos outeiros acidentavam aqui e ali a planície. Ao norte, os Lomond-Hills, a oeste, o Ben-Lomond e o Ben-Ledi reflectiam os raios do Sol, como se os seus cumes estivessem coroados de neves eternas.

Nell não podia falar. Os seus lábios apenas murmuravam palavras sem nexos. Tremiam-lhe os braços. Sentia a cabeça esvaída. Houve um momento em que as forças lhe faltaram. No meio deste ar tão puro, perante um espectáculo tão grandioso, foi-lhe o corpo insensivelmente fraquejando até se deixar cair nos braços de Harry, que estavam prestes a recebê-la.

Nell, cuja existência até ali se tinha passado toda nas entranhas da terra, pudera enfim contemplar o que constitui todo o universo, tal como ele foi feito pelo Criador e pelo homem.

Os seus olhares, depois de se terem librado sobre os campos e a cidade, acabavam de se estender também sobre a imensidade do mar e o infinito do céu!

UM PASSEIO PELOS LAGOS

HARRY, seguido por Jaime Starr e Jack Ryan, desceu as encostas do Arthur-Seat, levando Nell nos braços. Depois de algumas horas de repouso e de um almoço restaurador, mandado fazer no Lambrets-Hotel, decidiu-se completar a excursão por um passeio através do país dos lagos.

Nell tinha recuperado as suas forças. Podia já sem esforço abrir os olhos à luz e aspirar livremente o ar puro e vivificador que a cercava. O tom verde das árvores, o matiz variado das plantas e o azul diáfano do céu tinham já desenvolvido diante do seu olhar toda a escala das cores.

O comboio, que tomaram em General Railway Station, conduziu Nell e os seus companheiros a Glásgua. Da última ponte lançada sobre o Clyde puderam eles admirar o curioso movimento marítimo daquele rio. Depois foram pernoitar no Comrie's Royal-Hotel.

No dia seguinte, o comboio, que partia da estação de Edimburgo and Glasgow Railway, devia transportá-los rapidamente por Dumbarton e Balloch, à ponte meridional do lago Lomond:

- Vamos atravessar o país de Rob Roy(1) - exclamou Jaime Starr.

*1 Rob Roy, chefe de um bando de escoceses que viviam de depredações, é o herói de um dos mais populares romances de Walter Scott. (N. do T.)

180

- O território que Walter Scott nos descreveu tão poeticamente! Conheces aqueles sítios, Jack Ryan? - Conheço-os - respondeu Jack Ryan - pelas obras do grande romancista, que decerto os não teria cantado se não fossem realmente belos.

- Não te enganas, meu rapaz - tornou o engenheiro. - Tão belos, que a nossa querida Nell há-de conservar deles uma agradável recordação.

- Com um guia como o senhor Starr - acudiu Harry - deve duplicar para nós o interesse do passeio, pois esperamos que não deixará de nos descrever o país à proporção que o formos percorrendo.

- Da melhor vontade, Harry - disse o engenheiro. - E, até onde a minha memória me auxiliar, conta comigo. Mas imponho uma condição: é que o nosso alegre Jack Ryan me sirva de ajudante. Quando eu estiver cansado de falar, substituir-me-á ele cantando.

- De acordo! - replicou Jack Ryan, lançando ao vento uma nota vibrante, como se quisesse chegar ao lá do diapasão.

Entre a metrópole comercial da Escócia e a extremidade sul do lago Lomond contam-se, pelo caminho de ferro de Glásgua a Balloch, apenas umas vinte milhas de distância.

O comboio em que iam os quatro viajantes passou por Dumbarton, burgo real e capital de condado, cujo castelo - sempre bem guardado em harmonia com o tratado da União - assenta pitorescamente sobre os dois cumos de um grande rochedo de basalto.

Dumbarton fica na confluência dos rios Clyde e Leven. A este respeito contou Jaime Starr algumas particularidades da aventureira história de Maria Stuart. Foi efectivamente de Dumbarton, que ela partiu para casar com Francisco II, tornando-se assim rainha de França, Foi também ali que o ministério inglês, depois de 1815, teve ideias de internar o vencido de Waterloo.

181

A escolha de Santa Helena prevaleceu porém, e aí está porque o primeiro Napoleão acabou os seus dias sobre um rochedo do Atlântico, em proveito manifesto da sua legendária memória.

O comboio parou finalmente em Balloch, junto de uma ponte de madeira que dava serventia para o lago.

Um barco a vapor - o "Sinclair" - esperava pelos viajantes que costumavam visitar os lagos. Jaime Starr e os seus companheiros embarcaram nele, depois de terem adquirido bilhetes para Inversnaid, na extremidade norte do lago Lomond. O dia começava auspiciosamente por um sol esplendoroso, a que não ofuscavam o brilho esses impertinentes nevoeiros tão vulgares no Reino Unido. Os passageiros do "Sinclair" poderiam pois desfrutar à vontade todas as belezas que se iam desenrolar a seus olhos num percurso de vinte milhas. Nell, sentada à popa do barco entre Harry e Jaime Starr, aspirava a largos tragos a imensa poesia de que está prodigamente impregnada esta formosíssima Natureza.

Jack Ryan girava de um para o outro lado na tolda do "Sinclair", dirigindo sucessivas perguntas a Jaime Starr, que sempre respondia da melhor vontade. O engenheiro, como admirador entusiasta, sentia verdadeira satisfação em descrever o país de Rob Roy, à medida que o barco sulcava as águas do lago.

De princípio começaram a ver-se numerosos agrupamentos de pequenas ilhas. Eram tantas, que pareciam um viveiro. O "Sinclair" costeava as margens escarpadas destas ilhotas, e, pelos intervalos de umas às outras, ora despontava um vale solitário e pitoresco, ora um desfiladeiro agreste, revestido de rochedos aprumados. - Todas estas pequenas ilhas - disse Jaime Starr -, possuem a sua lenda, bem como todas as serras que ficam à volta do lago. Pode-se dizer, sem grande exagero, que a história deste país está escrita com esses caracteres imensos feitos de ilhas e de montanhas.

182

- Sabe, senhor Starr - disse Harry -, o que me faz lembrar esta parte do lago Lomond?

- O quê?

- Os milhares de ilhas do lago Ontário, de que nos fala tão admiravelmente Fenimore Cooper. Deve também surpreender-te a semelhança, Nell, pois ainda não há muito que estive a ler-te esse romance, considerado com justiça como a primeira obra do célebre romancista americano.

- É verdade, Harry - respondeu Nell -, é exactamente a mesma coisa, e o "Sinclair" segue por estas ilhas, como se fosse o cúter de Jasper Água-Doce através do lago Ontário.

- Pois bem - respondeu Jaime Starr -, isso o que prova é que ambos os lagos mereciam ser igualmente cantados por dois poetas. Não conheço as ilhas do lago Ontário, mas duvido que sejam mais variadas que estas do lago Lomond. Vejam, que linda paisagem! Ali está a ilha Murray, com a sua velha fortaleza do Lennox, onde viveu a duquesa de Albany, depois da morte de seu pai, de seu marido e de seus dois filhos, decapitados por ordem de Jaime I. Lá aparecem a ilha Clar, a ilha Cro, a ilha Torr - umas de rochas, feias de aspecto, sem aparência de vegetação, outras graciosas e atraentes, mostrando as suas encostas cobertas de verdura. Aqui os lariços e as bétulas. Além as veigas e os estevais. Repito, custa-me a crer que as ilhas do lago Ontário ofereçam maior variedade do que estas! - Que porto é aquele? - perguntou Nell, que se tinha voltado para a margem oriental do lago.

- É Balmaha, que põe o lago em comunicação com as Highlands

- respondeu Jaime Starr. - Ali começam as Terras Altas da Escócia.

183

As ruínas que tu estás a ver, Nell, pertencem a um antigo convento de freiras, e as sepulturas espalhadas pelo seu cemitério encerram as cinzas de vários membros da família Mac-Gregor, cujo nome é ainda célebre em toda esta região.

- Célebre pelo sangue que essa família derramou e fez derramar - observou Harry.

- Tens razão - respondeu Jaime Starr -, a maior de todas as celebridades é a que deriva das batalhas. Não há nada para atravessar os séculos como são as descrições marciais. - Depois, há também as trovas, que ajudam a perpetuar esses feitos - acrescentou Jack Ryan.

E, como se quisesse provar o que dizia, o bom do rapaz começou a cantar a primeira estrofe de um canto guerreiro, onde se exaltavam as proezas de Alexandre Mac-Gregor, do vale de Srae, contra Sir Humphry Colquhour, de Luss.

Nell ouvia sem interesse a lenda de Jack Ryan. As histórias de combate causavam-lhe uma impressão desagradável. De que serviria tanto sangue vertido naqueles campos, se o espaço ali chegava à farta para todos? - perguntava a si mesma a bondosa menina.

As margens do lago, que medem três a quatro milhas de largura, tendiam a estreitar-se nas proximidades do pequeno porto de Luss. Nell pôde ver por um momento a velha torre do antigo castelo. Depois, o "Sinclair" meteu a proa ao norte, e aos olhos dos passageiros mostrou-se então o Ben Lomond, que se eleva perto de três mil pés acima do nível do lago. - Que admirável montanha! - exclamou Nell. - E do seu alto, que bonita vista se deve gozar!

- É exacto - respondeu Jaime Starr. - Repara, Nell, como ela se destaca altivamente da cinta de carvalhos, bétulas e lariços que revestem a sua zona inferior! Dali avistam-se dois terços da nossa velha Caledónia. Era nesta parte oriental do lago que o clã de Mac-Gregor residia habitualmente.

184

Não muito longe deram-se as contendas entre os jacobitas(1) e os hanoverianos, de que resultou ficarem mais de uma vez ensanguentados estes desfiladeiros. Ali se levanta, pelas formosas noites de céu puro, essa pálida Lua, que as velhas crônicas chamam o "fanal de Mac-Farlane". Ali repetem ainda os ecos os nomes imorredoiros de Rob Roy e de Mac-Gregor Campbell!

O Ben Lomond, último pico da cordilheira dos Grampians, é digno na verdade de ter sido celebrado pelo grande romancista escocês. Como bem dizia agora Jaime Starr, havendo pelo mundo montanhas muito mais altas e sempre cobertas de neve, nenhuma delas se avantajava a esta em beleza e poesia.

- E lembrar-me eu - acrescentou Jaime Starr -, que o Ben Lomond pertence todo inteiro ao duque de Montrose! E lembrar-me eu que Sua Graça possui uma montanha, como qualquer habitante de Londres pode possuir no seu jardimzinho um tabuleiro de relva!

Entretanto o "Sinclair" chegava à povoação de Tarbet sobre a margem oposta do lago, onde desembarcavam os passageiros com destino a Inverary. Deste ponto o Ben Lomond deixava-se admirar em toda a sua grandeza. Os seus flancos, mosqueados pelo curso das torrentes, esplendiam como lâminas de prata em fusão.

À medida que o "Sinclair" costeava a base da montanha, mais abrupto se mostrava o panorama. Apenas algumas árvores isoladas, entre as quais diversos salgueiros, de cujos filamentos se fabricavam antigamente as cordas com que a arraia-miúda era enforcada.

- A fim de poupar o cânhamo! - observou Jaime Starr. Quanto mais se avançava para o norte, mais o lago se estreitava. As montanhas, que o ladeavam, iam-se gradualmente aproximando.

*1 Nome dado em Inglaterra aos partidários de Jaime II e de seu filho Jaime III depois da revolução de 1688. (N. do T.)

O barco ainda passou ao lado das ilhas de Inveruglas e Eilad-Whou, onde se diferencavam os restos de uma fortaleza que pertencera aos Mac-Farlane. As duas margens abraçaram-se finalmente, e o "Sinclair" fundeou na estação de Inverslaid. Enquanto ali se preparava o almoço, Nell e os seus companheiros foram visitar, a pequena distância do desembarque, uma torrente que de grande altura se precipitava no lago. Parecia que tinha ali sido posta de propósito como cena de teatro para maior encanto e satisfação dos viajantes. Por cima das águas tumultuosas ficava uma frágil ponte, que desaparecia entre um véu de líquida poeira.

Deste sítio a vista abrangia uma grande parte do lago Lomond, e o "Sinclair" tornava-se um ponto imperceptível perdido na sua superfície.

Terminado o almoço, tratou-se de seguir para o lago Katrine. Diversas diligências, pertencentes à família Breadalbane - a mesma que antigamente garantia a lenha e a água ao foragido Rob Roy -, aguardava os viajantes, oferecendo-lhes o agradável conforto que nunca deixa de se encontrar numa carruagem inglesa.

Harry fez subir Nell para o tejadilho, a fim de melhor ver a paisagem. Ele e os seus companheiros sentaram-se junto de Nell. Um excelente

cocheiro, fardado de vermelho, segurou na mão esquerda as guias dos seus quatro cavalos, fazendo logo partir o carro, que principiou a trepar a encosta da montanha, torneando cautelosamente o leito sinuoso das torrentes. A estrada era muito íngreme. À proporção que subia, iam mudando de aspecto os cabeços que a rodeavam. Via-se agora crescer desmedidamente toda a cordilheira da margem oposta do lago, bem como os cimos de Arroquhar, que ficavam superiores ao vale de Inveruglas. À esquerda o Ben Lomond ostentava majestosamente os ásperos contornos do seu flanco setentrional.

A região compreendida entre o lago Lomond e o lago Katrine apresentava uma perspectiva agreste e selvagem.

187

O vale era cercado por estreitos desfiladeiros que iam terminar junto de Aberfoyle. Este nome trouxe à memória de Nell os tenebrosos abismos onde se tinham passado os seus primeiros anos. Para distraí-la, Jaime Starr apressou-se em continuar as suas descrições.

O país demais a mais prestava-se a esse intento. Foi sobre as margens do pequeno lago de Ard que se realizaram os episódios principais da vida de Rob Roy. Erguiam-se por aqui diferentes rochas calcárias de sinistra aparência, entremeadas de calhaus que a acção do tempo e da atmosfera tornara tão duros como cimento. Por entre as arribanas em ruínas divisavam-se algumas choças miseráveis, que mais pareciam covis. Seria difícil dizer se eram homens ou feras que habitavam aqueles antros. Um número limitadíssimo de crianças, com os cabelos já de todo desbotados pela intempérie do clima, olhavam imbecilmente espantadas para as diligências que passavam.

- Atravessamos justamente a parte da Escócia que se pode chamar o país de Rob Roy - disse Jaime Starr. - Foi aqui que a milícia do conde de Lennox deitou a mão ao excelente bailio Nichol Jarvie, digno filho de seu pai o diácono. Foi mesmo neste sítio que ele ficou suspenso pelo cós dos calções - feito aliás de um bom pano escocês, que não cedeu ao peso do corpo. Junto das nascentes do rio Forth, engrossadas pelas torrentes do Ben Lomond, ainda hoje se pode observar o vau que o herói atravessou para escapar aos soldados do duque de Montrose. Ah!, se ele a esse tempo conhecesse os refúgios insondáveis da nossa hulheira, poderia ter ali dentro desafiado todas as pesquisas dos seus perseguidores! Bem vêem, meus amigos... não se dá um só passo por aqui sem se encontrarem de todos os lados mil recordações desse passado que inspirou o nosso grande Walter Scott, quando em magníficas estrofes ele prarafraseou o chamamento às armas de todo o clã dos Mac-Gregor!

188

- Tudo isso assim será, senhor Starr - replicou Jack Ryan. - Mas se é verdade ter Nichol Jarvie ficado suspenso pelo cós dos calções, para que serve então o nosso provérbio: "Esperto aquele que puder apanhar um escocês pelos calções?" - Tens muita razão, meu rapaz - respondeu a rir Jaime Starr.

- Isso prova apenas que naquele dia o nosso bailio não ia vestido à moda dos seus antepassados! - Pois não fez bem, senhor Starr!

- Também assim me parece - tornou o engenheiro.

A diligência, depois de ter deixado atrás de si os despenhadeiros e as torrentes, desceu o resto da encosta, e entrou num vale sem árvores e sem água, apenas coberto por alguns enfezados tojos. De espaço a espaço levantavam-se, em forma de pirâmides, alguns montes de pedras. - São túmulos - disse Jaime Starr, antecipando-se às perguntas dos seus companheiros. - Quem antigamente encontrava no seu caminho algum destes cairns, devia ajuntar-lhes uma pedra para assim honrar a memória dos heróis que jaziam debaixo deles. É daí que procede o adágio gaélico: "Maldição sobre aquele que passar por diante de um cairn sem nele depor a pedra da última saudação!" Se os filhos conservassem a fé imutável de seus pais, estas acumulações de pedras formariam hoje grandes colinas. É que neste país tudo concorre para desenvolver no coração dos montanheses uma doce e singela poesia. De resto, sucede sempre assim em toda a parte onde há montanhas. Se os Gregos tivessem tido por berço um país rodeado de planícies, decerto que nunca eles haveriam inventado a mitologia antiga.

Durante este e outros discursos, tinha-se o carro metido pelos desfiladeiros de um estreito vale, que parecia talhado propiciamente para nele se juntarem os duendes e os génios das montanhas. Depois de se deixar à esquerda o pequeno lago de Arklet, o cocheiro meteu as duas parelhas por uma estrada de áspera subida, que ia dar à pousada de Stronachlacar, sobre a margem do lago Katrine.

189

Nas águas do lago balouçava-se um pequeno vapor, atracado a uma ponte de madeira. Este barco, pronto para largar, chamava-se "Rob Roy". Nell e os seus companheiros só tiveram tempo de embarcar.

O lago Katrine mede dez milhas de extensão sobre duas, o máximo, de largura. As colinas mais próximas do seu litoral conservam ainda os vestígios de uma grande cratera. - Aqui temos um lago - disse Jaime Starr - que foi acertadamente comparado com uma enguia comprida. Há quem afirme que nunca gela. Não sei até que ponto seja isso verdade, mas o que se não deve esquecer é que ele serviu de teatro às proezas da Dama do Lago(1). Parece-me que se o nosso amigo Jack Ryan se desse ao trabalho de o examinar com atenção, talvez ainda visse deslizar pela sua superfície a figura vaporosa da bela Helena Douglas.

- E que dúvida? - respondeu Jack Ryan. - Não há motivos para que essa linda mulher seja mais invisível sobre as águas do lago Katrine do que os génios da hulheira sobre as águas do lago Malcolm.

Ao mesmo tempo sentiram-se à ré do "Rob Roy" os sons claros e vibrantes de uma gaita-de-foles.

Era um Highlander, vestido à moda do país, que preludiava no seu bag-ipe, composto de três tubos, dos quais o maior dava o sol, o segundo o si e o mais pequeno a oitava do maior. A parte do instrumento chamada pífaro ou ponteiro tinha oito buracos, e dava uma escala de sol maior com o fá natural. Era singelo e suave o motivo tocado pelo Highlander. Estas melodias nacionais, longe de representarem o trabalho de algum determinado compositor,

*1 A Dama do Lago é um dos mais belos poemas de Walter Scott. (N. do T.)

parece que são o produto de uma combinação natural, formada pelo sopro da brisa, pelo murmúrio das águas e pelo sussurro das folhas. A toada do estribilho, que se repetia em dados intervalos, tinha um não sei quê de extravagante. O seu ritmo compunha-se de três compassos binários e de um compasso ternário, que acabava em tempo fraco. Afastando-se da tradição, este estribilho era em modo maior, e poder-se-ia escrever da seguinte forma, por meio da linguagem cifrada que, em lugar das notas, indica os intervalos dos tons: 5 1.2 3525 1.7 65 22.22 1.2 3525 1.7 65 11.11

Quem não coube em si de contente foi Jack Ryan, que sabia de cor esta música dos lagos da Escócia. Aproximou-se pois do Highlander, e, pedindo para lhe fazer o acompanhamento, começou com a sua voz sonora a cantar o seguinte hino, consagrado às lendas poéticas da velha Caledónia:

Formosos lagos da Escócia,
Espelhos de argêntea cor,
Que as vossas águas murmurem As velhas
lendas do amor.

Por estas margens viçosas
Inda o traço se descobre
Dos heróis da raça nobre Que Walter
fez imortal.

vê-se a torre onde Habitava A
sinistra feiticeira, E entre as sombras da
clareira Paira a sombra de Fingal.

Volteiam em dança louca
Os duendes inimigos,
Dos Puritanos antigos
Ressurge o vulto e maior,
Por entre os bravos rochedos,
Na hora em que a luz é baça,
Waverley como que passa Junto a
Flora Mac Ivor.

A gentil Dama do Lago
Aqui divaga por certo,
Diana escuta já perto A trompa
de Rob Roy!

Ferges desprende o seu canto,
Incitando os clãs à guerra,
E na montanha e na serra Tem cada
trilho um herói!

Se a sorte, ó poéticos lagos,

Nos afastasse algum dia, Roubar-nos
não poderia memórias deste lugar;
Teus cerras, as tuas grutas,
Tanto vale, tanta quebrada,
Sempre, ó Caledónia amada, Se hão-de
ante nós debuxar.

Formosos lagos da Escócia,
Espelhos de argêntea cor,
Que as vossas águas murmurem As velhas
lendas do amor(1).

A traslação do hino existente no romance francês para os magníficos versos que acabam de se ler deve-a o tradutor à gentileza do seu bom amigo Eduardo Vidal. Receba o distinto poeta sinceros agradecimentos pelo seu trabalho, e para que os leitores possam avaliar quanto lucrou a poesia passada para a nossa língua, publicamos em seguida as estrofes originais:

Beaux lacs aux ondes dormantes,
Gardez à jamais Vos léendes
charmantes, Beaux lacs écossais!

Sur vos bords on trouve la trace
De ces héros tant regrettés,
Ces descendants de noble race,
Que notre Walter a chantés!
Voici la tour où les sorcières
Préparaient leur repas frugal;
Là, les vastes champs de bruvères, Où
revient l'ombre de Fingal.

Ici passent dans la nuit sombre Les folles
dances des lutins.
Là, sinistre, apparait dans l'ombre
La face des vicux Puritains!
Et parmi les rochers sauvages,
Le soir, on peut surprendre encor
Waccrley, qui, vers vos rivages, Entraîne Flora
Mac Ivor!

La Dame du Lac vient sans doute
Errer là sur son palefroi,
Et Diana. non loin, écoute Résonner le cor
de Rob Roy!
N'a-t-on pas entendu naguère
Fergus au milieu de ses clans,
Entonnant ses pibrochs de guerre, Réveiller lécho
des Highlands?

Si loin de vous, lacs poétiques,
Que le destin mène nos pas, Ravins,
rochers, grottes antiques,

Nos yeux ne vous oublieront pas!
O vision trop tôt finie, Vers nous
peux-tu revenir!
A toi, vieille Calédonie,
A toi, tout notre souvenir!

Beaux lacs aux ondes dormantes,
Gardez à jamais Vos légendes
charmantes, Beaux lacs écossais!

Eram três horas da tarde. No duplo fundo do Ben An do Ben
Venue destacavam-se agora as margens ocidentais do lago Katrine.

192 193

A meia milha de distância começava a desenhar-se vagamente o estreito limite do lago, onde o "Rob Roy" ia largar os passageiros, que se destinavam a Stirling por Callander.

Nell estava como que extenuada pela constante aplicação do seu espírito. Sempre que se lhe deparava algum novo motivo de admiração, dos seus lábios apenas saíam estas palavras: "Meu Deus! Meu Deus!" Era pois necessário que descansasse algumas horas, ainda que mais não fosse senão para fixar melhor a lembrança de tantas maravilhas.

Harry, entretanto, pegara-lhe novamente nas mãos e, olhando para ela comovido, dissera-lhe:

- Minha querida Nell, dentro em pouco estaremos todos de volta na hulheira. Fala-me com franqueza: destes momentos passados à luz do dia não te ficará por acaso alguma saudosa recordação?

- Não fica, Harry - respondeu Nell. - O espectáculo deslumbrou-me, é certo, mas acredita que voltarei alegre contigo para casa de teus pais.

- Nell - disse Harry mal disfarçando com a voz a sua grande comoção -, consentirás tu, depois do que viste, que a tua existência se una para sempre à minha? Quererás tu finalmente que eu seja teu esposo?

- Quero - respondeu Nell, fixando em Harry um olhar cheio de candura -, quero, se acreditas que a minha existência possa completar a tua.

Mal acabava Nell de proferir estas palavras, em que se resumia toda a felicidade de Harry, eis que de repente se manifesta dentro do lago um assombroso fenómeno.

Se bem que o "Rob Roy" ainda estivesse meia milha afastado do cais, a seu bordo sentiu-se um choque imprevisto e violento. A quilha do barco tinha encalhado no fundo, sendo inúteis todos os esforços para o arrancar dali. É que o lago Katrine acabava de se esgotar quase subitamente, como se por debaixo do seu leito se tivesse produzido uma imensa abertura.

194

Poucos segundos depois o lago estava completamente seco. Parecia uma praia na vazante, por ocasião das grandes marés equinociais. As suas águas tinham-se escoado todas através das entranhas da terra!

- Ah!, meus amigos! Deus proteja a Nova Aberfoyle! - exclamou Jaime Starr, como se tivesse adivinhado a causa daquele fenómeno.

CAPÍTULO XIX

UMA DERRADEIRA AMEAÇA

No mesmo dia em que Jaime Starr fazia votos pela conservação da Nova Aberfoyle, corriam os trabalhos dentro daquela mina com a máxima regularidade.

Ao longe ouviam-se as explosões da dinamite, fazendo estalar o filão carbonífero. Aqui eram os golpes das picaretas e das barrenas, desagregando da massa os grossos pedaços do carvão; acolá a bulha estrepitosa das máquinas perfuradoras, cujos aríetes rasgavam as rochas de xisto ou de grés, com a regularidade de um pêndulo. Havia pelas galerias e travessas prolongados ruídos cavernosos.

O ar, que as máquinas aspiravam, expandia-se pelos poços de arejamento. Nos túneis inferiores corriam, movidos mecanicamente com uma velocidade de quinze milhas por hora, os comboios de vagonetas, cujas campainhas automáticas avisavam os trabalhadores para se afastarem na sua passagem. As gaiolas dos mineiros e as caixas transportando a hulha subiam e desciam sem descanso, impelidas pelos enormes elevadores, colocados à superfície do solo. Os discos eléctricos enchiam de luz intensa as diferentes ramificações de Coal-City. A exploração seguia pois com pasmosa actividade. O combustível, extraído do jazigo, passava todo para as centenas de vagonetas, que depois o despejavam no fundo dos poços de extracção donde era içado posteriormente.

196

Enquanto uma parte dos mineiros descansava dos trabalhos nocturnos, sucediam-se-lhe os turnos diurnos para se não perder um momento.

Madge e Simão Ford, depois de findo o jantar, tinham vindo sentar-se ao portal da casa. Era a hora da sesta do velho Overman, hora que ele costumava passar, fumando do seu cachimbo, cheio até acima de magnífico tabaco francês. Quando o marido se dirigia à mulher, ou esta àquele, era sempre com relação a Nell, ao filho, a Jaime Starr e ao passeio recente que todos tinham empreendido à superfície da terra. - Onde estarão eles agora? O que andarão a fazer? Como é que podem demorar-se tanto tempo lá por fora, sem terem saudades da hulheira? - perguntou Simão Ford com visível impaciência. De repente sentiu-se um choque enorme e violento, que veio interromper a conversação dos dois esposos. Dir-se-ia que acabava de penetrar dentro da hulheira uma espantosa e desmedida catarata.

Simão Ford e Madge levantaram-se de um salto.

Ao mesmo tempo viram-se crescer desordenadamente as águas do lago Malcolm. Uma vaga alterosa, encapelando-se com medonho macaréu, veio quebrar-se, espumante e redemoinhando, de encontro à casa de Simão Ford.

Este, agarrando em Madge, subiu com ela precipitadamente para o pavimento superior.

Logo depois, rompiam de todos os lados, com atroadora repercussão, os gritos aflitivos de numerosas famílias.

Os habitantes de Coal-City corriam lívidos e desvairados, procurando até refúgio sobre as altas rochas de xisto que formavam o litoral do lago.

O terror chegara ao seu maior auge. Os mineiros fugiam espavoridos em direcção ao túnel, a fim de alcançarem os andares superiores da mina. Receava-se que o mar tivesse irrompido dentro da hulheira, na parte em que as galerias ficavam inferiores ao canal do Norte.

197

Mas se assim fosse, a Nova Aberfoyle teria completamente desaparecido, arrastando na sua submersão todos os moradores do Coal-City.

No momento em que os primeiros fugitivos chegavam à entrada do túnel, encontraram-se aí frente a frente com Simão Ford que já deixara Madge em lugar seguro.

- Parem! Parem, rapazes! - bradou o velho overman. - Se a nossa hulheira tivesse de submergir-se, a inundação correria mais depressa que vocês, e ninguém poderia escapar-lhe. As águas, porém, deixaram de crescer. O perigo afasta-se de nós. - E os companheiros que trabalham nas galerias inferiores? - exclamou um dos operários.

- Nada há que recear por eles - respondeu Simão Ford. - A exploração está-se a fazer num andar superior ao lago Malcolm! Os factos deviam dar razão ao velho overman. A imprevista queda das águas distribuía-se unicamente pelo andar inferior da vasta hulheira, produzindo apenas um aumento de alguns pés no nível do lago Malcolm. Coal-City não corria, pois, nenhum risco, e era até de supor que a inundação não tivesse feito vítimas.

Quanto, porém, à origem desta inundação, nem o velho overman nem os seus companheiros estavam no caso de poderem explicá-la. Seria ela a consequência de se haver extravasado, por entre as fendas da massa, alguma oculta nascente? Ou ter-se-ia afundado sobre a terra o leito de algum rio ou lago, precipitando impetuosamente as suas águas até os últimos andares da mina?

A opinião mais seguida era que se devia atribuir a catástrofe a um simples acidente.

Nessa mesma noite, porém, já se sabia o que acontecera pelos jornais do condado, onde vinha circunstanciadamente narrado o estranho fenómeno de que o lago Katrine fora teatro.

Nell, Harry Ford, Jaime Starr e Jack Ryan,

198

que tinham voltado para a hulheira a toda a pressa, confirmaram a notícia, e ficaram a saber com grande satisfação que na Nova Aberfoyle só havia a reparar alguns estragos materiais de pouca importância.

O lago Katrine tinha abatido subitamente para o lado do sul, fazendo as suas águas rápida irrupção dentro da hulheira por meio de uma larga e espaçosa abertura. O lago predilecto de Walter Scott ficara com tão pouca água que a Dama do Lago mal poderia banhar nele os seus pequenos e delicados pés, e mais ao norte, onde se não dera o sinistro, encontrava-se presentemente reduzida a uma laguna de pequenas dimensões.

Com que rapidez porém se espalhou este inesperado sucesso! Era decerto a primeira vez que se via desaparecer um lago nas entranhas do globo. Os geógrafos do Reino Unido tinham agora de riscar este dos seus mapas, enquanto não tornassem a enchê-lo, por subscrição pública, depois de previamente calafetada aquela importuna abertura. Se o célebre romancista escocês ainda vivesse, teria morrido de pena à vista de semelhante desgraça!

Todavia, o acontecimento nada tinha de incompreensível. Efectivamente, o andar dos terrenos secundários, entre o leito do lago Katrine e a Nova Aberfoyle, compunha-se unicamente de uma camada pouco espessa, em consequência de uma disposição geológica particular àquela parte da crosta terrestre. Se contudo este sinistro parecia dever a sua origem a uma causa natural, não eram dessa opinião o engenheiro Jaime Starr e os dois Ford, pai e filho, que o atribuíram a uma premeditada malvadez. As primitivas desconfianças volveram de novo, e com mais força, ao espírito deles todos. Queria o mesmo ser invisível de há três anos recomeçar as suas misteriosas vinganças contra os exploradores da riquíssima hulheira?

Alguns dias depois, Jaime Starr conversava a esse respeito com Simão Ford e seu filho.

199

- Na minha opinião - dizia o engenheiro -, ainda que o facto se possa explicar naturalmente, quer-me parecer que ele se liga com todos os outros, cuja origem temos de balde procurado. - Também penso da mesma forma - redarguiu Simão Ford. - Mas se me dá licença, senhor Jaime, acho que o melhor é não dizer nada sobre o caso, e fazermos nós mesmos as buscas indispensáveis.
 - Pois sim! - tornou o engenheiro. - O resultado dessas buscas já eu o conheço antecipadamente.
 - E qual será ele?
 - Encontrarmos as provas do crime, sem nunca podermos apanhar o criminoso.
 - E, contudo, ele existe - exclamou Simão Ford. - Mas onde se esconde ele? Eu creio até que há mais de um malfeitor. Um homem só, por mais perverso que seja, podia lá pôr em prática uma ideia tão infernal como a de querer inundar a nossa hulheira? Quase que me vejo obrigado a acreditar, como Jack Ryan, que algum génio mau nos anda a perseguir, em castigo de lhe termos devassado os misteriosos domínios. Diga-se ainda que estas conversações se passavam quase sempre na ausência de Nell.
- Por seu lado, Nell fazia também quanto estava ao seu alcance para nunca assistir a elas.

A pobre menina, sempre triste e reservada, dava bem a conhecer os constantes receios e temores que a traziam inquieta.

Dir-se-ia que, em luta consigo mesma, esperava a todos os momentos ver surgir sobre a sua nova família alguma desgraça tremenda.

Entretanto o engenheiro Jaime Starr, Simão Ford e seu filho tinham assentado ir pessoalmente examinar o local do sinistro, procurando colher sobre ele o maior número de informações.

Deste projecto, porém, guardou-se absoluto segredo. A quem não soubesse as razões que lhe serviam de base, a opinião de Jaime Starr e dos seus amigos deveria parecer completamente inadmissível.

Alguns dias depois meteram-se todos três numa pequena canoa governada por Harry, e foram observar os pilares naturais que sustentam a parte da massa por cima da qual ficava o leito do lago Katrine.

Deu-lhes razão o exame que fizeram. Os pilares haviam sido atacados nalguns pontos por meio de mina. Ainda se viam os vestígios da explosão, porque as águas tinham baixado em consequência de infiltrações, deixando a descoberto a base desses pilares.

Este desabamento de uma porção das abóbadas da hulheira fora manifestamente concebido e levado a efeito por mão de homem. - Está mais que provada a premeditação! - exclamou Jaime

Starr. - O que seria feito da Nova Aberfoyle se, em vez de um pequeno lago, tivesse por cima de si um grande mar! - Assim é! - respondeu com orgulho o velho overman. - Para inundar as nossas hulheiras, só as águas de um grande mar! Mas, pergunto eu de novo, que interesse pode ter esse ente invisível em destruir a nossa exploração?

- Eu sei lá! - replicou Jaime Starr. - O certo é que se não trata de um bando qualquer de malfeitores vulgares, a quem a mina servisse de valhacouto para melhor poderem atacar e roubar os habitantes do condado. Se assim fosse, tê-los-iam denunciado, há muito, os seus roubos e ataques. Também se não trata de contrabandistas ou falsos moedeiros que, ocultando a sua criminosa indústria nalgum recanto destas imensas cavernas, tivessem todo o empenho em nos afastar para longe. O dinheiro falso e o contrabando não se fazem para se guardarem. E contudo é manifesto que um inimigo implacável jurou a perda da Nova Aberfoyle, procurando por todos os meios saciar contra nós o seu ódio inexplicável. Fraco decerto para lutar de rosto, é na treva que prepara as suas ciladas. A inteligência e acerto porém que desenvolve em tudo, fazem dele um inimigo perigoso.

Conhece melhor que nós todos os segredos destes subterrâneos, visto que tem escapado até aqui às mais rigorosas investigações. É com certeza um mineiro, e até dos mais hábeis entre os hábeis, disse não deve restar-nos dúvida. O que lhe temos visto pôr em acção há três anos, prova que me não engano a seu respeito. Ora vamos, Simão:

lembras-te porventura de teres tido algum inimigo pessoal, a quem se possam atribuir estes casos? Procura bem. Há monomanias de ódio, que o tempo não consegue dissipar. Desde até os teus primeiros anos de rapaz. O que se está a passar parece ter por base uma loucura fria e paciente, que reclama um escrupuloso exame sobre todos os actos da tua vida. Simão Ford não respondeu logo. Via-se que o honrado overman, antes de se explicar, interrogava mentalmente o seu passado sem mancha.

Depois, levantando a cabeça:

- Não! - disse ele com dignidade. - Perante Deus posso jurar que nunca fiz mal a ninguém. Não julgo que exista contra mim ou contra os meus um inimigo só que seja!

- Ah!... - observou Jaime Starr. - Se Nell se decidisse a falar...

- Senhor Starr - acudiu Harry -, peço-Lhe que guardemos por enquanto só para nós o resultado desta descoberta. Não interrogue a pobre Nell, que já anda assustada e aflita. É ponto assente para mim que ela oculta no

coração algum segredo que a oprime. Se não fala, é porque entende que não lhe é lícito fazê-lo. Da sua amizade por nós todos - por nós todos, sem exceção - ninguém pode duvidar. Esperemos portanto que Nell se abra comigo, e eu lhes prometo dizer depois o que se passar a tal respeito.

- Está combinado, Harry - observou o engenheiro. - E, contudo, se Nell sabe alguma coisa, não compreendo de forma alguma o seu silêncio.

202

E, como Harry manifestasse desejos de responder: - Descansa - acrescentou Jaime Starr. - Fica certo que não diremos nada à que está para ser tua mulher. - E que sê-lo-ia desde já, se meu pai o consentisse. - Consinto, meu rapaz, consinto - disse Simão Ford. - O teu casamento há-de fazer-se de hoje a um mês contado dia por dia.

O senhor Jaime será o padrinho, não é verdade?

- Da melhor vontade, Simão - respondeu o engenheiro.

Jaime Starr e os seus dois amigos voltaram a CoalCity, guardando só para si o resultado das suas pesquisas. O desabamento das abóbadas ficou sendo para todos que viviam na hulheira apenas a consequência de uma circunstância casual. Só o que havia a lastimar, pelo lado pitoresco, era a perda completa de um dos lagos da Escócia.

Nell voltara com o tempo às suas ocupações habituais.

Daquele passeio à superfície do condado restavam-Lhe agora indeléveis recordações, que o filho de Simão Ford ia aproveitando para continuar a instruí-la. A sua estada no exterior não lhe fizera perder o amor a estas sombrias cavernas, onde passara toda a infância, e onde queria, depois de esposa, continuar a residir.

Entretanto, o próximo casamento de Nell com Harry Ford tinha causado grande sensação entre os moradores de Coal-City. À residência do velho overman afluíam as felicitações. Jack Ryan não foi dos últimos a apresentar as suas. O bom do rapaz andava sempre só aplicado a recordar os seus melhores trechos musicais para repeti-los na festa do noivado - festa a que não podia deixar de ser convidada toda a população da Nova Aberfoyle.

Dir-se-ia contudo que a aproximação daquele momento servia de estímulo fatal para se darem dentro da hulheira novas e mais terríveis catástrofes.

203

Era nos trabalhos das galerias inferiores que se sucediam as desgraças sem que se pudesse atinar com a sua verdadeira causa.

Aconteceu, por exemplo, que uma vez todo o madeiramento de uma galeria foi destruído pelo fogo, chegando a encontrar-se a lanterna empregada nessa ocasião.

Harry e os seus companheiros tiveram de arriscar a vida para apagar aquelas chamas que ameaçavam destruir o jazigo todo, e só o conseguiram recorrendo aos extintores cheios de água saturada de ácido carbónico - de que a hulheira estava prudentemente abastecida.

De outra vez foi um desabamento devido à separação das vigas que escoravam um dos poços, e Jaime Starr pôde verificar que se tinham previamente serrado essas vigas. Harry, que dirigia os trabalhos neste

ponto, ficou debaixo das tábuas e do entulho, parecendo que só por milagre escapara à morte daquela vez.

Dias depois o comboio de vagonetas, em que ia Harry, descarrilou de súbito e virou-se completamente. Foi-se a ver o que era: encontrou-se atravessado na via um grandíssimo barrote.

Numa palavra, repetiam-se tão amiúde e em tais proporções estes e outros sinistros, que entre os mineiros já começava a lavrar uma espécie de terror pânico. Por fim só iam para o trabalho levados pelos seus chefes.

- Mas com a fortuna! - exclamou Simão Ford. - Temos aqui um bando de malfeitores, e nós não havemos de agarrar ao menos um!

Decidiu-se que se tentassem novas e severas indagações. A polícia do condado foi prevenida para vigiar a hulheira de noite e dia, mas tornaram a ser inúteis, como sempre, todos os esforços empregados. Jaime Starr ponderou a Harry, a quem pareciam dirigir-se mais pronunciadamente as provocações, que nunca mais se adiantasse para além do centro dos trabalhos sem ir acompanhado.

Tomaram-se iguais precauções a respeito de Nell, à qual,

204

por pedido de Harry, se ocultavam todas estas criminosas tentativas, para lhe não avivarem no espírito alguma triste recordação do seu passado. Madge e Simão Ford vigiavam-na com uma espécie de severidade, ou, para melhor dizer, de feroz solicitude. Não passavam despercebidas à pobre menina estas sucessivas precauções. Da sua boca, porém, nunca saía um queixume.

Perceberia ela que tudo isto se fazia para seu bem? Talvez. Verdade é que do seu lado também não era menor o interesse que tinha pelos outros. A sua felicidade só era completa quando via reunidos em casa todos aqueles que estimava. Ao voltar à noite o seu noivo, Nell não podia reprimir um movimento de louca alegria, pouco em relação com a sua índole, mais reservada que expansiva. Aproximava-se no dia seguinte a hora de ele voltar para o trabalho, era Nell a primeira a levantar-se. E a sua inquietação recomeçava desde que o via ausentar-se com seu pai em direcção às galerias inferiores. Harry desejava que se antecipasse o dia do casamento para sossegar a pobre Nell. Parecia-lhe que só desta maneira cessaria a perseguição de que ele e os seus estavam a ser vítimas. E diga-se que esta mesma reflexão faziam também Jaime Starr e Simão Ford. Cada um por seu lado, incluindo Madge, ia contando com impaciência os dias que ainda faltavam. A verdade é que todos andavam sob a impressão de terríveis pressentimentos. Já se dizia baixinho que a existência de Nell não podia deixar de se prender com aquele inimigo misterioso, que ninguém via, e que a todos os momentos afirmava o seu poder destruidor. Temia-se que o acto solene da união de Nell com Harry desse lugar a alguma nova manifestação do seu ódio entranhado.

Uma semana antes do dia marcado para o casamento, impelida talvez por alguma sinistra preocupação, Nell chegou a sair do seu quarto sem que ninguém desse por tal.

205

Ao abrir a porta que dava para o lago Malcolm, soltou-se-lhe dos lábios um grito de tremenda angústia.

Este grito, que ecoou em toda a casa, atraiu logo junto dela toda a família.

Nell ficara pálida, imóvel, e com as feições completamente transtornadas. Sem poder proferir uma palavra, o seu olhar estava cravado na parte exterior da porta. Transida de terror, a sua mão trémula e febril apontava para estas linhas que tinham sido traçadas durante a noite:

"Tu, Simão Ford, roubaste-me o último filão das nossas velhas hulheiras! Harry, teu filho, roubou-me Nell! Maldição sobre todos vós! Maldição sobre a Nova Aberfoyle, que tem os seus dias contados!

SILFAX."

- Silfax! - exclamaram ao mesmo tempo Madge e Simão Ford. - Quem é este homem? - perguntava Harry, olhando alternativamente para seus pais e para sua noiva. - Silfax! Silfax! - repetia Nell num paroxismo de dor.

E o seu corpo tremia convulsivamente, enquanto Madge diligenciava conduzi-la quase à força para dentro de casa. Jaime Starr acudiu entretanto para saber o que se passava. Ao ler com atenção a terrível ameaça escrita na porta, voltou-se para o velho overman exclamando:

- A mão que traçou estas linhas foi a mesma que me dirigiu a carta anónima. Sabes agora quem é este homem, Simão Ford?

CAPÍTULO XX

O PENITENTE

O nome de Silfax fora como que uma revelação para o velho overman. Silfax chamava-se com efeito o último "penitente" das hulheiras de Aberfoyle.

Antes de adoptada a lâmpada de Davy,, Simão Ford conhecera aquele homem rude e intratável, que tinha por ofício provocar dentro das galerias as explosões parciais do grisú, expondo para esse fim a vida com incrível temeridade. Esse ente singular andava sempre acompanhado de um enorme harfang(1) - espécie de estrige monstruosa, que o auxiliava no seu arriscado mister, levando nas garras uma torcida inflamada aos pontos mais altos, onde ele não chegava com as mãos. Um dia desapareceu de todo esse homem, desaparecendo também com ele uma pequena órfã, sua neta, nascida dentro da hulheira. Era evidente que essa criança não podia ser outra senão a noiva de Harry. Havia portanto já quinze anos que aqueles dois entes viviam ignorados no fundo de alguma caverna

*1. Harfang - estrige ou coruja de grandes dimensões, que vive nas regiões árticas, e se dedica especialmente à caça das lebres. O nome deriva de duas palavras anglo-saxónias: hare, lebre, e fangan apanhar.

Conservou-se-Lhe a designação que tem em inglês e francês por não haver na nossa língua palavra para designar semelhantes aves. (N. do T.)

208

quando o filho de Simão Ford salvou da morte a pobre Nell.

Foi, dominado por um duplo sentimento de cólera e de compaixão, que o velho overman contou a Harry e a Jaime Starr estes factos, cuja lembrança o nome de Silfax lhe tinha avivado.

Definia-se finalmente a situação. Era Silfax o ente invisível, que debalde se procurara até ali nas profundezas da Nova Aberfoyle.

- Com que então conheceste bem esse homem? - perguntou Jaime Starr.

- Conheci - respondeu Simão Ford. - Chamavam-lhe o homem do harfang. Já não era novo. Devia ter mais quinze a vinte anos do que eu. Dotado de um temperamento irascível e sombrio, quase que não falava com os companheiros. Era arrojado a ponto de não ter medo da água nem do fogo. Fizera-se penitente por gosto. Esta perigosa profissão, de que todos fugiam, desarranjara-lhe a cabeça. Diziam que era mau, quando talvez não fosse senão doido. Era de uma força prodigiosa. Conhecia as hulheiras como ninguém, pelo menos tanto como eu. Afirmava-se que tinha bem com que passar. Por minha fé, que o julgava já morto há muitos anos.

- Mas - tornou Jaime Starr - que pretenderá ele dizer com estas palavras: "Roubaste-me o último filão das nossas velhas hulheiras?"

- Agora! Agora! - redarguiu Simão Ford. - Em consequência, como já disse, do seu desarranjo mental, Silfax havia muito tempo que se julgava com direitos à posse da antiga Aberfoyle. Quanto mais as galerias se esgotavam, as suas galerias, mais ele se tornava rancoroso e feroz. Dir-se-ia que os golpes das picaretas lhe arrancavam as próprias entranhas. Tu deves lembrar-te dele, Madge.

- Lembro, lembro - respondeu a mãe de Harry.

- O nome de Silfax - acrescentou Simão Ford - é o que me trouxe à memória estas coisas.

209

Torno, porém, a dizer que julgava morto há muitos anos o velho penitente, que nunca me podia passar pela cabeça que fosse ele o autor de tantas desgraças.

- Efectivamente - disse Jaime Starr - tudo agora se explica sem dificuldade. Houve um acaso que revelou a Silfax a existência do novo jazigo. No seu egoísmo de doido, quis guardá-lo só para si, empregando para isso os meios de que podia dispor. Vivendo dentro da hulheira, e percorrendo-a dia e noite, foi-lhe fácil saber que tu, Simão, estavas para me escrever. Daí a carta anónima que me enviou, a fim de neutralizar a tua, e toda a série de vinganças por ele projectadas desde a pedra que nos arremessou nas galerias da velha mina até fechar-nos dentro da Nova Aberfoyle-donde saímos, já não posso duvidá-lo, graças à generosa interferência da boa e querida Nell.

- Diz muito bem, senhor Jaime Starr - tornou Simão Ford. -

As coisas não podiam passar-se de outra maneira. O velho penitente cada vez está mais doido! - Antes doido do que mau! - exclamou Madge.

- Não sei, Madge - disse Jaime Starr, abanando a cabeça. - A doidice desse homem deve ser terrível. Ah! compreendo agora porque Nell tremia toda ao lembrar-se do seu nome. A pobre criança não se atrevia a denunciar seu avô! E que triste existência deve ela ter tido na companhia daquele homem!
- É verdade! - acrescentou Simão Ford. - Ver-se obrigada a viver com um doido e um pássaro, tão arisco e bravo como o dono! Porque para mim é ponto de fé que aquele maldito harfang ainda não morreu. Foi ele decerto que nos apagou a lanterna dentro da hulheira, e que tentou partir a corda a Harry naquela arriscada ascensão do fundo do poço. - E é de crer - disse Madge - que esse homem esteja duplicadamente furioso depois de saber que a sua neta vai casar com o nosso filho.

210

- Isso decerto! - replicou Simão Ford. - O casamento de Nell com o filho do mineiro que ele acusa de lhe ter roubado o último jazigo carbonífero devia, por força, torná-lo inconciliável.
- E, contudo, é preciso que ele se resigne a este enlace! - exclamou Harry. - Por maior que seja o seu horror pelos nossos hábitos de vida, sempre há-de vir a concordar que a nova existência de Nell é muito preferível à antiga. Estou certo, senhor Starr, que se chegarmos a lançar-lhe a mão, acabaremos por convencê-lo desta verdade.
- Não se discute com a demência, meu pobre Harry - tornou o engenheiro. - Entretanto, bom é saber quem temos por inimigo. Devemos continuar a precaver-nos, e para isso convém que tu interrogues Nell. Assim é preciso. Ela não pode ignorar que a continuação do seu silêncio seria uma inqualificável imprudência. Em proveito de seu próprio avô, urge que a tua noiva se explique. Importa, não só para nós como para o velho Silfax, que possamos destruir completamente os seus projectos sinistros.
- Eu creio, senhor Starr - disse Harry -, que Nell não deixará de vir voluntariamente explicar-se. Como vimos, era por consciência e dever que ela se conservava calada. Será por consciência e dever que ela agora há-de falar. Minha mãe teve razão em levá-la para o seu quarto. Nell precisava de juntar as suas ideias, e eu vou já pedir-lhe...
- É inútil, Harry - atalhou Nell com voz pausada e firme, entrando para a sala onde todos estavam reunidos. Nell vinha extremamente pálida.

Os olhos ainda húmidos denunciavam as lágrimas que tinham chorado. Mas a postura cheia de dignidade mostrava a resolução que a sua lealdade Lhe acabava de aconselhar. - Nell! - exclamou Harry, correndo para ela. - Harry! - disse Nell, fazendo parar com um gesto o seu noivo. - É preciso que tu e teus pais saibam hoje toda a verdade.

211

É preciso que também o senhor Jaime Starr não fique ignorando as diferentes circunstâncias que se prendem com a pobre criança tão

benignamente acolhida nesta casa, e que melhor fora nunca ter saído do abismo onde ela ia morrer!

- Que dizes, Nell?! - balbuciou Harry.

- Deixa-a falar - disse Jaime Starr, impondo silêncio a Harry.

- Sou neta do velho Silfax - prosseguiu Nell. - Mãe não tive outra na minha vida senão a que vim encontrar aqui. - E, dizendo isto, lançava um olhar de gratidão para o lado onde estava Madge.

- Louvado seja o dia em que me foi dado poder-te chamar filha! - respondeu a boa escocesa.

- Não conheci outro pai que não fosse o senhor Simão Ford, e só soube o que era a amizade quando pela primeira vez as mãos de Harry se enlaçaram com as minhas. Durante quinze anos vivi só com meu avô, não digo bem, eu nem com ele vivia, porque raras eram as vezes que chegava a poder vê-lo. Quando meu avô saiu da antiga Aberfoyle, foi para estas profundezas que veio refugiar-se. A esse tempo ainda ele era bom para mim, apesar dos seus modos secos e desabridos. Vivíamos do que ele ia buscar ao exterior; lembro-me ainda vagamente de ter sido amamentada na infância por uma cabra. O pobre animal porém morreu, e eu senti com isso tamanha dor, que meu avô, para me distrair, trouxe-me um cão. O cão infelizmente era alegre e buliçoso, ladrava muito, e meu avô detestava tanto a alegria como a bulha. Tendo-me educado a estar sempre calada, não consegui do cão a mesma coisa. Por isso veio um dia em que nunca mais tornei a ouvir aquele inocente companheiro dos meus pesares. O avô tinha grande estimação por um pássaro que eu não podia encarar sem ficar transida de medo. Todavia, este pássaro, apesar do tédio que me inspirava, mostrou-se tão meu amigo que eu tive de acabar por ser também amiga dele. O harfang já por último obedecia mais à minha voz que à do avô,

212

e isto inquietava-me bastante, pois sabia que o avô era invejoso. Eu e o harfang ocultávamos quanto podíamos a nossa recíproca afeição. Tínhamos como que um pressentimento de que assim era preciso. Mas para que hei-de estar eu a cansá-los com a história do meu passado? Falemos do presente.

- Não, não minha filha - ponderou Jaime Starr. - Conta as coisas à maneira que elas te forem lembrando.

- Meu avô - continuou Nell - nunca viu com bons olhos a vizinhança da família Ford dentro da hulheira. O espaço, contudo, abundava ali para todos. Era sempre longe, muito longe, da travessa Dochart que ele procurava residir. Incomodava-o a ideia de ter alguém junto de si. Quando eu lhe dirigia alguma pergunta sobre o exterior e seus habitantes, fazia-se carrancudo, e ficava sem responder por muito tempo. Mas quando a sua desesperação não conheceu limites foi no dia em que soube que Simão Ford e seu filho, não se contentando com os terrenos da antiga hulheira, procuravam devassar novos domínios. Cego de raiva, jurou então que havia de desembaraçar-se de todos aqueles que porventura se quisessem apropriar da Nova Aberfoyle. Apesar dos anos, é dotado de uma força prodigiosa, e eu cheguei a tremer pelas consequências do seu ódio.

- Continua, minha filha - disse Simão Ford a Nell, que tinha parado um instante como para reunir melhor as suas ideias. - Logo depois das

primeiras tentativas - prosseguiu Nell -, logo depois que todos aqui presentes conseguiram entrar nas extensas galerias da nova mina, meu avô apressou-se a fechar-lhes a retirada, condenando-os a uma lenta e fatal agonia. Eu mal conhecia os moradores da antiga Aberfoyle, que uma ou outra vez apenas entrevira de longe na obscuridade. Mas não me pude conformar que entes cristãos fossem para ali morrer de fome, e, com risco de ser surpreendida, cheguei a levar-lhes durante alguns dias uns pedaços de pão e uma pouca de água.

213

Quisera tê-los retirado daquela prisão; mas era tão difícil enganar a vigilância do avô!... Nisto apareceu Jack Ryan seguido de outros homens. Era Deus que os enviava! A Providência permitiu que os encontrasse no meu caminho. Servi-lhes de guia até ao ponto onde jaziam os encarcerados. À volta fui apanhada por meu avô. Não se descreve a sua cólera contra mim! Julguei que ia morrer nas suas mãos. Desde essa época tornou-se-me a vida insuportável. A razão do meu avô perdeu-se completamente. Dizia-se o rei das sombras e do fogo!

Quando ele ouvia os mineiros a rasgar com as picaretas os filões que tinha por seus, tornava-se medonhamente furioso, e batia-me então com entranhado rancor. Quis fugir-lhe. Não pude, porque estava sempre vigiada por ele. Finalmente, há-de haver três meses, num acesso de horrível loucura, lançou-me no abismo onde Harry me encontrou. Depois desapareceu, chamando inutilmente pelo harfang, que, mais compadecido, ficou junto de mim sem querer abandonar-me. Que tempo estive eu ali? Ignoro. O que sei apenas é que sentia aproximar-se a minha última hora, quando me apareceste, meu Harry. Mas tu bem vês... a neta do velho Silfax não pode ser a companheira de Harry Ford. Opõe-se a isso o ódio de meu avô - ódio terrível e fatal que não recuaria mesmo diante de um crime.

- Nell! - disse Harry.

- Não prossigas - retorquiu Nell. - Sinto-me forte para o sacrifício. Há só um meio de conjurar o mal: voltar de novo para junto de meu avô. Ele ameaça destruir a Nova Aberfoyle. É um homem incapaz de se condoer, e ninguém pode calcular o que a sua vingança lhe terá sugerido. O meu dever está, bem traçado. Seria a mais desprezível das criaturas, se hesitasse um momento em cumpri-lo. Devo, pois, separar-me destes sítios para mim tão caros. Principiei a conhecer aqui a felicidade. Suceda o que suceder, o meu coração estará sempre convosco, sempre! Agora, adeus... ;adeus, meus bons amigos.

214

A estas palavras todos se levantaram espantados. Harry estava louco de dor.

- Que dizes, Nell - exclamaram angustiadamente Madge e Simão Ford.

Jaime Starr, afastando todos com um gesto cheio de autoridade, aproximou-se de Nell, e tomou-lhe ambas as mãos. - Muito bem, minha filha - disse ele. - Falaste como devias falar. Agora, porém, ouve a nossa resposta. Sabes que não te deixaremos sair, e, se tanto for preciso, guardar-te-emos à vista. Julgavas-nos capazes de cometer uma cobardia,

aceitando o sacrifício da tua felicidade? Nunca! São para temer as ameaças do velho Silfax? Embora. No fim de tudo, ele só é um homem, e nós saberemos tomar as nossas precauções. Contudo, talvez tu possas dizer-nos onde ele se oculta. Nós só temos em mira um desejo: tolher a teu avô os meios de ser perigoso, e procurar restituir-lhe a razão, se tanto for possível. - O senhor Jaime Starr engana-se - respondeu Nell. - Meu avô está por toda a parte, sem estar em nenhuma. Nunca pude saber onde eram os seus esconderijos. Nunca o vi uma só vez adormecido. Quando me decidi a deixá-los, já imaginava o que o senhor Jaime Starr iria dizer-me para modificar a minha resolução. Mas creiam no que lhes digo! Há só um meio de desarmar meu avô: é de novo procurá-lo. Se bem que aparentemente invisível, sabe tudo o que se passa em torno dele. A prova está no modo por que descobriu os projectos da nova exploração. Se meu avô não andasse por toda a parte, como poderia ele ter adivinhado o meu casamento com Harry? Pelo que eu própria observava, meu avô, apesar de louco, era de uma grande lucidez nas suas ideias. Em pequena dizia-me coisas admiráveis. Foi ele que me ensinou a crer em Deus, e só num ponto me Iludiu: foi quando me quis convencer que eram falsos todos os homens, procurando assim inspirar-me contra a humanidade o imenso ódio de que estava possuído.

215

- Quando Harry me arrancou do fundo daquele abismo, trazendo-me para aqui, todos julgaram que eu só era ignorante. Enganavam-se. Eu não era só ignorante; era também desconfiada!

Perdoem essa fraqueza. Durante os primeiros dias, julguei-me em poder dos maus, e desejei fugir-lhes. O que me fez voltar a mim foi o espectáculo que me deu a mãe de Harry, mais pelos seus actos que pelas suas palavras: foi a veneração de que ela era objecto por parte da sua família e dos seus amigos. Depois, quando vi esses operários de rosto alegre e levantado em presença do senhor Starr, de quem os supunha simples escravos; quando vi pela primeira vez toda a população de Coal-City ajoelhar-se em oração na capela de São Gilles, agradecendo a Deus os seus infinitos benefícios; então disse comigo: Meu avô enganou-me! Hoje, porém, que já sei apreciar melhor as coisas, graças ao carinho e amor com que fui instruída, creio que também ele se enganava nas suas apreciações injustas. Vou pois lançar-me através desses misteriosos caminhos por onde o acompanhei tantas vezes. Meu avô deve presentir-me. Chamá-lo-ei. Há-de ouvir a minha voz... e quem sabe? talvez que, vendo-me de novo a seu lado, Deus nos faça o milagre de lhe restituir a razão. Ninguém se atrevera a interromper Nell. Todos a tinham deixado expor livremente as suas impressões, agora que ela, movida por um impulso generoso, supunha ir afastar-se para sempre da companhia dos seus amigos.

Mas quando Nell, com a voz embargada pela comoção e os olhos anuviados de lágrimas, se calou de todo, Harry, voltando-se para Madge, exclamou:

- Que ideia formaria minha mãe do homem que, depois destas palavras, se lembrasse de abandonar a sua noiva?
- Para mim, esse homem - respondeu Madge - não passaria de um cobarde, e, se fosse meu filho, renegá-lo-ia, amaldiçoando-o.
- Ouviste o que disse minha mãe, Nell? - replicou Harry.

216

- Já vêes que onde tu fores, hei-de eu também seguir-te. Se insistes pois em partir, teremos de partir juntos.

- Harry! Harry!. - balbuciou Nell.

A emoção, porém, fora superior às suas débeis forças. A pobre menina empalideceu mortalmente e deixou-se cair sem sentidos nos braços da mãe de Harry.

CAPÍTULO XXI

O DIA DO NOIVADO

DEPOIS desta cena comovedora, todos se afastaram, não sem primeiramente se ter combinado que era preciso vigiar cada vez mais a residência de Simão Ford. O velho Silfax indicara tão claramente o seu pensamento, que seria imprudência não estar prevenido contra ele. Chegou-se até a recear que o antigo penitente se lembrasse de destruir a Nova Aberfoyle por meio de alguma terrível combinação só dele conhecida:

Para prevenir essa hipótese, puseram-se em todas as saídas da hulheira diferentes guardas armados, que se rendiam de duas em duas horas. Qualquer pessoa estranha à mina era logo conduzida perante o engenheiro Jaime Starr, a fim de provar a sua identidade. Assentou-se, como necessário, informar os mineiros das ameaças que estavam iminentes sobre a sua pequena cidade. Como Silfax não tinha relações em Còal-City, entendeu-se que por este lado não havia perigo de traição a favor dele. Indicaram-se a Nell as medidas de precaução que se tinham tomado, e, sem que a pobre menina ficasse de todo serenada, pôde ao menos recuperar algum sossego.

Entretanto o firme propósito em que estava Harry de seguir a sua noiva onde quer que ela fôsse tinha influído muito para decidir Nell a prometer que não fugiria da casa de Simão Ford.

218

Durante a semana que precedeu o casamento, nenhum incidente veio perturbar a marcha regular dos trabalhos na Nova Aberfoyle. Por isso também os mineiros, sem prescindirem das medidas de segurança já adoptadas, foram gradualmente perdendo o terror de que andavam possuídos.

Jaime Starr não afrouxou porém nas diligências empregadas para que se procurasse por toda a parte o velho Silfax. Tendo o antigo penitente dado a perceber que Nell não seria esposa de Harry, devia-se esperar que ele não recuaria diante de nenhum crime para impedir um tal casamento. O empenho portanto do engenheiro era apoderar-se do louco sem contudo pôr em risco a sua vida. Não se pouparam nesse sentido as mais aturadas pesquisas dentro da hulheira. Examinaram-se com cuidado todas as galerias até aos andares superiores que afloravam as ruínas de Dundonald-Castle, em Irvine. Supunha-se com fundamento que devia ser pelo velho castelo que Silfax comunicava com o exterior e se abastecia dos poucos objectos necessários à sua mesquinha subsistência. Quanto às "Damas de Fogo", lembrou-se Jaime Starr que o antigo penitente poderia muito bem ter inflamado alguma porção

de grisú, acumulada nesta parte da hulheira, produzindo assim aquele fenómeno tão sobrenatural aos olhos de Jack Ryan. E o engenheiro não se enganava no seu cálculo. Todavia as pesquisas por causa do velho Silfax continuaram infelizmente sem resultado. Quem mais sofria com esta luta de todos os momentos, embora o não desse a perceber, era o engenheiro Jaime Starr. As suas apreensões contra um homem completamente invisível cresciam à proporção que se aproximava o dia do noivado. Chegou até a parecer-lhe que devia por excepção comunicá-las ao velho Overman. Este, quando teve notícias delas, ainda ficou mais sobressaltado que o próprio engenheiro.

O dia aprazado chegou enfim!

219

Silfax continuava a não dar sinais de vida.

A população inteira de Coal-City começou a mover-se muito cedo. Nesse dia não se trabalhou na Nova Aberfoyle. Mestres e operários, todos se empenharam em vir dar pessoalmente os parabéns ao velho Overman e a seu filho, a cuja perseverança e arrojo eles deviam o bom êxito da actual exploração. O casamento havia de efectuar-se às quinze horas na capela de São Gilles, situada sobre as margens do lago Malcolm., À hora indicada viram-se aparecer Simão Ford dando o braço a Nell, e Harry dando o braço a sua mãe.

Caminhavam atrás deles o engenheiro Jaime Starr, aparentemente impassível, porém no fundo muito preocupado, e Jack Ryan, eufórico e muito elegante com o seu fato de dias de festa.

Depois seguiam-se os outros engenheiros da mina, as principais autoridades de Coal-City, os amigos e Companheiros do velho Overman, todos os membros enfim desta grande família de mineiros, que formava a população especial da Nova Aberfoyle.

Fora da mina dava-se um desses dias abrasadores e de trovoada do mês de Agosto, particularmente insuportáveis nas regiões situadas ao norte. O ar exterior penetrava até às profundidades da hulheira, onde a temperatura se tinha elevado de um modo anormal. A atmosfera saturava-se de electricidade por intermédio dos poços de arejamento e do grande túnel do caminho de ferro da mina.

Quem naquele momento consultasse o barómetro em Coal-City, veria com espanto que ele tinha baixado consideravelmente. Era caso para se perguntar se debaixo daquela abóbada de xisto que formava o céu da imensa gruta não iria desencadear-se também alguma tremenda trovoada.

220

A verdade, porém, é que dentro da hulheira ninguém se preocupava com as lutas atmosféricas que podiam surgir sobre a terra.

Como era bem de supor todos se tinham preparado com os seus fatos para assistirem à cerimónia.

Madge vestia à moda do velho tempo. Vinha penteada como as antigas matronas e sobre os ombros caía-lhe o rokelay, espécie de mantilha de quadrados, que as escocesas costumam usar com certa elegância.

Nell tinha prometido a si mesma que não havia de dar a conhecer as inquietações do seu espírito. Impondo silêncio ao coração, e dominando as angústias que a oprimiam, a corajosa menina mostrava a todos um rosto afável e suave.

A simplicidade do seu traje - simplicidade que ela preferia aos alegres adornos de uma menina - mais lhe fazia realçar a própria formosura. Por enfeite na cabeça levava apenas uma suood, feita de cores variegadas, com que se penteiam as jóvens caledonianas:

Simão Ford vestia um fáto digno de figurar no corpo do respectivo bailio Nichol Jarvie, de Walter Scott. O cortejo dirigiu-se todo para a capela de São Gilles, previamente ornamentada com muito gosto.

Nas alturas de Coal-City, os discos eléctricos, anunciados por correntes mais intensas, resplandiam como se fossem outros tantos sóis: A Nova Aberfoyle achava-se esplendidamente envolvida numa atmosfera luminosa.

Os lampadários eléctricos da capela projectavam também vívidos clarões; e os vidros coloridos do altar-mor brilhavam como se fossem caleidoscópios.

Era o reverendo W. Hobson que devia celebrar o enlace. O estimado sacerdote esperava pelos noivos à porta de São Gilles.

Nisto acercoù-se a comitiva, depois de ter percorrido festivamente as margens do lago Malcolm.

221

Ao mesmo tempo começaram a ouvir-se as plangentes melodias do órgão, e os noivos acompanhados de Simão Ford e Jaime Starr dirigiram-se para o altar da capela.

O reverendo W. Hobson, depois de ter lançado a bênção sobre todos os assistentes, pegou no livro santo, e chamou para junto de si os noivos.

- Harry - perguntou o sacerdote -, quereis receber Nell por esposa?...

- Quero - respondeu Harry com voz firme.

- E vós, Nell, quereis receber Harry por marido? Não tinha ainda a noiva tido tempo de responder, quando de fora da capela se ouviu romper um sinistro clamor.

Um dos enormes rochedos, que existiam à flor de água inclinados sobre a margem do lago Malcolm, acabava de tombar sem explosão, a cem passos da capela, como se a sua queda fosse devida a um plano premeditado. Por baixo dele via-se agora uma profunda escavação, que ninguém conhecia e através da qual se precipitavam as águas com extrema violência. Depois, entre os diversos fragmentos do rochedo desmoronado apareceu de repent uma canoa, que um impulso vigoroso atirou para o meio do lago.

Nessa canoa encontrava-se um velho de olhar sinistro, barbas alvíssimas, caindo sobre o peito, roupas talares e a cabeça coberta por um capuz.

Trazia na mão uma lâmpada de Davy, cuja chama, protegida pela rede metálica do aparelho, brilhava fulgurantemente. Ao mesmo tempo ouviu-se a voz cava do velho gritando:

- O grisú! O grisú!... Soou a hora da minha vingança! E pela atmosfera da hulheira começou a espalhar-se o cheiro próprio do hidrogénio protocarbonado. Era evidente que a queda do rochedo tinha dado livre passagem a uma grande quantidade de grisú, acumulado até ali em cavidades de que os xistos obstruía o orifício.

Os jactos de grisu elevavam-se para as abóbadas do lago, sob uma pressão de cinco a seis atmosferas.

Aquele velho fatal sabia da existência desses depósitos de grisu, e soltara-os agora com o fim de produzir uma horrível explosão.

Entretanto, Jaime Starr e alguns outros engenheiros tinham saído precipitadamente da capela, dirigindo-se para o lago. - Fugam da mina! Fugam da mina! - bradou Jaime Starr, que, tendo compreendido a iminência do perigo, procurava prevenir dele quanto antes a população de CoalCity. - O grisu! O grisu! - repetia com riso cavernoso o velho demente, impelindo a sua barquinha para diante. Harry puxou para si a noiva, o pai e a mãe, e saiu precipitadamente com eles da capela. - Fugam da mina! Fugam da mina! - continuava a bradar Jaime Starr.

Já era tarde para fugir! O velho Silfax lá estava prestes a executar a sua derradeira ameaça, prestes a impedir o casamento de Nell, enterrando toda a população de Coal-City sob as ruínas da hulheira.

Por sobre a cabeça de Silfax esvoaçava o seu inseparável harfang, cujas penas brancas eram mosqueadas de pintas negras. Ao mesmo tempo lançava-se um homem ao lago, nadando vigorosamente em direcção da canoa.

Era Jack Ryan, que procurava deitar a mão ao doido, antes de ele poder pôr em prática o seu nefasto projecto.

Silfax, percebendo a intenção de Jack Ryan, quebrou o vidro à lâmpada, e extraiu-lhe a torcida em chama, que principiou a agitar no ar.

Toda aquela população aterrada guardava um silêncio de morte. Jaime Starr, resignado, admirava-se de que a explosão fatal e inevitável ainda se não tivesse produzido.

Silfax, cerrando os punhos convulsivamente, notou cheio de raiva que o grisu demasiadamente ligeiro, se tinha todo acumulado nas alturas da cúpula do lago.

A um gesto dele, porém, o harfang, segurando com as garras a torcida inflamada, como dantes fazia nas hulheiras de Aberfoyle, levantou voo em direcção ao ponto que o louco lhe indicava com a mão.

A Nova Aberfoyle estava fatalmente condenada. A sua destruição dependia apenas de alguns segundos.

Então, como que inspirada por uma revelação celeste, Nell deitou a correr afoita e corajosa para junto das margens do lago.

- Harfang! Harfang!... - bradou ela com voz enérgica e vibrante. - Aqui já! Aqui já!

A estrige, ouvindo que a chamavam, hesitou em obedecer.

Reconhecendo, porém, a voz de Nell, deixou cair nas águas a torcida incendiária, e, traçando um largo círculo, veio pousar, fiel e submissa, aos pés da sua amiga de tantos anos. As alturas da abóbada de xisto, onde o grisu se tinha já confundido com o ar, não chegaram a ser alcançadas pelo fogo. Do meio do lago partiu ao mesmo tempo um grito de horrível imprecação. Foi o último que proferiu o antigo penitente. No momento em que Jack Ryan ia quase a deitar as mãos à canoa, o velho

louco, vendo fugir-lhe a projectada vingança, precipitou-se de súbito nas águas do lago. - Salvem-no! Salvem-no! - gritava Nell com a voz entrecortada pela dor.

Ouviu-a Harry, que se lançou também a nado. O filho de Simão Ford acercou-se de Jack Ryan, e, juntamente com ele, mergulhou repetidas vezes.

Os esforços que ambos empregaram foram, porém, infrutíferos! As águas do lago Malcolm não quiseram restituir a sua presa. Tinham-se fechado para sempre sobre o corpo do velho Silfax!

CAPÍTULO XXII

A LENDA DO VELHO SILFAX

SEIS meses depois destes acontecimentos, celebrava-se definitivamente o enlace de Nell com Harry Ford.

Depois de o reverendo W. Hobson ter abençoado aquela união, os noivos regressaram a casa, acompanhados dos seus amigos. Jaime Starr e Simão Ford presidiram com verdadeiro prazer às festas do casamento, que se prolongaram por dois dias. Foi nessa memorável circunstância que Jack Ryan, depois de ter enchido de vento a sua melhor gaita-de-foles, obteve um triplicado triunfo, tocando, cantando e dançando entre os gerais aplausos de um numeroso auditório.

Terminadas as festas, recomeçaram com a mesma actividade, dentro da hulheira, os trabalhos de mina e contramina, dirigidos pelo engenheiro Jaime Starr.

Escusado será dizer que Harry e Nell foram muito felizes na sua nova existência. Aqueles dois corações, tão feridos pelos reveses, encontraram no casamento as venturas de que eram dignos. Simão Ford, pela sua parte, elevado ao cargo de overman honorário da Nova Aberfoyle, esperava ainda viver bastante para celebrar o quinquagésimo aniversário do seu consórcio - louvável aspiração em que também o acompanhava a sua virtuosa esposa.

225

- E depois desse aniversário, porque não se há-de ainda festejar outro igual? - perguntava-lhe Jack Ryan.

- Contar duas vezes cinquenta anos de casado não deve ser lá grande coisa para um homem tão robusto como o nosso respeitável overman.

- Tens razão, Jack - respondia-lhe tranquilamente Simão Ford. - que haveria de extraordinário que neste clima agradável da Nova Aberfoyle, que neste centro onde se não conhecem as intempéries do exterior, chegasse uma pessoa sadia a contar de idade mais de cem anos?

Deveriam os habitantes de Coal-City presenciar ainda esta segunda cerimónia? Só ao futuro competia decidir a questão. Uma ave, contudo, que parecia estar destinada a viver longa existência, era a estrige do velho Silfax. É certo que, depois da morte do antigo penitente, Nell pretendia atraí-la junto de si; ela, porém, fugira-lhe de casa, apenas decorridos alguns dias.

Aquele harfang, além de nutrir contra a convivência dos homens sentimentos de repugnância iguais aos do seu falecido dono, mostrava por Harry uma antipatia especial. Dir-se-ia que não lhe perdoava o ter-lhe ele arrebatado do fundo do poço a companheira fiel de tantos anos de convívio. A verdade é que desde então Nell só de longe em longe conseguia avistá-lo, pairando melancolicamente sobre as águas do lago Malcolm. Viria até ali, guiado pelo desejo de tornar a ver a sua boa amiga? Ou queria perscrutar o fundo do abismo, onde se afundara subitamente o corpo do velho Silfax. Ambas as versões foram admitidas.

226

O harfang acabou por se tornar legendário, inspirando a Jack Ryan mais de uma história interessante, em que os génios e os duendes figuravam largamente.

E é, graças à facúndia deste notável improvisador que ainda hoje nos serões da Escócia se repete a lenda aterradora do velho Silfax - o antigo Penitente das hulheiras de Aberfoyle.

FIM

Digitalização e Arranjo

Amadora, Junho de 2001